

CARLINDO DE LIRA PEREIRA

JANELA PARA O INFINITO II

Lucas encontra Wilma...



EDITORA EDIFIKA

Neste livro, embarcamos numa aventura, que vai muito além do que podemos olhar e tocar. É sobre amor, claro, mas um amor testado nos limites da existência terrena e multidimensional! Prepare-se para conhecer Lucas e Wilma, dois corações, que se encontram em meio a um turbilhão de luzes e sombras. Eles vão te levar a lugares inesperados, a questionamentos, que, talvez, você, ainda, nunca tenha feito. Vamos embarcar...

ISBN: 978-65-85231-83-1



EDITORA EDIFIKA



Carlindo de Lira Pereira

Janela para o infinito II

Lucas encontra Wilma...



EDITORA EDFIKA

© COPYRIGHT 2026 BY CARLINDO DE LIRA PEREIRA.

(Todos os direitos reservados ao autor).

Edição: José Edson Cavalcante da Silva.

Diagramação: José E C Silva.

Capa: Design Editora Edfika.

Revisão Textual: Carlindo de Lira Pereira.



Esta obra é licenciada
sob uma Licença Creative
Commons Attribution-
ShareAlike4.0 Brasil.

COMITÊ EDITORIAL

Me. Maria Fabiana Brito - SEMED - Recife.
Dr^a. Elizabete Amorim de Almeida Melo - UFAL.
Dr. Jenivaldo Lisboa de Araújo – SEDUC/AL.
Dr. Elias Rocha Gonçalves – SEDUC/RJ.
Me. Luis Carlos Soares da Silva – UNEAL.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436j

PEREIRA, Carlindo de Lira. *Janela para o infinito II: Lucas encontra Wilma...* – 1^a Edição / Carlindo de Lira Pereira. – Arapiraca / Alagoas: Editora Edfika, 2026.

172 p. In 14,8 x 21 cm (15 x 21 cm)

ISBN: **978-65-85231-83-1** (*LIVRO DIGITAL*).



1. Janela 2. Infinito 3. Amor 4. Encontro 5. Romance 6. Vida I. Título II. Autor.

CDD

B869.93

<https://www.cuttersonline.com.br/registro/1f17589b-e814-68ee-8b08-fa163e25d663>

Índices para catálogo sistemático:

B869.93 – Romance (Literatura brasileira – Romance) crônica, conto, novela, cartas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
CAPÍTULO 1	
O Encontro	09
CAPÍTULO 2	
O Desenvolvimento do Amor	19
CAPÍTULO 3	
Encontro com o Desconhecido	33
CAPÍTULO 4	
A Luta Interna	47
CAPÍTULO 5	
Paixão 3 Conflito	61
CAPÍTULO 6	
O Destino e Decisões	75
CAPÍTULO 7	
A Possessão	89
CAPÍTULO 8	
A Amnésias	103

CAPÍTULO 9

A Transformação de Lucas	117
--------------------------------	-----

CAPÍTULO 10

Revelações de Wilma	129
---------------------------	-----

CAPÍTULO 11

A Busca por Respostas	145
-----------------------------	-----

CAPÍTULO 12

O Enfrentamento Final	157
-----------------------------	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
-----------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO



E aí, pessoa! Que bom ter você aqui, abrindo as páginas de "Janela para o Infinito II: Lucas encontra Wilma". Sabe, a gente se encontra em tantas histórias por aí, mas essa... essa aqui é diferente. Prepare-se para uma viagem. Uma viagem profunda, dessas que mexem com a gente por dentro!

Neste livro, embarcamos numa aventura, que vai muito além do que podemos olhar e tocar. É sobre amor, claro, mas um amor testado nos limites da existência terrena e multidimensional! Prepare-se para conhecer Lucas e Wilma, dois corações, que se encontram em meio a um turbilhão de luzes e sombras. Eles vão te levar a lugares inesperados, a questionamentos, que talvez você, ainda, nunca tenha feito. Vamos embarcar...

Imagine só: um clube noturno, daqueles que a gente sente a energia vibrar na pele. É ali que tudo começa. Um olhar, uma atração... e de repente, a vida de Lucas se transforma. Ele busca algo a mais, algo que preencha um vazio, que nem ele sabe explicar. E é aí que Wilma entra em cena. Uma mulher com um jeito único de viver o mundo, com ideias que te fazem pensar e acreditar no impossível.

Mas, calma que não é só romance! Prepare-se para o inesperado, porque a história toma um rumo... digamos... *surpreendente*. A partir daí a coisa fica imprevisível. Sonhos

que viram pesadelos, presenças multidimensionais, que desafiam a nossa compreensão, uma luta diária e constante entre o que parece ter fundamento real e o que parece possibilidades do real.

O que posso te adiantar é que você vai se encontrar, se questionar e se emocionar! Vai sentir um friozinho no plexo solar, popularmente conhecido como “frio na barriga”, e vai naturalmente se perguntar, o que está acontecendo? E vai se identificar, de alguma forma, com as angústias e as esperanças de Lucas e Wilma. É uma jornada que nos faz refletir sobre a força do amor, sobre a coragem de enfrentar nossos medos e sobre a fé naquilo que não podemos ver.

Prepare-se para mergulhar nas minis histórias, que te tocarão a sensibilidade, em reviravoltas que te farão prender a respiração. Acredite, eu coloquei toda a minha essência eterna nessas páginas. Elas estão repletas de reflexões profundas, daquelas que a gente leva para a vida!

Acredito, que você vai se sentir cativado(a). Tenho certeza de que este livro te trará um sentimento **zen**, mas também, momentos **hilários** e **sedutores**. Acredito que ele será **reconfortante** em certos momentos e **intrigante** em outros. Ele é fundamental para quem busca respostas para as grandes perguntas: Onde estou? Quem eu sou? Por que viver é assim?

Espero que você se junte a mim nessa jornada singular. Que este livro seja para você uma **janela** para o infinito, um portal

para o autoconhecimento e uma lembrança constante de que o amor, em todas as suas formas, é a força mais *poderosa* que existe!

Sinta-se abraçado.

Carlindo de Lira Pereira.



CAPÍTULO 1

O Encontro

A névoa espessa e azulada do "Êxtase" engolia cada alma que ousava adentrar suas portas. Era um templo pagão da noite, onde a música eletrônica pulsava feito um coração frenético, ditando o ritmo alucinante de uma multidão em êxtase. As luzes, como estrelas cadentes, riscavam a escuridão com seus raios lasers, pintando os rostos de desconhecidos com cores vibrantes e efêmeras. O cheiro, uma mistura inebriante de perfume caro, suor humano e cigarro, pairava no ar, um aroma decadente que provocava a libido. A cada batida, o chão tremia sob os pés, a vibração ascendendo pelas pernas e se espalhando por todo o corpo. O calor, intenso e úmido, abraçava cada pessoa, unindo-as em uma dança tribal, um ritual de entrega e prazer.

Em meio a essa cacofonia sensorial, Lucas movia-se como um náufrago em alto mar. Sozinho, perdido em meio à multidão, observava o espetáculo com um olhar distante, quase melancólico. Seus olhos percorriam os corpos, que se contorciam freneticamente, as bocas, que sussurravam promessas vãs, os sorrisos que se desfaziam com a mesma rapidez com que surgiam. Ele se sentia um estranho, um observador em um mundo que parecia ter esquecido o

significado da palavra "essência". Seus pensamentos vagavam, presos em um labirinto de questionamentos existenciais. O vazio, uma sombra constante, o acompanhava como um cão fiel. Buscava, sem saber o quê: Uma conexão genuína? Um instante de pura felicidade? Uma fagulha de significado em meio à superficialidade?

A roupa discreta, quase apagada, refletia sua personalidade reservada, a hesitação antes de se aproximar revelava a timidez, que o impedia de mergulhar de cabeça naquele oceano de sensações. A angústia, silenciosa e persistente, pairava sobre seus ombros, um fardo invisível que o impedia de sentir a leveza da vida! Será que ele, predestinado a ser um mero espectador, encontraria ali, naquele turbilhão de luzes e sons, o que tanto procurava? A resposta, como o futuro, permanecia envolta em probabilidades, escondidas nos interstícios da noite. A incerteza pairava no ar, tão densa e palpável quanto a fumaça que subia, lenta, em direção ao teto.

A chegada dela foi como um raio, uma descarga elétrica que cortou a névoa da solidão que me envolvia a décadas. Wilma, ainda não sabia o nome dela, surgiu na penumbra, emanando uma aura, campo eletromagnético, que desafiava a própria força física da natureza. Seus movimentos eram sinuosos, como os de uma felina à espreita, cada passo calculado como para hipnotizar. Ela parecia flutuar sobre o chão, seus olhos percorrendo o ambiente, como se buscasse algo, ou alguém, específico.

A forma como ela usava o olhar era impressionante. Havia uma combinação de mistério e desafio, uma promessa de segredos guardados a sete chaves! Seus lábios, pintados de um tom escuro e sedutor, curvavam-se em um sorriso sutil, mas que prometia prazeres proibidos. Ela exalava uma confiança que beirava a arrogância, e mesmo assim, algo em sua expressão sugeria uma fragilidade, uma vulnerabilidade escondida sob camadas de autoconfiança.

Nesse instante, nossos olhares se encontraram. Uma faísca, daquelas que acendem incêndios. Senti um choque, uma corrente que percorreu cada célula do meu corpo. Foi como se, de repente, o tempo tivesse parado, o som da música abafado, e o mundo ao redor se tornasse apenas um borrão rascunhado! Ela manteve o contato visual, e o que vi em seus olhos, naquele olhar de observadora quântica, que pelo simples ato de olhar, já modifica a coisa observada, foi um espelho que faz a coisa observada auto-observar-se, e vi o meu próprio anseio, a minha busca pessoal por algo que preenchesse meu vazio existencial, refletido nos olhos dela!

Aquele olhar... era uma ponte, uma conexão instantânea, uma promessa de entendimento mútuo. Senti como se a conhecesse há anos, ou de outro mundo, outra dimensão... Como se, finalmente, tivesse encontrado uma “alma, energeticamente, gêmea”, alguém que pudesse decifrar os enigmas que me atormentavam. Um sorriso brotou em meus lábios, um gesto involuntário, como se meus átomos, minhas

células, meu corpo soubesse, antes mesmo de minha mente, que algo extraordinário estava prestes a acontecer.

Em meio ao barulho e à multidão, houve um silêncio interno. Um silêncio que emitia sons, que parece só nós dois ouvíamos. Foi naquele instante que percebi que, talvez, naquela noite, no meio de tantas luzes e sons, eu não estivesse mais sozinho. Ela se aproximou, e a energia entre nós se intensificou, criando uma atmosfera cativante. Era como se, naquele instante, o destino tivesse nos unido, para que pudéssemos compartilhar uma dança energética, em outro nível da existência, uma experiência para além dos cinco sentidos humanos, um instante que, de alguma forma, mudaria nossas vidas para sempre.

A troca de olhares se intensificou, um jogo silencioso que ia além das palavras. A música, agora, era mais que um pano de fundo; ela se tornou um elemento ativo, um catalisador da atração eletromagnética crescente. As batidas naturais do coração, antes sentidas no peito, pareciam, agora, ecoar por todas as células do meu corpo pulsante, uma sinfonia, que preparava o terreno para algo inevitável. O Clube Êxtase repleto de pessoas ao nosso redor, cada luz, cada som, cada corpo em movimento contribuindo para a atmosfera de puro êxtase vivenciado internamente por mim. Era impossível não se deixar levar!

A hesitação deu lugar à coragem, e nossos olhares se encontraram por mais tempo, um convite silencioso. Wilma se aproximou, e eu, como num transe, movi-me em sua direção. O

espaço entre nós se desfez, fiquei em pé em sua frente e de repente, já estávamos dançando. A princípio, movimentos tímidos, quase cautelosos. Mas, a energia sonora do lugar, somada àquele momento único, nos impulsionou.

O toque inicial das mãos foi como um choque, uma descarga elétrica que percorreu meus nervos acendendo cada átomo, cada elétron do meu corpo. A pele dela, macia e incrivelmente quente, em contato com a minha, despertou algo novo dentro de mim, uma sensação profunda. Nossos corpos magneticamente se colaram, e pude sentir o calor dela, o cheiro suave de seu perfume, misturado ao aroma inconfundível do ambiente, uma combinação que, confesso, deixou-me tonto repentinamente. Os movimentos, antes hesitantes, tornaram-se mais ousados, mais fluidos, como se fôssemos um único ser dançante.

A dança nos levava para longe dali, para um mundo, dimensionalmente, vibratoriamente, só nosso. Cada passo era uma história partilhada, cada movimento uma revelação cochichada suavemente em nossos ouvidos. O olhar dela, intenso e profundo, parecia ler a essência eterna que vibra em meu peito. A atração, antes sutil, agora era intensa e palpável, uma força que nos puxava um para o outro, unindo os dois corpos num abraço que parecia eterno. A música, agora, era a trilha sonora perfeita para um encontro que já se tornara memorável.

A troca de números de telefone ocorreu em meio àquele turbilhão de luzes e sons, um gesto simples que carregava consigo a promessa de algo extraordinário. Lucas, sentindo o peito vibrar em uma melodia própria, anotou o número de Wilma em seu celular. Ela fez o mesmo, seus dedos delicados deslizando pela tela, seus olhos brilhando em uma dança de expectativas. Aquele ato, banal em sua superfície, era na verdade um pacto silencioso, uma ponte lançada para um futuro incerto.

E então, o beijo.

Não foi um beijo apressado, nem superficial. Foi um encontro energético, um colapso da função de onda realizado por nós dois, um mergulho em um mar eletromagnético de emoções. Nossos lábios tocaram-se com uma suavidade vibracional misteriosa, como se o tempo tivesse parado para testemunhar aquele instante! O toque, inicialmente tímido, transformou-se em algo intenso, um turbilhão de sensações, que percorreu eletronicamente cada célula do corpo. Sabores e aromas misturaram-se, o perfume dela, o suor, o campo eletromagnético único criado por nosso encontro naquele momento extasiante!

Enquanto nossos corpos se aproximavam, nossos corações pareciam dançar em uníssono, o mundo ao redor desaparecendo, restando apenas nós dois, naquele instante mágico.

Um instante que, subitamente, foi interrompido por um prenúncio sombrio.

Um leve arrepio percorreu a espinha de Lucas, um pressentimento inexplicável. O ritmo frenético da música começou a perder força, as luzes piscavam de maneira estranha, como se estivessem prestes a se apagar. Wilma, por um instante, pareceu distante, uma sombra passando por seus olhos.

Aquele beijo, que deveria ser um ponto de partida, deixou no ar um tom de mistério.

O silêncio, então, se instalou.

Será que aquele encontro casual era, na verdade, um destino traçado por forças maiores? Será que aquele beijo selaria não apenas uma paixão, mas também o início de uma jornada perigosa?

A resposta, a princípio, permaneceu em segredo, como um enigma envolto em véus de escuridão.

CAPÍTULO 2

O Desenvolvimento do Amor

Em um canto acolhedor, longe da agitação do clube noturno, onde se conheceram pela primeira vez, Lucas e Wilma se encontram para um café, que promete mais do que apenas uma bebida quente. A luz suave que invade o espaço é como um abraço terno, e o aroma do café fresco flutua pelo ambiente, criando uma atmosfera intimista. A mesa, pequena e redonda, parece encurtar as distâncias entre eles, favorecendo uma conversa, que se transforma rapidamente em troca profunda de ideias.

"Você já pensou em viajar pelo mundo"? Lucas começa, seus olhos brilhando com a possibilidade. A ideia de explorar terras desconhecidas, de vivenciar culturas diferentes, o fascina, e a cada palavra, suas aspirações parecem ganhar vida. Wilma, encostada em uma cadeira, escuta atentamente, seu olhar atento refletindo seu envolvimento na conversa.

"Eu busco algo mais, sabe"? Responde ela, com a voz suavemente carregada de emoção. "É como se eu precisasse entender os mistérios da vida, as energias, que nos unem e nos separam. Para mim, isso é tão essencial quanto qualquer viagem ao exterior". Ouvir suas palavras é um alívio, ao mesmo tempo intrigante para Lucas, que não podia nem imaginar a

profundidade dos sentimentos, que vibravam no coração daquela moça cativante.

Os olhares, que trocam, revelam um pouco mais do que apenas palavras. Há um brilho de vulnerabilidade nos olhos de Lucas, uma espécie de sorriso nervoso, que logo toma conta de seu rosto ao expor suas inseguranças. Ele faz uma pausa, como se temesse que essas revelações pudessem deixá-lo exposto demais, mas, Wilma, simplesmente, incentiva-o com um leve aceno de cabeça, como se dissesse que está tudo bem.

“Sabe, quando eu era criança, sonhava com lugares longínquos. Lembro de olhar para o céu estrelado e me perguntar o que havia além das estrelas. Aí pensei: o que estou fazendo com minha vida”? Lucas ri, nervosamente, como se a lembrança o deixasse um pouco embaraçado. Essa revelação conecta-o a Wilma, que sorri, reconhecendo na história algo de profundamente humano e comum.

A química entre eles começa a se intensificar, à medida que, os minutos passam. A conversa flui como um rio tranquilo, cheia de meandros e surpresas. Eles compartilham não apenas sonhos, mas também medos — medos que os tornam mais humanos diante um do outro. Wilma fala sobre sua busca de significados e Lucas, em um momento de franqueza, revela que não sabe se sempre está à altura das expectativas, que coloca sobre si mesmo.

“É complicado, não é? Ambos desejamos tantas coisas, mas, e se não tivermos coragem de ir atrás delas”? A dúvida paira no ar antes de ser quebrada por um risinho cúmplice, que os dois compartilham. A empatia surge como uma ponte entre eles, ligando suas fragilidades e suas aspirações. E assim, em meio ao aroma aconchegante do café e à luz quente que os abraça, um laço emocional começa a se formar, delicado e reconfortante.

Esse encontro é mais do que a simples troca de palavras. É uma sinfonia de sentimentos, onde a vulnerabilidade de Lucas encontra o entendimento profundo de Wilma. Estão ali, vibrando seus corpos tridimensional carnal e, também, em uníssono, os corpos mais sutis, multidimensionais e não visível ao olho carnal, enquanto o cafezinho vai esfriando à sua frente. De repente, Lucas lembra que deve avançar um pouco, dar um passo à frente em sua vida, e a presença de Wilma o inspira a fazer isso.

Em meio a risos e partilhas, o tempo parece escorregar entre os dedos, e eles se veem em um microcosmo energético criado pelas suas presenças ali, onde a intensidade emocional ganha forma e a amizade começa a esboçar contornos mais aprofundados. A conexão que brota entre eles é como um fio invisível, que seguram com cuidado, temendo que qualquer movimento em falso possa disfarçar esse momento tão autêntico. Em meio a isso, uma relação se desenha lenta, mas intensamente, marcada por fragilidade e força.

Lucas observava Wilma enquanto ela falava sobre suas crenças, e seu olhar se tornava cada vez mais intenso e comprometido. Havia algo de fascinante em como suas palavras flutuavam pelo ar, carregadas de uma energia quase palpável. Em meio ao cheiro do café fresco e o raio de luz suave que passava pela janela deixava a cena ainda mais especial. Era como se o mundo ao redor deles desaparecesse, e tudo que importasse fosse a conversa e a conexão que despertava entre eles.

“Você acredita em universos paralelos”? Wilma perguntou, os olhos brilhando como se estivesse compartilhando um segredo. A pergunta escapou de seus lábios como um convite. Lucas hesitou, mas, então, sentiu um impulso irresistível de se abrir. “Talvez, eu seja um pouco cético”, confessou. A sinceridade da sua própria voz o surpreendeu. “Mas... você, realmente, acredita que existem outras realidades lá fora, ou será cá dentro de nós em consciências de estados multidimensionais”?

Wilma sorriu, e a alegria dela era algo quase contagiante. “Na verdade, eu sinto que são possibilidades de ambas as realidades existirem. Há tanto que não entendemos, tantas dimensões interiores e exteriores, que estão apenas esperando para serem exploradas”. Ao pronunciá-las, suas mãos delicadas gesticulavam, desenhando o que Lucas imaginava ser um universo inteiro no espaço entre eles. E tinha algo tão cativante em sua paixão, que ele se viu mordendo os lábios, pensando

que nunca tinha conhecido outra moça, que visse esse mundo tão misteriosamente multifacetado.

Eram momentos assim, que começavam a moldar os contornos do que sentiam um pelo outro. Ele se lembrava de quando seus amigos mencionaram a ideia, de que você se torna as pessoas com quem passa tempo. Lucas desejava aprender com Wilma, não apenas sobre os mistérios dessa vida, mas, sobre como poderia ser mais aberto, mais verdadeiro com seus próprios desejos. Essa conversa não era uma simples troca de ideias; era um mergulho profundo nas vivências, que cada um carregava.

“Às vezes, sinto que estou fugindo de algo,” Lucas disse, o coração acelerando ao expor sua vulnerabilidade. “É como se houvesse algo dentro de mim que eu não consigo alcançar, um medo de não ser suficiente”. Ele não esperava a emoção que sua própria confissão trouxe. A atmosfera ao redor dele parecia vibrar.

Wilma inclinou-se um pouco mais para ele, ou talvez tenha sido o universo conspirando para aproximá-los. “Eu entendo isso. A vida pode ser tão pesada, às vezes, cheia de expectativas que não nos pertencem”. Seu olhar era profundo, e a maneira como falava fazia Lucas sentir que suas dúvidas eram válidas. Ele nunca tinha sentido uma conexão tão honesta e liberadora.

O diálogo seguia, e cada palavra parecia abrir mais espaço entre eles. O toque casual de suas mãos teve um peso

diferente, quase eletrizante. Era como se o simples fato de estarem juntos naquele café, em um momento tão inusitado, tornasse tudo mais intenso. Cada riso trocado era uma confirmação de algo quase mágico. Havia a sensação de que o universo estava alinhado em ritmo, harmonia e energia, torcendo para que esse encontro se tornasse algo mais!

“As pessoas não falam sobre isso, sobre o que realmente sentem em seu mundo interior”, Wilma comentou, com um leve tom de tristeza na voz. “É como se estivéssemos presos em uma rotina, em um ciclo que não nos deixa explorar mais do que realmente somos. Eu quero mais”. Suas palavras trouxeram à tona algo essencial, um eco de anseios, que Lucas nem sabia que tinha.

Ele se permitiu sonhar, ainda que de forma tímida. Queria viajar, descobrir novos lugares e, quem sabe, entender um pouco mais sobre si mesmo. A vulnerabilidade que ele sentia parecia se desdobrar em cada sílaba, que Wilma pronunciava. Como se ela tivesse a capacidade de olhá-lo e ver nele alguém que realmente poderia ser.

E assim, em meio a sussurros e confissões, Lucas percebeu que não era apenas o jeito de Wilma falar que o atraía, mas a própria essência energética que emanava dela. Ele via nela uma alma livre, uma exploradora audaciosa em busca de verdades e sentidos. Havia algo sedutor na forma como ela se entregava às ideias, uma força inspiradora que, à medida que,

dançava entre as ideias e os sentimentos, trazia à tona o desejo de se descobrir juntos, romper barreiras e vencer medos.

O tempo pareceu parar, e com ele, a certeza de que aquele momento era apenas o começo de uma jornada intensa e repleta de significados. Wilma e Lucas ainda estavam nos primeiros passos, mas, a carga emocional-energética entre eles era palpável, como um fio invisível costurando suas almas. Era não apenas um café, não apenas uma conversa, mas um entrelaçar de vidas que se ressentia continuamente em cada olhar trocado.

As horas naquele café pareciam se pendurar no ar, enquanto Lucas e Wilma flutuavam em uma conversa que os conectava mais a cada palavra. A luz suave das lâmpadas projetava sombras dançantes nas paredes, e o aroma do café fresco preenchia o ambiente, criando uma atmosfera que convidava a intimidade. Lucas, envolvido pela presença de Wilma, começou a sentir a tensão emocional pulsar entre eles, como a tensão antes de um raio que ilumina o céu.

Foi durante uma dessas trocas que Lucas decidiu abrir um pouco mais seu coração. "Às vezes, parece que não sou suficiente, sabe? Como se tivesse uma barreira entre mim e o que eu realmente quero". As palavras saíram com um peso que o surpreendeu. Ele não estava habituado a expor suas vulnerabilidades, mas ali, diante de Wilma, a verdade brotava. Um silêncio se seguiu, denso, como se o mundo ao redor tivesse

parado. O olhar de Wilma, intenso e profundo, parecia absorver cada nuance da insegurança que Lucas havia revelado.

"Eu consigo apreender, para além das suas palavras", Wilma respondeu, com a voz suave e reconfortante. "Acredito que todos nós enfrentamos isso em algum momento. Sinto o mesmo e, de certo modo, isso nos une". Era impressionante ver como ela conseguia destilar suas próprias inseguranças em palavras, que pareciam tocar a essência de Lucas. A conversa fluíu e, ao mesmo tempo que se tornava mais sincera, também começava a se intensificar fisicamente. Os olhares que se cruzavam, os dedos que, por um instante, se tocavam na mesa, tudo parecia criar uma eletricidade palpável.

Lucas ficou maravilhado ao perceber que, por trás da beleza e da aura eletromagnética de liberdade de Wilma, havia uma jovem mulher, que também lutava com suas feridas. "Mas e se eu falhar de novo"? Lucas questionou, seu tom quase um sussurro. O medo de desapontar alguém que já significava tanto para ele aumentava, um peso na sua mente que não sabia como aliviar. Ela, imediatamente, fez uma careta divertida, acalmando a tensão que pairava. "Olha, o que seria da vida se não fossem os nossos erros? Eles nos moldam, nos ensinam. Às vezes, precisamos deixar as coisas acontecerem e acreditar".

As palavras dela ecoaram dentro dele com um conforto inesperado. Era como se, ao abraçar suas inseguranças, Lucas pudesse finalmente permitir que seu coração se abrisse para aquela conexão intensa. Eles riram juntos, quebrando a camada

de tensão que havia se instalado. Era um misto de alívio e descoberta, uma dança emocional que os levava a uma proximidade cada vez maior.

No entanto, havia algo mais pairando naquela atmosfera. Um prenúncio de mudanças que se aproximava, algo que Lucas não conseguia identificar. Imagens de Wilma em seus sonhos, envoltas em mistério e uma sensação de urgência, começaram a invadir sua mente. Enquanto compartilhavam segredos, ele não podia ignorar a presença dessa força exterior que parecia assombrá-lo.

Era uma mistura de encanto e medo, que ressoava em seu ser. A misteriosa energia alquímica entre eles era intensa, mas a sombra do desconhecido começava a se infiltrar na luminosidade daquele momento. Em uma breve pausa, Lucas se lembrou de uma noite anterior, quando acordara suando, a sensação de desconforto misturada a um sonho confuso. "Você acredita em pressentimentos"? Ele questionou, sem saber exatamente o porquê daquela indagação. O tom leve havia sido substituído por uma brisa de incerteza.

Wilma olhou fixamente para ele, e em seu olhar havia uma profundidade que parecia desafiar a própria realidade. "Às vezes, nosso coração sabe mais do que a mente pode entender. Algo está se formando, Lucas. O que está por vir pode ser surpreendente". Suas palavras ecoaram como um alerta, e a tensão emocional entre eles se tornou quase palpável.

A conversa continuava, mas a presença daquela força enigmática começava a moldar a dinâmica. Lucas não sabia o que pensar, mas a expectativa estava ali, o sentimento de que tudo poderia mudar a qualquer momento. Cada toque casual, agora, tornava-se uma promessa não dita, e cada olhar carregava a dúvida e a esperança do que estava por vir. Assim, enquanto a conexão entre eles se aprofundava, Lucas começou a sentir que, talvez, nem tudo fosse tão simples. A vida e o amor guardavam mistérios, que ele, ainda, não tinha a coragem de explorar.

Lucas não conseguia afastar a sensação inquietante que o envolvia. À medida que, aprofundava-se em seus sentimentos por Wilma, algo mais, quase etéreo, parecia acompanhar cada momento que compartilhavam. Ele vinha tendo sonhos, que não conseguia decifrar, imagens que se desenrolavam em sua mente enquanto dormia. A princípio, eram fragmentos, mas, com o passar dos dias, os sonhos tornavam-se mais vívidos e alarmantes. Uma entidade sem forma se erguia nas sombras, e Lucas se via cercado por uma sensação, que misturava medo e fascínio.

Numa dessas noites, foi agraciado com uma visão particularmente intensa. Ele se viu em uma floresta densa, onde a luz filtrada entre as copas das árvores criava um jogo de sombras e mistério. E ali, no centro daquele cenário enigmático, uma figura se aproximava, mas suas feições eram nebulosas. A presença emanava algo que, paradoxalmente, tanto o atraía

quanto o repelia. Ao mesmo tempo em que a figura parecia familiar, havia uma sensação de estranhamento. Lucas acordou de súbito, o coração acelerado, a cabeça cheia de questionamentos. O que aquela figura tinha a ver com Wilma? Seria uma conexão, que ele, ainda, não compreendia?

Durante o dia, tentando afastar essas questões, ele buscava o olhar de Wilma, que agora era seu porto seguro. Mas, a cada risada compartilhada, cada história contada, ele não podia evitar sentir que uma sombra os seguia. Wilma, com sua aura eletromagnética vibrante, parecia alheia a essa inquietação. A maneira como ela falava sobre o mundo, seus conceitos de energias cósmicas e universos paralelos e dimensões apenas reforçavam o abismo entre seus novos sentimentos e essa nova realidade, que estava surgindo diante dele.

Em um desses momentos, à luz de velas no café, Lucas decidiu abrir seu coração. "Sabe, por que tenho a impressão de que algo... profundo está acontecendo? Como se uma força invisível estivesse observando cada passo que damos"? O olhar de Wilma se tornou sereno, quase místico. Ela se inclinou levemente, quase como se quisesse desaparecer no mistério, que se formava entre eles. "Às vezes, o que vem de fora é reflexo do que sentimos dentro. Podemos estar apenas na superfície, ou, muito mais profundamente conectados do que imaginamos".

Lucas refletiu sobre aquelas palavras. Havia uma verdade intrigante ali. O que se passava além dos limites do homem e da mulher, além do tempo e do espaço? Ele queria se aprofundar

nessas perguntas, mas, o medo do desconhecido o paralisava. O toque suave de suas mãos durante a conversa, embora casual, ressoava com intensidade. Uma tensão crescente preenchia o ar entre eles, enquanto sorrisos nervosos transformavam-se em olhares, que diziam muito mais do que palavras poderiam expressar.

Ao voltar para casa, a sensação de um fardo imóvel pairava sobre seus ombros. O espírito da presença que ele encontrara em seus sonhos pareceu se manifestar em cada canto do seu quarto. As paredes pareciam sussurrar, as sombras dançavam com uma vida própria. O que ele queria era entender essa conexão com Wilma, separando o que era real do que era produto da sua mente inquieta. Mas, algo dentro dele reconhecia que esse novo amor vinha acompanhado de desafios, que ele nunca imaginara ter que enfrentar.

Com um suspiro profundo, Lucas deixou-se levar para um estado de reflexão. "O que isso tudo significa"? Perguntou-se, enquanto a ansiedade o envolvia. Ter um amor assim, tão intenso e profundo, o preenchia de esperança, mas, a sensação de perda e a dúvida o consumiam. Ele estava prestes a descobrir que o caminho do amor nem sempre é uma linha reta e tranquilidade. Havia algo maior do que ele contemplava, algo que o levaria a um encontro não apenas com Wilma, mas, consigo mesmo. Ao invés de regressar ao mundo dos sonhos, ele sentiu que, naquele momento, estava à beira de uma revelação, que poderia mudar tudo. Ele estava prestes a

atravessar muitas portas, e a primeira delas era reconhecer que, por trás de cada anseio, havia um poder incompreensível e, talvez, um milagre a esperar.

CAPÍTULO 3

Encontro com o Desconhecido

A noite passava silenciosa, mas, no quarto de Lucas, essa tranquilidade foi abruptamente interrompida. Um frio intenso subia pela espinha, um calafrio que parecia escorregar por sua pele, como se algo — ou alguém — estivesse à espreita nas sombras. Ele acordou de um sono profundo, o coração disparado e a respiração entrecortada, sentindo que não estava sozinho. A sensação era palpável; havia uma presença no quarto, uma entidade invisível que cativava sua atenção e desestabilizava sua sanidade.

Lucas forçou os olhos a se ajustarem à escuridão. A penumbra das paredes parecia se contorcer, uma dança sombria que evocava um manto ainda mais pesado sobre seus ombros. O ar estava carregado de uma eletricidade magnética quase tangível, como se uma tempestade estivesse prestes a despencar. Ele se lembrou de algo que havia lido uma vez: “As aparições são meras projeções do medo humano”. Contudo, naquela noite, tudo isso parecia irrelevante. O que ele sentia estava tão além do que qualquer livro poderia descrever. Uma inquietação profunda dominava seu corpo, e a mente começava a trabalhar freneticamente na tentativa de entender o que acontecia.

E, então, enquanto olhava ao redor, Lucas viu. Era uma figura nebulosa, um contorno indistinto que flutuava no canto do quarto, próximo à janela. Os detalhes eram vagos, como uma sombra tirada de um pesadelo. Ele sabia que não poderia ser real — ou poderia? A entropia de seus pensamentos misturava-se com algo muito mais misterioso, algo que demandava sua atenção, uma verdade não revelada que prometia mais perguntas do que respostas.

"Diga-me, Lucas" ... a voz soou como um eco distante, reverberando em sua mente e fazendo seus pelos se eriçarem. "Wilma pertence a mim agora". A afirmação foi lançada em sua direção como uma lâmina afiada, cortando qualquer vestígio de racionalidade, que, ainda, agarrava-se à sua consciência. O medo deu lugar à confusão, e um nó se formou em seu estômago. Como assim, "Wilma pertence a mim"? O que isso significava?

Ele pensou em Wilma. O seu sorriso iluminava os dias nublados, suas risadas eram melodias, que dançavam no ar. E agora, sentir que ela poderia ser reclamada por um ser de outra dimensão invisível aos olhos humanos, era nada menos do que avassalador! Lucas desejava gritar, protestar, mas, a voz do desconhecido silenciava-o com sua segurança aterradora e intimidadora. A cobrança era clara: se havia amor, então deveria passar pelo teste do desconhecido, algo que ele jamais poderia imaginar!

O instante se estendeu como gelo em um copo. Enquanto as imagens de Wilma invadiam sua mente, cada detalhe tornava-se mais vívido e, ao mesmo tempo, mais ameaçador. O aroma doce de seu perfume, a forma como seus olhos brilhavam ao sol, tudo isso parecia, agora, hostil; uma fita de memória distorcida e recortada por essa presença aterradora. E se o ser estivesse certo? E se a conexão, que ele sentia por Wilma fosse mais frágil do que supunha?

O quarto parecia ficar menor, as paredes aproximando-se como se quisessem engoli-lo. Lucas fechou os olhos, desejando que tudo aquilo fosse apenas um pesadelo. Tentar pensar em algo mais reconfortante era um esforço vão. O frio persistia e, em sua mente, ele bifurcava entre a realidade e a intensa experiência de um ataque psíquico. O abraço da noite tornava-se um verdadeiro campo de batalha, enquanto Lucas lutava contra o medo e o desejo de proteger a mulher que amava. A linha entre sonho e vigilância já não era mais clara; ele estava perdido em um labirinto de emoções, que o convidavam à escuridão.

A entidade multidimensional continuou a sua ladainha, a sussurrar, com palavras implacáveis que penetravam sua mente, uma compulsão intensa: “Você precisa entender, Lucas. A conexão verdadeira não é a que você deseja, mas, a que você pode aceitar”. Essas frases reverberaram nas profundezas da sua compreensão, como uma sinfonia sinistra, desafiando a sua percepção de amor e propriedade. O que era essa presença? O

que significava perder Wilma para algo tão além de sua compreensão?

Um turbilhão de angústia apoderou-se do seu ser. Lucas sentia que a conexão com Wilma estava em jogo de uma forma surpreendente e aterrorizante! Não se tratava apenas de amor; era uma batalha entre o que ele entendia ser real e tudo o que estava prestes a se desdobrar em um surpreendente cenário de possibilidades inesperadas. A noite seguia seu curso madrugada adentro, enquanto ele permanecia ali, balançando entre o desejo de se libertar e a urgência de compreender, o que o aguardava no amanhã.

Assim que Lucas mergulha no inconsciente, a experiência transforma-se em um labirinto de cores e formas distorcidas. Os sonhos, geralmente, um espaço de fuga e exploração, agora, convertem-se em um território de terror! Ele se vê em um campo de flores que, ao invés de perfumar o ar, exalam um odor enjoativo, reminiscentes de podridão. A beleza do lugar, antes encantadora, é distorcida; as flores transformam-se em sombras, que dançam de maneira macabra ao redor dele.

Cada passo que dá, faz um som ensurdecedor, como se o chão estivesse protestando contra sua presença! O medo começa a escalar pela espinha de Lucas. Ele se sente como uma marionete em um espetáculo sinistro, onde a entidade opressora observa, aguardando o momento certo para desferir seu golpe. O frio que o envolve é palpável, como se o próprio espaço quisesse sufocá-lo. Lembra-se da última noite em que

conversou com Wilma. O calor de suas mãos e o seu riso suave contrastam drasticamente com a escuridão, que, agora, domina seus pensamentos.

Então, os cenários mudam sem aviso. Uma cidade conhecida aparece, mas, não como deveria ser. As ruas estão vazias, e os edifícios erguem-se de forma ameaçadora, parecendo gritar por socorro em uma língua, que ninguém pode entender! É nessa atmosfera opressiva que a entidade se manifesta, uma sombra que parece ter vida própria. Lucas sente seu olhar penetrante, quase consegue tocá-lo, mas, a realidade escorrega como areia entre seus dedos incompreensivelmente, illogicamente!

A comunicação da entidade é inquietante. Suas palavras, sussurradas como se estivessem dentro de sua própria cabeça, fazem eco em seus medos mais profundos. Ela se gaba de que Wilma, agora, é parte de seu reino, uma peça em seu quebra-cabeça multidimensional. O que antes era amor, agora, parece uma prisão! As palavras da entidade cortam como facas afiadas, questionando a essência do que ele sente. “Você a ama? Ou a possui”? Lucas gostaria de gritar que o amor não é sinônimo de posse, mas, as palavras dele se perdem em sua garganta! O desespero se funde com a clareza de que, ele está lutando não apenas por Wilma, mas por si mesmo!

Entretanto, ele tenta concentrar seus pensamentos. Memórias de momentos felizes juntos emergem: as tardes tranquilas no parque, as conversas mornas debaixo das estrelas.

Como pode algo tão puro ser transformado em objeto de controle? Esse dilema emocional torna-se esmagador, e as sombras ao seu redor começam a dançar em um ritmo frenético, assustadoras ao extremo, como se estivessem esperando o desfecho final de sua luta interna!

Com a mente turva e as forças esgotadas, Lucas se vê diante de um monólogo sombrio e profundo. Para ele, a questão não é só sobre Wilma, é sobre a essência do amor. O que é amar alguém se isso significa ceder ao medo? Ele sente um peso imenso no peito enquanto considera essa questão. A presença da entidade torna-se mais agressiva, cada palavra dita é um golpe direto em sua sanidade!

Mas, ele se lembra das conversas que tiveram, da vulnerabilidade que a uniu a ele. E, então, a ideia de que amor e liberdade devem coexistir, sem ataduras, ganha força em sua mente. Num momento de clareza, Lucas grita por dentro, buscando se libertar dessa teia de impotência!

Como um eco distante, ele percebe que, para superar essa entidade, precisará confrontar não apenas o ser que a aterroriza e aprisiona-a, mas também, as crenças que ele sustenta sobre o amor. A luta, agora, torna-se a busca de conquistar um entendimento mais profundo e livre do que significa amar de verdade! Enquanto isso, o cenário em torno dele se transforma novamente, trazendo novas formas e cores, mas, a experiência torna-se evidente para ele: Lucas deve se erguer! A escuridão

produzida por um ser multidimensional não será a última palavra em sua história!

A presença da entidade fez-se sentir de forma intensa e perturbadora. As palavras que cortavam o silêncio da mente de Lucas eram gélidas, como um vento cortante, que fazia seu corpo tremer. Ele se viu enredado em um jogo de palavras espinhosas e manipuladoras, onde o amor por Wilma tornava-se uma moeda de troca! O ser de outra dimensão falou com uma voz, que reverberava no espaço, uma mistura de sussurros e berros, que pareciam ecoar diretamente em seu ser. “Ela pertence a mim”, proclamou, e a declaração pairava no ar como algo tangível, quase palpável tridimensionalmente. Lucas sentiu um nó se formar em seu estômago, um frio que se espalhava por sua espinha dorsal!

“Você não pode protegê-la”, continuou a entidade, cada palavra um golpe no coração de Lucas! Era uma luta interna, a batalha entre o que ele acreditava ser amor e as ameaças que cresciam ao seu redor multirreal. A percepção de Lucas estava turva; ele se sentia pequeno diante da vastidão desse ser, incapaz de entender as regras do seu jogo! A sensação de impotência era uma sombra densa que o envolvia, sufocante, tentando convencê-lo de que o que sentia por Wilma não era mais do que um mero capricho diante de forças multidimensionais, nunca antes experimentadas por ele!

Ao mesmo tempo, a entidade parecia se deleitar com sua confusão, com seu desespero. As palavras eram envoltas em

uma atmosfera invasiva de conquista, como se cada declaração estivesse sendo moldada com a intenção de derrubar qualquer traço de coragem, que Lucas pudesse reunir. “Lembre-se de quem realmente detém o poder”, ecoou a voz, enquanto Lucas lutava para encontrar uma resposta, um argumento que pudesse revidar a sensação opressiva de que ele não era merecedor do amor de Wilma, que estava destinado a perder a luta antes mesmo de começá-la!

Em meio a essa tempestuosa comunicação, uma lembrança emergiu, um instante do passado em que ele e Wilma riram junto a uma fogueira; os rostos iluminados pelas chamas dançantes. Quão distante parecia! Mas essa recordação, mesmo que fugaz, foi um sopro refrescante em meio à sensação de terror; um lembrete de que o amor deles era real, não uma mera invenção. Ele se apegou a essa imagem, buscando um fio de esperança no meio da escuridão.

“Me deixe em paz”! Lucas gritou, sua voz trêmula, não apenas de raiva, mas também, com um toque de desespero. Ao fazer isso, ele começou a perceber que a luta não era apenas contra a entidade, era certamente contra a própria dúvida que ele carregava. O amor é uma força poderosa, refletiu; um sentimento que não precisa da aprovação de ninguém para existir. Era a primeira vez que ele sentia a necessidade de lutar por esse amor, mesmo em face do desconhecido.

A resposta da entidade foi imediata, suas palavras cortantes como lâminas. “Você não compreende. O amor é frágil e sua

insegurança a atrairá para mim"! Aquela provocação era um desafio, uma chamada para que Lucas deixasse de lado suas inseguranças. A batalha não seria apenas externa, mas uma profunda introspecção sobre os limites de sua própria fé. Na profundidade do seu ser, ele precisava decidir se permitiria que o medo definisse seu relacionamento!

Com o coração pulsando em seu peito, Lucas decidiu que não se deixaria dominar. Ele se lembrou dos momentos de risos, de afeto, da forma como seus olhares se cruzavam em silêncio cheio de promessas. Era a conexão que parecia transcender qualquer ameaça externa! Entre flashes de escuro e a visão da entidade erguendo-se, ele fez uma escolha silenciosa e firme!

Nesse instante de lucidez, ele começou a entender que as palavras da entidade não eram apenas um ataque, mas uma reflexão sobre sua própria vulnerabilidade. Ele percebeu que o sentimento de amor não é pra atender a uma necessidade de posse, mas entrega, confiança mútua e um compromisso, que deve ser cultivado na luz, apesar das sombras! Esse entendimento abriu uma porta para um novo tipo de luta, não mais pela posse, mas pela autenticidade do amor que compartilhava com Wilma.

Lucas encontrou coragem em sua incerteza. Ao recuar um pouco, de algum lugar multidimensional dentro de si, surgiu a determinação. Não seria uma luta fácil, e ele sabia disso! Contudo, decidiu enfrentá-la com a certeza de que seu amor por Wilma era mais profundo e mais forte do que poderia imaginar.

Ele pressentiu que a entidade multidimensional queria não era apenas dominá-lo, mas desintegrar aquilo que ele era de toda a Eternidade! E assim, pela primeira vez, Lucas viu a batalha não apenas como um confronto físico, mas uma jornada em todas as infinitas dimensões do seu ser Eterno, que o levaria a se conhecer verdadeiramente! O amor era a chave, e ele estava determinado a encontrá-la, por ele e por Wilma.

Como uma onda se retirando da praia, a pressão começou a diminuir, e Lucas percebeu que, talvez, a resposta estivesse em descobrir, em se aprofundar na relação que tinham e na força que emanava dela e, agora, dele, desafiando até mesmo a própria entidade.

Lucas sentou-se sobre a cama, com a respiração acelerada. O silêncio da madrugada parecia uma armadilha, e ele se sentia como se estivesse sendo observado por olhos invisíveis. A experiência que acabara de viver o havia deixado atordoado. Era como se a linha que separava o real do imaginário tivesse se rompido, e ele agora se encontrava em um território desconhecido e aterrador. Ele não podia simplesmente deixar isso para trás. Uma necessidade profunda de agir pulsava dentro dele, como um alerta que não podia ser ignorado.

Pensou em Wilma. O seu amor por ela sempre foi uma âncora, um ponto de referência em meio à turbulência da vida! Mas, agora, ele se via diante de um dilema: era uma proteção que poderia se tornar possessiva. Ele não queria ser apenas um guardião, ancorado ao medo de perder o que amava. O desafio,

ele percebeu, não se tratava apenas de proteger Wilma da entidade multidimensional, mas, sim, de entender a profundidade do amor que sentia por ela. Que tipo de amor era esse que, por um lado, a desejava e, por outro, a tornava um alvo em um jogo para além da tridimensionalidade, onde os seres humanos habitam e que ele, experiencialmente, mal compreendia?

À medida que, esses pensamentos invadiam sua mente, uma perplexidade maior se formava. A presença daquela entidade não era apenas uma ameaça; era um espelho que refletia suas inseguranças. Por que suas emoções estavam tão entrelaçadas com o que poderia ser uma força obscura? Ele se lembrou de tardes passadas, longas conversas com Wilma, risadas compartilhadas sobre trivialidades, que, agora, pareciam tão simples, tão pueris diante daquela realidade perturbadora.

Mais uma vez, as perguntas o invadiam: como enfrentar um ser multidimensional, que entra e sai da tridimensionalidade humana para reivindicar amor de uma jovem de maneira tão distorcida? A imagem da entidade o seguia como uma sombra, lembrando-o de que a luta não era só física, mas, e também, numa dimensão real interna, logo, invisível! O que realmente sabia sobre amor? O que era querer proteger alguém de alguém, e como essa linha ficava ainda mais tênue diante das forças desconhecidas?

Era um momento decisivo. Lucas estava cansado de se sentir aprisionado. Levantou-se, sentindo o chão frio sob os pés descalços, um contraste com a temperatura ardente de sua determinação! Ele precisava saber mais sobre essa Entidade da Quarta Dimensão, que entra e sai da tridimensionalidade humana e escraviza energeticamente jovens incautas! Isso não era apenas uma busca por respostas, mas um chamado para entender seu próprio Ser Eterno. A curiosidade se tornava aliada, e a incerteza, uma companheira de viagem.

Assim, ele buscou dentro de si uma força, que o impulsionasse, uma conexão mais profunda que superasse o medo! Ele se lembrou de um fragmento de um poema que Wilma recitara certa vez, algo sobre amar sem amarras, um amor que liberta. As palavras reverberavam em sua mente, como um mantra, uma luz a se acender na escuridão.

Esse novo entendimento começava a tomar forma e libertá-lo de algumas correntes invisíveis. Ele percebera que o amor verdadeiro não se restringe a possessões ou a batalhas, onde se ganha ou se perde algo. O verdadeiro amor é o poder de criar laços eletromagnéticos entre pessoas, que se estende, por entre as frequências vibratórias e ritmos multidimensionais, onde habitamos todos nós, humanos e não humanos. Com essa revelação, Lucas sentiu-se menos um peão em um tabuleiro e mais um jogador consciente em busca de um propósito.

Ele, ainda, precisava de respostas sobre a entidade, mas, agora, não estava ali apenas para confrontá-la. Havia um desejo

profundo de entender – não só o ser que o atormentava, mas também, apreender a si mesmo. Ao perceber que o verdadeiro milagre do amor reside em sua capacidade de transcender barreiras, Lucas respirou fundo. A sombra que o seguia não era uma prisão, mas sim um convite para descobrir quão profunda e iluminadora pode ser a jornada do amor e do autoconhecimento.

Com essa nova perspectiva, Lucas decidiu que não fugiria da luta. Não se tratava de um ser que poderia ou não destruir sua felicidade, mas de um desafio, que exigia sua coragem e uma transformação pessoal. Ele olhou pela janela e viu o infinito em cada estrela parecendo piscar como se estivesse encorajando sua determinação. De alguma forma, sabia que era hora de dar um passo em direção ao desconhecido, em busca de respostas que guardavam não apenas o futuro de Wilma, mas também, o seu próprio.

CAPÍTULO 4

A Luta Interna

Lucas sentou-se à mesa da cozinha, a luz suave do fim da tarde filtrando-se pela janela. O cheiro do café fresco misturava-se com o aroma levemente adocicado do bolo que Wilma havia assado mais cedo. Mas, ele mal conseguia aproveitar aquele momento, pois sua mente estava tomada por uma tempestade de emoções. A luta interna que enfrentava era tão intensa que parecia uma presença física, como o peso de uma nuvem carregada prestes a desabar.

“Wilma, você precisa me ouvir”! Ele começou, a voz trêmula, mas, determinada. “O que eu vivi não é apenas uma história qualquer. Foi real”! Ele a observava com ansiedade, notando como os olhos dela se estreitavam em ceticismo. Era como se, em vez de abrir espaço para sua súplica, ela se fechasse como uma concha. O calor do momento se misturava com a frustração que crescia dentro dele. “Eu sei que soa louco, mas... eu senti e ouvi uma entidade, uma força palpável vinda de outra dimensão do espaço que me atacou”!

Ela soltou um suspiro pesado, o tipo que carrega o peso do mundo e a incredulidade. “Lucas, você está dizendo que viu... uma entidade? Como assim? Eu não consigo compreender”!! A maneira como ela articulava as palavras fazia com que ele

sentisse um nó no estômago. Wilma tentava, verdadeiramente tentava, mas a barreira entre a realidade dela tridimensional e a narrada por Lucas parecia intransponível.

A fúria e a insegurança dançavam dentro dele. Lembrava-se do frio na barriga ao encarar aquilo no escuro, a presença distante, mas, palpável, como uma sombra. Tentava traduzir a intensidade dessa experiência em palavras, mas, tudo que saía de sua boca parecia fragmentado, desarticulado. “Você não entende, não se trata apenas de uma alucinação ou algo assim. Eu me senti tão... vulnerável, como se estivesse sendo drenado, como se essa força quisesse me consumir totalmente”!!!

A tensão entre eles crescia. Lucas sentiu um impulso de ir mais fundo, de puxá-la para suas emoções mais sombrias, mas a realidade amarga de sua impotência o segurava. “Eu não quero que você passe por isso, Wilma. É por isso que estou falando, por você! Quero te proteger”!! Ele falava com fervor, esperando que suas palavras penetrassem aquela camada de racionalidade que a envolvia.

“Lucas, eu não estou dizendo que você está mentindo. Apenas... não sei se posso acreditar”!! O coração dele disparou ao ouvir aquilo. A incredulidade dela ressoava como um eco em sua mente, fazendo-o questionar sua própria sanidade. “É uma realidade fora do que posso entender”, ela completou; parecendo tão perdida quanto ele. Os olhos dele se entrecerraram e um pensamento veio à mente: será que ela poderia, realmente, entender?

Ele hesitou, lembrando-se de momentos em que sentiu que o mundo desmoronava ao seu redor. “Quando perdi meu pai, me disse que os sentimentos nem sempre são lineares. É quase como se houvesse uma força que nos envolve e nos empurra para questões sem respostas”. Ele falou isso de uma maneira quase sonhadora, como se Paulo, sua eterna referência de força, estivesse ali, ouvindo. “E agora, tudo que sinto é o peso dessa batalha interna, essa dúvida constante sobre o que é real.”

Wilma o olhou com um misto de compaixão e confusão. Ele desejava que ela pudesse sentir a profundidade de suas emoções, entender que aquela situação não era apenas uma crise pessoal, mas uma luta vital. “Não se trata apenas de mim... Se essa entidade percebe que você está perto de mim, pode te alcançar! É perigosíssimo”!!

A incredulidade nos olhos dela começou a dar lugar à preocupação. Lucas sentiu um leve resplendor de esperança: talvez, houvesse uma conexão, uma ponte que ele pudesse construir entre suas realidades multidimensionais. Contudo, os trechos da conversa continuaram a deslizar entre eles como água entre os dedos. O abismo entre a lucidez e a não percepção de Wilma permanecia!

Enquanto a conversa se desenrolava, Lucas percebeu que a verdadeira batalha não era contra a entidade, mas sim a luta constante para ser ouvido, para que Wilma compreendesse a intensidade de seu sofrimento. Naquele momento, o silêncio se tornou ensurdecedor, meras palavras não eram mais

suficientes. Como poderia fazer com que ela sentisse o peso de sua angustiante experiência com uma realidade multidimensional?

A conversa entre Lucas e Wilma se adensa, cada palavra trocada carrega o peso de suas vivências e expectativas. Ela o observa com uma mistura de interesse e ceticismo, tentando, de alguma forma, ancorar o fato da descoberta da realidade multidimensional no mar revolto de suas alegações. Lucas fala com a urgência de quem carregou um fardo por tempo demais. As falas se entrelaçam, seu tom fervoroso se choca com a hesitação que Wilma transparece. “Mas Lucas, como você pode ter certeza de que o que ouviu e sentiu foi real na nossa dimensão do espaço-tempo?” A pergunta dela surge como um desafio, é quase como uma barreira que se impõe entre os dois. Uma bandeira levantada na tentativa de sustentar a normalidade diante do que parece ameaçador.

“Eu não espero que você acredite, mas eu preciso que você tente apreender o que estou sentindo”, sem julgar ou analisar, apenas apreender! Lucas constrói suas palavras como um artista lidando com uma tela em branco. A frustração o consome, a necessidade de proteção o fortalece. Ele a observa, estuda suas reações e percebe a dificuldade que Wilma tem em permitir fluir com a ideia do inexplicável. Ele se lembra do calor nas suas faces, da palidez repentina que tomara conta dela ao relatar suas experiências. O espaço entre eles se torna tangível,

uma linha muito fina, quase invisível, mas impossível de ignorar!

Um pensamento cruzou a mente de Lucas neste momento; ele se lembrou de quando eram jovens e costumavam explorar os arredores da cidade, onde nenhum mistério parecia impossível. Ali, entre risadas descontraídas e promessas de um futuro brilhante, nada parecia tão sombrio. “Wilma,” ele começou, “lembra daquela vez em que pensamos que estávamos perdidos no parque e encontramos aquela árvore gigante”? A nostalgia inunda o cenário. A distração momentânea, com suas memórias felizes, parece buscar cavar um buraco no medo que os rodeia agora, um convite para se reconectar com o que sempre foram.

Wilma hesita, mas, seus olhos brilhantes falam sobre um desejo contido de acreditar. “Eu me lembro. Era um lugar mágico”. A resposta dela é suave, mas ele pode sentir que a resistência permanece. “Isso é diferente, Lucas. Aquela árvore não se movia, não falava... não era como isso”! O tom dela é cauteloso, mais resistente do que Lucas gostaria de aceitar. Ele suspira. O ar parece denso, as palavras não saem como deveriam.

A tensão cresce na sala, como um elástico prestes a estourar. “Você conhece bem a minha vida. Sabe que sempre busquei ter as coisas sob controle”, Wilma completa, seu olhar se desvia para a janela, como se estivesse tentando ver além das paredes que cercam suas certezas. “Essa situação, faz-me questionar

tudo o que aprendi a considerar normal”. Lucas a observa nesse momento frágil, reconhecendo que a luta interna dela é tão intensa quanto a sua. A busca por controle, por um entendimento palpável, é um tema constante em suas vidas. Ele entende que, ao se abrir, também empurra Wilma para um lugar onde ela não sabe se quer ir.

“Eu só quero que você vá além de me entender, permita-se apreender o que digo”, ele declara, quase implorando, mas, buscando respeito nas palavras. “Estou lutando contra algo que não posso tocar, mas que tem o poder de me consumir! E não quero que você fique à mercê disso”. Ele sente o peso das suas próprias palavras, a verdade crua e nua. A respiração dela é mais rápida. A vulnerabilidade, que ambos compartilham transforma a conversa em algo mais profundo, um abismo emocional que eles se veem obrigados a atravessar.

A comunicação agora é feita mais através dos olhares do que das palavras. Wilma tenta processar a tempestade à sua frente. “E se você estiver errado? E se tudo isso for, de alguma forma, fruto da sua mente? Lucas, isso de uma entidade multidimensional dizer que pertença a ele, me assusta”! É a honestidade dela que corta como faca, mas Lucas agradece. No fundo, a verdade dela é reconfortante, mesmo que a dor, que carrega seja intensa.

Nesse instante, ele percebe que esse medo de Wilma não é apenas uma barreira, mas também, um reflexo de seu amor. A preocupação dela com o que o rodeia é genuína. A presença

dela, ao seu lado, mesmo que na dúvida, traz uma luz à escuridão que o cerca. Ele precisa encontrar a maneira certa de mostrar a ela que, apesar das incertezas, o que sente é real, e a batalha que enfrenta é verdadeira! E, para isso, talvez, a resposta não resida apenas nas palavras, mas na própria experiência de juntos enfrentarem o desconhecido!

A presença ameaçadora da entidade da Quarta Dimensão se tornava cada vez mais um espectro constante na vida de Lucas. Não era apenas uma lembrança sutil, e sim uma sombra que se insurgia em cada momento, espreitando como um predador em busca de sua presa! Era como se a luz, que antes iluminava seus dias, agora, estivesse se dissipando, deixando apenas uma penumbra pesada que o acompanhava. Ele sentia a vitalidade sendo drenada de seu corpo, e esse esgotamento manifestava-se em seus olhos cansados e no jeito como o peito apertava ao tentar respirar normalmente.

Certa vez, ao caminhar pela praça, Lucas percebeu o quanto as interações simples tornaram-se um desafio monumental. Um sorriso aqui, um cumprimento acolhedor ali, tudo parecia demandar um esforço extraordinário. Lembrou-se de como, antes, essa mesma praça era um espaço de risos e conversas agradáveis, onde ele se sentia num ambiente cativante e inspirador. Hoje, era apenas uma extensão de seu cansaço, um eco da instabilidade que o vinha acompanhando. Ele via as pessoas, mas sentia-se distante, como se estivesse observando uma cena de um filme em que não conseguia mais se identificar.

A entidade, com suas garras invisíveis, não só afetava seu corpo, mas penetrava em sua mente, trazendo pensamentos sensuais intrusivos e medos inesperados. Cada vez que tentava se concentrar em algo, uma sombra de dúvida surgia. "E se isso for apenas a minha imaginação? E se eu estiver enlouquecendo"? Estes questionamentos eram como uma música repetitiva que não saía de sua cabeça, um mantra de incertezas, que tornava tudo mais difícil!!

Wilma, com seus olhos tão compreensivos e acolhedores, tentava ser seu porto seguro. Contudo, cada vez que ele falava sobre suas experiências, era como se uma barreira invisível se erguesse entre eles. Ele desejava que ela fizesse parte de sua luta, que pudesse entender a intensidade do que ele estava vivenciando. Mas a incredulidade dela o machucava, não por má vontade, mas porque a realidade, que Lucas enfrentava estava tão além do que ela poderia conceber. Isso só fazia com que o cansaço se intensificasse, dando a ele a impressão de que lutava não apenas contra a entidade, mas também, contra a falta de compreensão que se erguia entre eles.

Determinou-se a não permitir que essa presença dominasse sua vida. As interações com Wilma eram breves, mas cada palavra pesada saía de sua boca como se carregasse o peso do mundo. A tensão era palpável. Ele ansiava por que ela visse e sentisse a realidade de sua luta. Havia momentos em que se sentava à mesa, a luz suave da tarde filtrando-se pelas janelas, e observava a insegurança dançando em seus próprios

pensamentos. O cheiro do café fresco nada mais era do que um lembrete reconfortante do que poderia ser, contrastando com o vazio que se acumulava na percepção de sua vida.

Às vezes, ao cruzar os olhos com Wilma, ele se lembrava de uma viagem que fizeram juntos, quando tudo parecia mais simples e leve. Um passeio por um campo florido, sob o sol de primavera, onde a brisa fluía livremente. Agora, aquele cenário se sentia distante, como uma cena de um filme, que ele assistira sob a influência da nostalgia. Quais eram os passos, que poderiam levá-lo de volta a esse momento? A luta interna aumentava à medida que cada dia passava, e Lucas sentia-se cada vez mais afundado em sua própria escuridão, o lado sombra da personalidade humana.

Pensava em como, em momentos de solidão, tentava encontrar uma resposta nas memórias de quem realmente era. E o que se tornara? A consciência de sua fragilidade e, ao mesmo tempo, a necessidade de se mostrar forte o empurravam para um abismo de angústia. Era contraditório, mas ele se sentia quase como um milagreiro ao querer enfrentar o impensável. Como poderia compartilhar tudo isso com Wilma? Ele queria que ela soubesse que estava lutando, que não era apenas um capricho da mente. Cada esforço para se conectar à realidade acabava provocando um eco do medo que estava ali, presente, como uma sombra a seguir seus passos.

Quando olhava para o espelho, a imagem refletida parecia frequentemente distorcida, como se a luta estivesse moldando

não apenas suas emoções, mas também, seu físico. Havia algo de decadente naquele desgaste, como se a própria vida estivesse escorrendo por entre seus dedos, deixando marcas prontas para contar uma história, que ninguém conseguia decifrar. A identidade de Lucas estava se tornando uma questão de sobrevivência em meio ao caos, e ele precisava urgentemente de um estado interno de lucidez, uma clareza que lhe permitisse ver um fio de esperança em sua realidade cada vez mais conturbada.

Assim, os dias prolongavam-se em um ciclo de incerteza, cada manhã uma nova batalha para acordar e enfrentar o invisível e insidioso. Havia momentos em que a luz começava a vacilar, e ele se perguntava se seria possível superar todas essas barreiras que pareciam invisíveis, mas tão definitivas. A presença da entidade não era visível aos olhos do mundo, mas moldava sua existência de uma forma tão visceral, que tentava não apenas sobreviver, mas superar essa escuridão que insistia em se fazer presente.

Lucas viu-se envolto em um turbilhão de emoções, uma verdadeira montanha-russa. Ele não conseguia escapar daquela sensação avassaladora, que o acompanhava diariamente. Estava numa constante luta interna, tentando decifrar o que significava tudo o que estava vivenciando, ao mesmo tempo em que ansiava pelo apoio de Wilma. O amor que sentia por ela era profundo, mas surgia a dúvida: será que o que ele estava passando poderia ser compreendido por alguém tão racional?

Em sua mente, um mar de questionamentos se formava, invadindo cada espaço subliminar de sua consciência.

Naquela manhã ensolarada, enquanto caminhava até a cafeteria onde sempre se encontravam, ele refletia sobre sua infância. Lembrou-se de como, em um dia qualquer, havia conseguido escalar a árvore mais alta do bairro. A vista era surpreendente; ele se sentiu invencível, cheio de esperança. Mas agora, aquele sentimento havia desaparecido, substituído pelo peso de sua realidade. A presença daquela entidade o drenava, como se suas forças se evaporassem a cada interação.

Quando chegou ao local, viu Wilma absorvida em seus pensamentos, com um olhar que parecia distante. Ele hesitou ao se aproximar, os batimentos de seu coração acelerando ao pensar em como iria abordá-la. Poderia expor novamente suas angústias e correr o risco de fazê-la se afastar? Uma inquietação intensa o invadiu. Mas, era preciso, ele pensava. Se não falasse, tudo aquilo que o consumia iria engoli-lo.

"Olá, Wilma," disse ele, tentando manter a voz firme, mas, falhando em controlar a tremenda incerteza, que permeava suas palavras. Ela levantou o olhar, e, por um momento, seus olhos se encontraram, como se uma onda de entendimento silencioso passasse entre eles. Mas, logo, a dúvida surgiu. Havia um receio no olhar dela, uma mistura de compaixão e ceticismo. Lucas podia sentir essa luta dentro dela, mas, não sabia como verbalizar isso.

“Eu... precisei conversar de novo sobre o que estou enfrentando”, ele falou, sentindo intensamente cada palavra. Era como andar sobre ovos. “Eu sinto que não estou sozinho, mas, ao mesmo tempo, tudo o que acontece parece tão absurdo”! A insegurança escapou de seu controle, e a frustração se manifestou em seu tom. Ele sentia que estava derrapando em um terreno instável, e essa constatação era aterradora.

Wilma, com um olhar compreensivo, disse: “Lucas, eu quero acreditar em você. Quero entender, mas algumas coisas são difíceis de aceitar”. Suas palavras surgiram como uma lâmina cortante, e Lucas sentiu seu coração se apertar. A hesitação dela ecoava dentro dele, alimentando suas próprias ansiedades.

Tocadas por essa tensão, as conversas tornavam-se quase uma dança descompassada. Ele queria desesperadamente que ela visse o que estava vivendo, pudesse sentir a inquietação, que o dominava, mas parecia que cada tentativa de explicar gerava mais confusão entre os dois. Lucas não se sentia mais como a pessoa forte e segura que havia sido antes; ele estava lutando contra bruxas de uma realidade, que se tornou surreal.

Wilma, então, compartilhou um pedaço de sua própria história. Um momento de fragilidade em que, também, havia duvidado de suas crenças, e isso fez Lucas se sentir mais próximo dela. Ela não estava totalmente despreparada para lidar com o que dizia, mas havia resistência. “Sempre busquei controle sobre as coisas, e saber que você está passando por isso

me deixa... inquieta”, confessou. A vulnerabilidade em sua voz fez Lucas despertar uma nova perspectiva; não estavam sozinhos naquela luta, eles estavam juntos, mesmo nas diferenças.

Essa conversa intensificou a batalha interna de Lucas. Ele ponderava se devia continuar tentando convencê-la a acreditar em seu relato. Valia a pena lutar contra forças invisíveis, que a maioria considerava irreal? Era um questionamento que não o deixava em paz. A busca por compreensão tornava-se um fator crucial; ele precisava de Wilma, não apenas como parceira, mas, como alguém que pudesse partilhar esse fardo.

E, à medida que, os pensamentos se entortavam, Lucas começou a ver a entidade não apenas como uma ameaça, mas, como um reflexo das suas próprias inseguranças. Estava claro que em sua luta, ele carregava um peso, que ia além das experiências sobrenaturais. A dúvida sobre sua sanidade tornava-se um eco profundo, ressoando em seu ser. “Talvez, eu esteja apenas confuso”, ponderou. A intersecção de amor, realidade e medo tornava suas reflexões, ainda, mais intensas.

O café estava quente, a atmosfera ventilada e tranquila, mas, havia uma tempestade emocional dentro de Lucas. Ele desejava que aquele momento pudesse ser um divisor de águas. Era a chance de abrir seu coração e conferir a Wilma a intensa vulnerabilidade, que sentia. As palavras ecoavam na sua mente: nada do que ele estava enfrentando poderia reduzir o que sentia, o que havia construído com ela. Contudo, a dúvida

permanecia como um espectro aos olhos dela, e cada respiração sua parecia um lembrete do infinito caminho, que ainda teriam que percorrer juntos. "Se eu conseguir apenas um milagre", pensou ele em silêncio, "se Wilma puder enxergar além e, ainda, estar ao meu lado, talvez, possamos juntos superar essa luta interna".

CAPÍTULO 5

Paixão e Conflito

A porta do motel rangeu ao ser aberta, e Lucas sentiu o cheiro adocicado de flores, que pairava no ar. A iluminação era suave, quase mágica, como se as lâmpadas escondessem segredos nas sombras. As cortinas de um tom quente esvoaçavam levemente com a brisa, que entrava pela pequena janela, criando um cenário intimista, mas, carregado de uma tensão palpável. Era um refúgio temporário, um espaço onde o mundo exterior parecia ter sido banido, contudo, onde as suas ansiedades persistiam como sombras dançarinas sobre as paredes.

Lucas estava nervoso, suas mãos suadas traíam a expectativa, que pulsava em seu peito. Aquele lugar, decorado de maneira acolhedora, possuía uma irradiação eletromagnética, aura específica, como se fosse um parêntese na história deles, onde tudo poderia acontecer. Sussurros de risadas e diálogos de outros casais ecoavam pelo corredor, mas, ali dentro, era como se houvesse uma fusão entre eles e o mundo exterior, o ambiente, as pessoas tivessem sido reduzidas a apenas duas, Lucas e Wilma. Essa proximidade suspensa, que pairava no ar fazia seu coração acelerar com a mistura de ansiedade e desejo. E então, finalmente, seus olhares se

cruzaram. Era uma troca de olhares daqueles que dispensam palavras, uma conexão eletrizante que acendia chamas em seus corações. Lucas percebeu que cada gesto de Wilma era cauteloso, quase como se estivesse dançando na ponta dos pés sobre um terreno desconhecido. Ele sentia um desejo avassalador por ela, porém, suas recentes experiências traumáticas persistiam, assombrando sua mente em um canto escuro. Assim, com um sorriso um tanto tímido, tentou quebrar o gelo.

"Esse lugar é... interessante, não é? Lembra-me de um filme que vi uma vez", disse ele, tentando iluminar o momento, mas, suas palavras lhe pareceram ralas, como se não fossem suficientes para descrever a intensidade do que estava sentindo.

Wilma sorriu, uma expressão que misturava conforto e insegurança, e respondeu com uma sinceridade que o tocou: "Sim, é como se aqui tudo ficasse mais... verdadeiro".

Era como se cada palavra trocada entre eles fosse um pequeno passo em direção à vulnerabilidade. As hesitações que estavam presentes começaram a ser dissolvidas pelo calor do momento. Os toques eram cautelosos, quase tímidos, no entanto, os olhares diziam mais que qualquer frase elaborada. O espaço entre eles vibrava com uma eletricidade que não podia ser ignorada. Lucas queria avançar, porém, sua mente o segurava, sempre repetindo o mantra das suas inseguranças.

Enquanto um riso suave escapava dos lábios de Wilma, Lucas sentiu o peso do instinto de proteção. Era como se, além da paixão crescente, houvesse uma necessidade primordial de cuidar dela, de mantê-la segura, mesmo em meio a tudo que ele tinha enfrentado.

"Você se lembra daquela vez em que"... Começou Lucas, mas, parou. O medo de trazer à tona lembranças dolorosas o impediu. Afinal, como falar sobre o que o consumia sem parecer que estava se afundando em suas próprias trevas? E, então, ele decidiu tomar um risco. Aproximou-se, na esperança de que um toque, mesmo que breve, pudesse definir o que as palavras não conseguiam.

Mas o momento transitório estava por se desvanecer. As vozes e risadas do exterior pareciam agora ecos distantes em um mundo que não se importava com a fragilidade do amor que se formava ali. Lucas sentia o ar mais pesado, como se alguma coisa estivesse prestes a mudar. A conexão entre eles, tão intensa quanto delicada, era testada a cada segundo que passava. E, com isso, o peso da insegurança e do desejo se misturava em um turbilhão de emoções, prenunciando que a paixão que florescia ali também trazia consigo a sombra de conflitos que se desenhavam no horizonte.

Lucas estava em um dilema, sua mente uma tempestade de emoções e medos. O ambiente que até poucos momentos parecia um refúgio, agora se tornara um campo de batalha. A presença da entidade da Quarta Dimensão era como uma

sombra opressiva, uma força que pairava sobre eles, pesando cada respiração, cada batida de coração. O ar, antes doce com o perfume das flores, agora se tornava denso e carregado, como se as paredes do motel estivessem tentando sufocá-lo. A música no fundo, que anteriormente envolvia o casal em uma atmosfera romântica, agora soava como uma canção dissonante, destacando a confusão que reinava dentro dele.

Enquanto Lucas tentava manter a conexão com Wilma, as palavras escapavam de sua mente como água entre os dedos. Ele a olhava com um desejo intenso, mas a tensão enchia o espaço entre eles. "Por que isso está acontecendo agora?" pensou, sentindo o arrepio percorrer sua espinha enquanto a entidade parecia sugar não só a energia do ambiente, mas a própria paixão que fervia dentro dele. Essa luta interna se transformava em um peso ainda maior ao ver a preocupação refletida nos olhos de Wilma. Ele queria protegê-la, assegurar que nada a afetasse, mas a realidade era que ele mesmo estava se afundando em um abismo de incertezas.

"Você está bem?" Wilma perguntou, sua voz suave como um sussurro, mas carregada de um peso palpável. Ele viu a inquietação em seu rosto, o jeito como ela mordia o lábio, e isso apenas intensificou a confusão em Lucas. Ele balançou a cabeça, mas as palavras que ele realmente queria dizer sumiam-se em sua garganta. Era como se a entidade estivesse tomando conta de tudo, como um maestro maligno orquestrando uma sinfonia de terror.

"Lucas, você não precisa me esconder nada," ela continuou, o olhar dela procurando o dele em meio ao caos. Aquela frase ressoou em sua mente. Era verdade, ele não deveria esconder a realidade daquela batalha. Mas, como poderia admiti-la? O que ele poderia dizer em um momento onde sentia que o próprio coração estava sendo testado?

A tensão aumentava, cada segundo se estendendo como uma eternidade. Ele poderia simplesmente se perder naquela conexão, se deixar levar pelo desejo, mas a verdade era que as sombras dançavam em torno deles, e Lucas lutava contra a sensação de que, a qualquer momento, tudo poderia desmoronar. Ele estava preso entre o desejo de tocar Wilma e o pavor de que essa conexão poderia atrair ainda mais a entidade. Uma luta visceral que se manifestava em seu corpo, a adrenalina pulsando enquanto ele tentava organizar seus pensamentos.

"Às vezes fico pensando se estamos prontos para isso", ele disse, sem saber se estava se referindo ao relacionamento ou à luta iminente que parecia mais real do que nunca. Wilma franziu a testa, os olhos dela brilhando com uma mistura de compreensão e tristeza. "Eu também tenho medo", ela respondeu, quebrando as barreiras do silêncio que os cercavam. Esse reconhecimento da vulnerabilidade fez com que Lucas sentisse um novo sopro de coragem. Era um momento surpreendente, onde a honestidade poderia ser a única arma

que eles tinham contra a presença opressiva que ameaçava enredá-los.

Lucas encarou Wilma, sentindo um impulso que pulsava dentro dele. Ele precisava agir. "Precisamos focar em nós, no que temos, no que fomos!" implorou ele. As palavras, carregadas de uma paixão renovada, ecoaram no ambiente enquanto a entidade parecia hesitar. Talvez houvesse uma fração de esperança. Piadas e sussurros que antes soavam como riso longe da realidade agora podiam ser uma canção de batalha. Mas, é claro, a atmosfera ainda pulsava com a presença sombria.

Nesse conflito, ele percebeu que todo o desejo que sentia por Wilma não era apenas físico; era uma chama intensa que iluminava também suas inseguranças. Estava lutando não só contra a entidade, mas contra seus próprios demônios. Ele queria ser o homem que poderia confrontar não só as forças externas, mas também as sombras que habitavam seu coração. O que ele não sabia era que, na profundidade dessa batalha, nascia uma nova força, um desejo de não deixar nada – nem mesmo a própria entidade – se interpor entre eles.

E assim, neste espaço tão pequeno e cheio de tensão, a paixão e o conflito tornaram-se inextricáveis, entrelaçando-se de forma que apenas eles poderiam entender. Enquanto ele enfrentava a ameaça que os cercava, sua conexão com Wilma permanecia como uma âncora, algo profundamente essencial que ele estava determinado a proteger.

Lucas estava mergulhado em uma luta interna. Apenas alguns instantes antes, os olhares trocados entre ele e Wilma pareciam prometer um mundo de possibilidades. Agora, à medida que a presença ameaçadora da entidade se tornava mais palpável, a paixão que fervia entre eles enfrentava o frio açoite do medo. Ele tentava manter a conexão, mas a atmosfera carregada dificultava até mesmo a simples tarefa de olhar nos olhos dela. Era como se uma mão invisível estivesse apertando seu coração, enquanto sua mente girava, angustiada pela batalha acontecendo dentro de si.

O silêncio, que deveria ser um sinal de intimidade, flutuava pesado. Assim que Lucas respirou fundo e se aproximou de Wilma, uma onda de insegurança o atingiu. A conexão que antes era vibrante pareceu se dissipar, engolida por questões que pesavam em seu peito. Ele a encarou, sua voz hesitante rompendo a barreira do silêncio. "Wilma, você sente... alguma coisa estranha aqui?" O questionamento saiu quase como um sussurro, carregado de uma ansiedade que ele não conseguia esconder.

Ela fez uma pausa, os olhos se iluminando com uma compreensão profunda. "Você está sentindo ela também, não está?" A forma como as palavras saíram de sua boca trouxe um calor inesperado, mas misturado a um sabor amargo de realidade. Era difícil discutir sobre uma força tão constrangedora que ameaçava tudo o que eles estavam construindo.

Os momentos se arrastavam como se houvesse uma eternidade entre a pergunta e a resposta. Lucas pensou em como a presença da entidade não era apenas um desafio externo, mas uma sombra que se instalara dentro dele. Ele passara noites sem sono, atormentado por visões dela, assistindo-o de longe, rindo de suas inseguranças. Os pesadelos deixavam marcas profundas, tornando cada toque e cada sorriso de Wilma mais valiosos, mas, ao mesmo tempo, muito mais perigosos.

A cada tentativa de aproximar-se, o plano menos tangível da entidade se intensificava, como se estivesse bloqueando qualquer traço de felicidade. Quando Lucas tocou a mão de Wilma, sentiu uma eletricidade, mas também uma sensação de vazio, como se uma parte dele estivesse se desvanecendo a cada momento. Tudo o que podia pensar era: "Estou errado por querer isso? Devo protegê-la ou arriscar tudo?"

Ele respirou fundo, sentindo o cheiro adocicado que antes o envolvia, agora apenas uma lembrança distante. "E se não formos suficientes?" Foi uma pergunta que escapuliu, testemunho de sua vulnerabilidade. As palavras pareciam flutuar no ar pesado entre eles, tingidas de incerteza.

Wilma olhou nos olhos dele com uma sinceridade que fez Lucas estremecer. "Eu não quero perder você, Lucas. Mas não sei como lidar com isso." Sua voz ressoou com o eco de suas próprias preocupações, e naquele instante, a relação deles parecia emaranhar-se ainda mais no conflito entre o amor e a

realidade. Enquanto falavam, cada palavra parecia ser um passo cuidadoso em um campo minado emocional, onde a paixão e o temor se entrelaçavam inextricavelmente.

E então, em um impulso, Lucas se lembrou do que realmente importava. Por um momento, quase se desligou da presença opressora, focando apenas em Wilma. "Se vamos enfrentar isso, deve ser juntos. Não posso deixá-la ser arrastada para o escuro." Essa declaração saiu de seu coração, não da razão, e preencheu o espaço entre eles com uma energia intensa.

O diálogo deles fluía entre a irrigação de sentimentos, entrecortado por uma vulnerabilidade palpável. Ele teve que oferecer a si mesmo e a ela o que normalmente não conseguia. "Estou tão apavorado quanto você, mas não posso desistir da gente," ele proclamou, buscando ancorar-se nas palavras dela. A batalha era tanto interna quanto externa, mas naquele diálogo sincero, havia uma chispa de esperança.

E assim, mesmo em meio ao caos, enquanto suas mãos ainda estavam entrelaçadas, Lucas e Wilma seguiram lutando juntos. A paixão ardente ainda estava lá, competindo contra uma sombra, mas a determinação deles tinha um sabor de milagre, um eco de chances que ainda podiam tomar. Eles eram uma dança entre a luz e o escuro, uma sinfonia complicada, onde cada nota representava um desafio. Lucas percebeu que precisava ser forte não apenas por Wilma, mas para ele mesmo.

Lucas estava imerso em uma tempestade de emoções, seu coração pulsando forte, quase ecoando entre as paredes do motel. A presença da entidade tornava o ambiente claustrofóbico, mas, em meio a essa opressão, a ideia de se comprometer com Wilma brotou como um relâmpago inesperado. Ele a olhou nos olhos, que refletiam uma mistura de incerteza e esperança, e sentiu uma determinação quase insana surgir dentro de si. Não era apenas sobre amor; era sobre enfrentar o que os cercava, lutar contra os medos que ameaçavam afastá-los um do outro.

"Wilma", começou Lucas, sua voz trêmula, mas clara, "e se... e se nós nos uníssemos de verdade? Não apenas nesta noite ou nos próximos dias, mas como parceiros?" A proposta escapou de seus lábios como um sussurro fervoroso, impregnado de uma coragem que ele mesmo não sabia que possuía. O frio na barriga se intensificou, mas havia também um calor crescente que emanava do desejo de protegê-la e de se proteger.

Ela o encarou, uma centelha de surpresa nos olhos, antes que uma expressão contemplativa tomasse conta de seu rosto. "Você quer dizer... lutar juntos? Enfrentar essa coisa?" A hesitação em sua voz era compreensível, uma mistura de medo e a possibilidade de se lançar em algo ainda mais profundo e assustador.

"Sim", confirmou Lucas, sentindo seu peito apertar com a intensidade do momento. "Eu não sei o que isso significa exatamente, mas eu sei que não quero enfrentar isso sozinho."

Havia uma sinceridade em seu olhar, algo que transcendia as palavras. Era a essência de um homem que havia enfrentado os próprios demônios e que, mesmo assim, não queria desistir do que havia surgido entre eles.

A atmosfera ainda estava pesada pela presença da entidade, mas a proposta de Lucas tomou forma como um milagre inesperado. Ele se lembrou de outras batalhas que havia enfrentado na vida, e de como nenhuma delas o deixara tão vulnerável. Agora havia a chance de construir algo que fizesse cada dor valer a pena. A conexão que compartilhavam poderia se transformar em uma arma poderosa contra o que ameaçava separá-los.

Wilma, por sua vez, ponderava as palavras do homem à sua frente. Era impossível ignorar a química intensa, mas o peso da decisão a fazia hesitar. Ela buscou a sinceridade em sua voz, desejando que ele soubesse que esse passo exigiria coragem e entrega total.

"Eu... eu tenho medo, Lucas", confessou, seus olhos brilhando com a umidade das emoções. "E se isso acabar me fazendo mais mal do que bem? E se nós... nós não formos fortes o suficiente?"

"Eu também sinto medo", respondeu ele, a sinceridade florindo entre eles. "Mas, talvez, essa seja a única maneira de finalmente quebrarmos essas correntes. Juntos, poderíamos ser mais fortes. Não apenas como amantes, mas como aliados."

Lucas endireitou-se, a determinação ardendo em seu ser. Aquela conversa não era só uma proposta; era um voto, um pacto diante do desconhecido.

Um silêncio pairou entre eles, carregado de significado. O que estava em jogo era a realidade de suas vidas. Seriam capazes de superar o horror que os observava nas sombras? Poderiam, juntos, transformar sua fragilidade em força? As perguntas pairavam na brisa sutil, mas havia algo de reconfortante em poder compartilhar esse peso. Lucas sabia que mais do que qualquer outra coisa, a união deles poderia abrir um caminho inesperado, um que pudesse levá-los a um futuro onde o amor e a luta coexistissem.

"Então, vamos fazer isso", disse Wilma, quebrando o silêncio. Sua voz tinha um tom resoluto, que misturava esperança e uma pitada de ousadia. "Seja o que for que venha a nos atingir, que venha. Estaremos juntos."

O alívio inundou Lucas, e a tensão nas suas costas pareceu se dissipar. Havia, agora, uma nova possibilidade de enfrentar os monstros à espreita: não mais apenas com seus corações abrigados numa solidão desesperadora, mas como uma equipe. O vínculo que haviam criado tornava-os irresistíveis à adversidade, uma combinação de paixão e força inabalável.

Nesse momento, a entidade parecia um pouco menos opressora, o ambiente do motel um pouco mais acolhedor. Era uma lembrança de que, mesmo nas situações mais sombrias,

havia sempre uma luz que poderia emergir. E por trás daquela proposta audaciosa, havia o desejo de não apenas lutar por si mesmos, mas, de estabelecer um tipo de amor, que fizesse cada batalha valer a pena. Era o início de uma nova jornada, repleta de desafios imprevisíveis, mas também, de promessas honestas sobre o que significava amar em tempos de conflito.

CAPÍTULO 6

O Destino e Decisões

Lucas nunca pensou que chegaria a um momento tão intenso. O coração pulsava forte dentro do peito, uma batida quase ensurdecedora que ecoava todos os seus sentimentos por Wilma. Eles estavam em um lugar que parecia carregado de magia e tensão, com a atmosfera da Quarta Dimensão ao seu redor, intensificando cada emoção. O cheiro da grama molhada ainda carregava vestígios da chuva, e a luz do entardecer delineava a silhueta deles, como se o próprio universo estivesse prestando atenção.

Ele respirou fundo, sentindo o ar fresco invadir seus pulmões, enquanto buscava a coragem necessária para pronunciar as palavras que lhe ardia na garganta. Wilma, com seu olhar profundo e enigmático, refletia a confusão que ele também sentia. Ela era uma tempestade de emoções: a alegria de um amor fervente misturada com a insegurança gerada pela incerteza do futuro.

"Wilma", ele começou, a voz um pouco trêmula, "eu quero... eu quero me comprometer com você". As palavras saíram de sua boca como um sussurro, mas logo tomaram forma, tornando-se um pedido em toda a sua plenitude. "Eu quero que você seja minha esposa".

A reação dela foi imediata. Os olhos de Wilma se arregalaram, como se ele tivesse lançado uma pedra em um lago profundo e calmo, fazendo ondas de surpresa reverberarem através de sua expressão. O choque rapidamente deu lugar à alegria, e um sorriso se formou em seus lábios, mas logo foi ofuscado pela sombra da dúvida.

"Um casamento? Agora? Com tudo isso acontecendo"? O tom de sua voz oscilava entre a excitação e o medo. Em sua mente, a ideia de compromisso se entrelaçava com a imagem do que a Quarta Dimensão representava: um espaço de incerteza e pressão. Mesmo naquela fração de segundo, Lucas pôde sentir a luta interna dela, o peso de suas próprias inseguranças sendo arrastadas para a superfície.

"O que isso significa"? Wilma continuou, a emoção transparecendo em cada sílaba. "Eu não sei se posso... se consigo me comprometer dessa maneira, tão repentinamente, enquanto estamos aqui". Ela gesticulava com as mãos, a expressividade dela ajudando a comunicar um turbilhão de pensamentos que a deixavam inquieta.

Lucas, em resposta, buscou segurá-la, envolvendo suas mãos nas dela. A pressão leve de seus dedos criou um laço que parecia conectar suas almas de forma quase mágica. "Eu entendo, isso é... é inesperado, eu sei," ele disse, sentindo o calor de suas palmas. "Mas eu sinto que o que temos é especial. E eu não quero esperar mais. Quero construir um futuro ao seu lado, mesmo que ele esteja carregado de desafios".

E enquanto falava, Lucas percebeu que a pressão da entidade da Quarta Dimensão se intensificava ao redor deles. Era como se algo estivesse os observando de perto, pronto para intervir e catapultar seus sentimentos para outro patamar. Contudo, ele não deixaria que o medo governasse aqueles instantes preciosos.

"Eu não quero te prender, Wilma. Não é isso que desejo. Eu quero que possamos nos moldar juntos, enfrentar o que vier. O amor pode ser uma fortaleza, uma proteção, mas também deve ser uma liberdade". Os olhos dele brilhavam com a sinceridade de seus sentimentos, e ele esperava que, ao ouvir isso, Wilma pudesse começar a dissipar algumas das nuvens de incerteza que pairavam sobre sua cabeça.

A expressão dela começou a mudar, à medida que a verdade por trás das palavras de Lucas começava a se estabelecer. Havia uma beleza assustadora em abrir-se ao amor em tempos tão estranhos e adversos. O silêncio entre eles se tornava mais denso, carregado de significados não ditos, e Lucas percebeu que, naquele momento, as duas realidades – a do amor que crescia entre eles e a da entidade ameaçadora – estavam prestes a colidir de uma forma surpreendente.

A atmosfera na sala mudou rapidamente, transformando-se em um campo de batalha emocional. Lucas observou o rosto de Wilma, mergulhado em um turbilhão de sentimentos. O brilho em seus olhos se tornara uma cortina de nuvens densas e pesadas. A proposta que havia lhe saído dos lábios estava

reverberando entre eles, somando-se à confusão que já habitava aquele momento. O coração de Lucas parecia ensaiar uma dança frenética, pulsando descompassado, como se quisesse escapar do peito. Ele a encarou, desesperado por desvendar o que se passava em sua mente.

“Eu... eu não esperava por isso”, disse Wilma, a voz trêmula, quase um sussurro. Havia uma fragilidade nas suas palavras que tocou Lucas profundamente. A pressão nas suas mãos era quase palpável, como se tentasse amparar não apenas o momento, mas todo o futuro que se desenhava diante deles. Para ele, o pedido de casamento era uma resposta definitiva ao que sentia, um desejo de unir suas vidas de maneira inexplicável. Porém, para Wilma, a ideia de um compromisso parecia um peso, uma amarra que ameaçava sua liberdade.

“Mas você não sente a mesma coisa?”, ele perguntou, a tensão nas suas cordas vocais quase quebrando. “Eu... eu pensei que... Que a gente estivesse na mesma sintonia”. Dava para perceber que tudo isso estava exigindo mais dela, muito mais. “Por que a liberdade é a primeira coisa que vem à sua mente, Wilma”? Ele indagou, tentando apreender a raiz daquela resistência. Era um desafio à visão, que Lucas tinha sobre o amor.

“É complicado, Lucas. Por um lado, é tudo tão lindo, apaixonante. Porém, por outro, o que significa para mim? Um casamento não é só um ‘sim’ ou um ‘não’. Isso envolve tanto!” Ela respondeu, a sinceridade moldando sua expressão. A

fragilidade da situação deixou Lucas angustiado. Era como se estivessem flutuando num mar revolto, entre ondas de amor e incerteza, sem querer nunca afundar.

“Eu só... Eu só quero construir algo verdadeiro. Algo com base na confiança. Pensei que isso poderia ser um passo para nós dois”, Lucas tentou continuar, buscando palavras que pareciam se esvaír. Uma parte dele queria expressar a imensidão de seu amor, contudo, outra parte temia que suas intenções fossem mal compreendidas. Ele percebeu que a relação deles não era feita apenas de momentos felizes, mas também, de desafios, de inseguranças, que precisavam ser confrontadas.

Wilma estava lutando contra seus demônios pessoais, uma batalha interna que parecia urgente. “E se não der certo”? Ela questionou, os olhos um misto de dúvida e medo. Ali, diante daquela possível vida juntos, estavam também os fantasmas que a assombravam, frequentemente, sussurrando sobre fracassos e expectativas não atendidas. “Você realmente acha que está preparado para isso? E se tudo mudar”?

Lucas sentiu um frio na barriga. A pressão que a entidade da Quarta Dimensão colocava sobre eles parecia, ironicamente, reforçar essa conversa. Era como se ele estivesse sendo testado não só por Wilma, mas também por forças que mal compreendia. Uma parte dele queria gritar que eles eram mais fortes do que qualquer preocupação. “Wilma, eu... Eu quero tentar, mesmo assim, mesmo com todos os riscos”, declarou,

determinado, como se cada palavra fosse um tijolo construindo uma ponte entre seus sentimentos e as incertezas que encaravam.

“Havia uma parte de mim que sonhava com isso, mas não sei se estou pronta”, ela respondeu, com os lábios tremendo. Uma sombra de vulnerabilidade cruzou seu rosto. Sinceramente, Lucas sentiu aquela frustração dilacerante, uma luta entre o que desejava e o que a realidade impunha. Parcerias, aliadas ao compromisso, não eram apenas cartas na mesa; eram todo um baralho, turbulento e impreciso.

Ainda havia muitas questões pairando no ar, ecos de incertezas, como as folhas secas que dançam ao sabor do vento. “Você já imaginou como seria nossa vida juntos”? Ele perguntou, num ato quase desesperado de buscar clareza. O coração de Lucas ressoava, esperando que Wilma encontrasse uma resposta. Mas em vez de uma resposta concreta, o diálogo se tornava um labirinto, com cada curva revelando mais sobre eles. Ambos estavam expostos, vulneráveis, mostrando suas medos e inseguranças. A intensidade daquele momento era quase palpável, como se todo o universo olhasse.

A verdade era que cada palavra trocada ali era como um passo em direção a um abismo ou a um milagre. O caminho não era apenas sobre casamentos, mas sobre a liberdade de amar e ser amado, um risco que ambos precisavam aceitar. “Eu só quero saber se você acredita em nós”, Lucas disse finalmente, ansioso por uma resposta que pudesse significar mais que tudo.

O silêncio se arrastou, pesado como uma nuvem carregada de chuvas. Cada um, em seu canto do labirinto emocional, ponderava se havia espaço para um milagre. A luta entre compromisso e liberdade revelava-se como uma dança delicada, em que suas almas entrelaçadas buscavam um caminho seguro, mesmo que incerto.

A pressão da entidade da Quarta Dimensão pairava no ar como uma sombra imensa. Lucas percebeu que, enquanto a conversa entre eles se tornava cada vez mais intensa, o ambiente ao redor também parecia reagir a essa tensão. O vento soprava com força, criando um som que se assemelhava a um lamento distante. Ele olhou para Wilma, seu coração batendo descompassado, sentindo uma mistura de amor e desespero. Algo estava muito errado, mas o quê?

Ele se esforçou para manter a serenidade, mas nas profundezas de seu ser, a angústia pulsava como algo visível. A expressão no rosto de Wilma refletia uma batalha interna, um choque entre o desejo e o medo. O aperto em suas mãos era a prova de que aquelas palavras não eram apenas um pedido: era uma oferta de um futuro incerto, envolto em riscos desconhecidos. O que significava realmente “para sempre” quando a ameaça se escondia nas entrelinhas da realidade?

"Lucas, você não entende"... Ela falou, com a voz travada. "Não é só sobre nós. Pense em tudo que está em jogo". Cada sílaba parecia um eco da pressão externa, mais intensa do que se podia imaginar. Ela olhou diretamente em seus olhos,

buscando um sinal de que ele compreendia a profundidade do que estavam enfrentando.

Ele respirou fundo, tentando filtrar as emoções turbulentas. "O que eu entendo é que não posso imaginar minha vida sem você. Eu te amo, e, mesmo com tudo isso"; fez uma pausa na tentativa de articular suas ideias, "mesmo com o risco, eu quero isso". E algo nele estava convencido de que esse amor poderia, de alguma forma, vencer todas as pressões que os cercavam. Contudo, a incerteza era palpável e um tanto apavorante.

Wilma afastou o olhar, seus pensamentos parecendo dançar nessa penumbra. "E se isso nos aprisionar"? Sua pergunta ficou suspensa no ar como uma gota de água prestes a cair. A imagem de algo que deveria ser um vínculo assumindo a forma de uma gaiola a intimidou.

Aquela dúvida fez Lucas parar. Ele sentiu uma pontada no peito, um sinal de que ali estava um ponto crucial em sua decisão. O que significava realmente amar alguém? Era apenas uma questão de querer proteger, ou havia espaço para a liberdade dentro desse amor? Ele se lembrou de um momento que havia vivido quando criança, um simples dia de verão, sentado em um balanço, sentindo a brisa fresca enquanto seus amigos brincavam ao redor. Havia liberdade naquele momento, na inocência de se sentir pleno. Era um estado de ser que ele ansiava trazer de volta, mesmo em meio a toda aquela confusão.

"Talvez, o amor seja um espaço seguro também". Lucas começou, sua voz, agora, mais firme. "Um lugar onde a gente pode ser quem somos, com todas as nossas inseguranças, sem medo do que vem depois". Ele viu os olhos de Wilma se iluminarem por um instante, como se ela pudesse vislumbrar um caminho através da neblina que a envolvia.

"Mas, isso não responde às perguntas que tenho", ela disse, a emoção deixando sua voz trêmula. "E se, em vez de libertação, eu sentir que estou presa? Existe uma linha tênue entre amar e ser amado e perder a própria essência". A insegurança dela era crua, como uma ferida exposta, e Lucas não pôde deixar de sentir uma compaixão profunda.

"Eu não quero que você se sinta assim", ele respondeu, a intensidade de suas palavras carregadas de sinceridade. "Acho que precisamos descobrir isso juntos. O que seria ideal para nós dois, não é sobre abrir mão de quem somos, mas também, sobre encontrar um meio de caminhar lado a lado. Juntos, mesmo quando tudo parece incerto".

E havia verdade naquelas palavras, uma conexão que se estendia para além do que a pressão da entidade poderia entender. O amor era uma jornada complicadíssima, no entanto, Lucas começou a acreditar que poderia ser também um sinônimo de liberdade. Afinal, se a liberdade se perde no caminho, é preciso redefinir o que significa estar junto.

A presença invisível da Quarta Dimensão continuava a ser uma ameaça constante, suas intenções obscuras como as nuvens carregadas que obscureciam o céu. Porém, Lucas sentia-se fortalecido pelo diálogo, pela conexão que havia ativado com Wilma. Eles, ainda, eram livres para decidir. E nesse espaço de diálogo, de vulnerabilidade e coragem, havia uma chance de moldar o futuro de forma nova e inesperada.

"Se formos verdadeiros um com o outro, talvez possamos superar isso. Não podemos deixar que o medo nos impeça de fazer as escolhas que queremos". As palavras se soltaram como uma promessa, repousando entre eles, leve, mas cheia de significados.

A tensão no ar persistia, mas, pela primeira vez, havia um feixe de esperança. O amor, apesar das incertezas, poderia ser vivido como um abraço reconfortante em meio à tempestade. Cada um, aprendendo a voar em sua própria liberdade, enquanto se apoiavam nas asas do outro.

Lucas e Wilma se encontraram em um momento em que palavras densas e pesadas estavam no ar. Era como se o ambiente conspirasse para que suas reflexões mais íntimas emergissem, e a fragilidade da situação se tornasse um espelho de suas almas. Era o momento perfeito para questionar o amor e a liberdade, e cada um precisava entender o que realmente significava aquele vínculo.

“Você já parou para pensar no peso que um compromisso traz consigo”? Wilma perguntou, a voz quase falhando. Seus olhos refletem uma mistura de insegurança e um desejo latente por clareza. Aquelas palavras pairaram entre eles, como uma névoa que trazia com ela promessas e dúvidas. Lucas sentiu seu coração bater como se estivesse tentando se libertar do peito. Era preciso que ela entendesse que o que ele oferecia não era uma prisão, mas uma chance de serem verdadeiramente livres, juntos.

“Wilma, não é sobre amarrar, é sobre unir. O amor verdadeiro, aquele que espero para nós, deveria ser a natureza própria da liberdade”, ele respondeu, tentando transmitir a intensidade de seus sentimentos. Enquanto falava, o cheiro de café fresco invadia o ambiente, parecendo se esforçar para aquecer a atmosfera tensa entre eles, mas também lembrando Lucas da simplicidade das coisas boas da vida. O aroma o fazia pensar sobre as manhãs que desejava passar ao lado dela, conversas longas e risadas compartilhadas.

Ela respirou fundo, sua mente claramente viajando por todas as definições que conhecia de amor. “Mas o que você realmente quer, Lucas? Você deseja a segurança de saber que eu estarei sempre aqui, ou quer alguém que escolha estar ao seu lado por vontade própria?” As palavras dela eram cortantes, quase dolorosas, abrindo feridas de incerteza que precisavam ser discutidas. A luz suave que entrava pela janela parecia

contar a história deles em um panorama, moldando a cena com nuances de escolha e destino.

“Eu quero você, e isso é tudo”, ele replicou rapidamente, a sinceridade em cada sílaba. “Mas percebo que amar também envolve liberdade e confiança. É uma dança... e talvez eu tenha sido egoísta ao não perceber que você pode se sentir presa nesse passo.” Ele se dedicou a refletir sobre cada palavra que falava, quase como se estivesse desnudando sua própria alma diante dela. O silêncio que se seguiu carregava a gravidade do que havia sido revelado. As paredes da sala pareciam se aproximar levemente, tornando o espaço mais íntimo, mais real.

“Lucas, eu só quero ter certeza de que não perderei quem eu sou ao embarcar em algo tão definitivo. Isso é assustador”, Wilma admitiu, a frustração clara em sua voz. “E há a sombra daquela entidade — a pressão dela, sabe? Parece que estou sendo testada a toda hora, e isso me faz duvidar do que podemos ser juntos”. As luzes da cidade lá fora piscavam, um convite a se perderem nas distrações do mundo, mas eles estavam ali, profundamente conectados ao que era, simultaneamente, reconfortante e aterrorizante.

“Olha, não quero ser a causa de sua insegurança, de maneira alguma. Mas não podemos deixar que esse medo nos impeça de ver o quão cativante pode ser o futuro juntos”, Lucas ponderou. A conversa já não era pura lógica. Era uma briga entre o desejo de ambos e o peso do desconhecido. Ele podia sentir a intensidade do vínculo criando novas dimensões.

“Talvez o amor seja mesmo uma forma de liberdade, desde que esteja baseado na honestidade”, ele arriscou, consciente de que aquele momento poderia ser decisivo. Os olhares se cruzaram e, por um instante, ambos podiam perceber o eco da verdade naquelas palavras. A discussão morria aos poucos no calor que começava a espalhar-se ao redor deles, enquanto as cicatrizes do passado pareciam menos significativas.

“Sim, temos nossas batalhas e nossos medos. E podemos ser mais do que apenas o que o outro espera. Amar é também deixar o outro livre para decidir”, finalmente Wilma concedeu, num sussurro que era quase um alívio. Era como se, pela primeira vez, eles se vissem não como um par fixo, mas como duas forças individuais que poderiam se entrelaçar de maneira sublime, e ao mesmo tempo, preservando suas essências. O futuro finalmente começava a aparecer como uma tela sem limites, onde poderiam pintar seus próprios destinos, sem medo de perder a si mesmos.

Enquanto a conversa se diluía na noite e as estrelas começavam a brilhar lá fora, havia uma sensação indescritível de que suas almas haviam sido remodeladas. Cada palavra, cada respiração e cada olhar agora estava repleto de significados novos e inesperados. E assim, seus destinos eram moldados em constante evolução, como se tudo ao seu redor os encorajasse a dançar pelas possibilidades da vida. O amor, eles sabiam, poderia ser imenso e livre, como sempre deveria ter sido.

CAPÍTULO 7

A Possessão

*A*tarde estava suave, quase mágica, quando Wilma e Lucas decidiram se refugiar em seu cantinho favorito, um pequeno apartamento. O cheiro do café fresco dançava pelo ar, e os dois se sentaram lado a lado no sofá, mergulhados numa conversa cheia de risadas. O calor de suas mãos entrelaçadas era reconfortante, uma conexão palpável que os fazia sentir como se o mundo todo tivesse parado para dar espaço àquele momento.

Mas, de repente, como uma sombra inesperada rasgando o céu límpido, a atmosfera começou a mudar. Lucas notou que a luz mudava de tom, como se o sol estivesse vacilando entre brilhos e sombras. Ele olhou para Wilma e a viu, por um breve instante, paralisar. Seu olhar tornou-se vazio, e um arrepio percorreu a espinha de Lucas. Algo não estava certo.

"E aí, querida, tudo bem"? Ele tentou brincar, mas a voz saiu mais tremida do que planejava. A risada descontraída se desfez no ar, dando espaço a uma tensão palpável. Wilma não respondeu. O silêncio cresceu, espesso, quase insuportável.

E então aconteceu. A transformação foi abrupta. Os traços familiares de Wilma se distorceram, como se um filtro grotesco

estivesse sendo aplicado a uma foto amada. A presença de uma entidade invade o espaço, e Lucas sentiu como se a temperatura ao redor caísse drasticamente. O ambiente parecia vibrar, as paredes ganhando vida, pulsando em um ritmo próprio. Ele quase poderia jurar que a luz havia adquirido uma cor estranha, um tom esverdeado que iluminava os contornos de tudo, tornando a cena surreal.

"O que você fez a ela"? A voz que saiu de Wilma agora não era dela. Soava profunda, ecoando com um peso, que Lucas nunca tinha conhecido. Seus pés ficaram paralisados no chão, cada músculo do corpo enrijecido pela mistura de amor e medo que o envolvia. "Quem é você"? Ele perguntou, a respiração tornando-se audível, cada palavra um desafio contra a presença que agora dominava a fragilidade de sua amada.

"Eu sou tudo o que você teme e deseja ao mesmo tempo", disse a entidade com desdém. As palavras eram cortantes, carregadas de uma ameaça que parecia vibrar no ar. "Wilma é minha agora. Você nunca foi digno do seu amor". Lucas sentiu um golpe no peito, a sensação de ter o chão arrancado sob seus pés. A união que eles construíram durante anos parecia evaporar rapidamente. O que estava acontecendo? Como aquela realidade tão preciosa agora se tornava um pesadelo?

"Você não pode... eu a amo"! A afirmação foi um grito de desespero, uma tentativa de ancorar-se em algo sólido enquanto as areias movediças da perda começaram a engoli-lo. "Ela é minha, você não pode tirá-la de mim"! Mas, a entidade

apenas riu, um som que reverberou pelo ambiente como um eco de júbilo maligno.

Lucas começou a recuar, esmagado por uma onda de impotência e confusão. O som do café pingando na chávena parecia cada vez mais distante, como um chamado em um sonho. Ele olhou para Wilma, ou o que restava dela, e se deu conta de que a luz não era a única coisa que havia mudado. As paredes estavam nuas, vazias de qualquer conforto. Ele estava em um lugar que lhe pertencia, mas que naquele momento não fazia mais sentido.

"Desprezar é fácil, Lucas... amar é o desafio". A entidade sorria enquanto suas palavras se desenrolavam, cada sílaba um fio afiado que cortava profundamente sua confiança. Até mesmo o espaço ao redor parecia distorcido, com os móveis se contorcendo, os sons se tornando ecos distantes. O mundo de Lucas estava desaparecendo, e com ele, todas as promessas que havia feito a Wilma.

Ele sentiu um frio na barriga, como se o medo e o desespero se tivessem materializado em uma entidade própria. Eternamente horripilante, a realidade os cercava, e a batalha por Wilma havia começado. O amor, que sempre fora um refúgio, agora se tornava um campo de batalha, e ele não sabia se estava pronto para o que viria a seguir.

Lucas se sentou na extremidade do sofá, o olhar fixo em Wilma, que parecia outra pessoa. Ele a conhecia tão bem; sabia

como o sorriso dela iluminava o ambiente, como os olhos dela brilhavam de excitação ao falar sobre seus sonhos. Mas agora, a mulher que ele amava estava ali, diante dele, e ao mesmo tempo, tão distante. A atmosfera estava pesada, quase palpável, como se o ar houvesse sido drenado do espaço ao seu redor.

Era surpreendente como a realidade parecia distorcida. As paredes do apartamento, antes tão familiares, pareciam se contorcer, encolher-se e expandir-se num ritmo desenfreado. A luz, antes amarelada e acolhedora, ganhou uma tonalidade estranha, quase fosca, como se uma sombra a envolvesse. Contudo, o que mais o assombrava era a transformação instantânea de Wilma. Ela, que sempre exalava vida, agora estava inerte, seus movimentos fluindo em um compasso inusitado, como uma boneca de pano sendo manipulada por cordas invisíveis.

“Wilma”? ele chamou, uma pergunta carregada de medo e desespero. Uma onda de pânico invadiu seu peito ao perceber que não obteve resposta. Ao invés disso, a voz dela emergiu, mas não era a dela. Era uma entonação mais profunda, ressoando com um peso que ele nunca havia sentido antes. “Ela não existe mais”, a entidade proclamou, soando triunfante e quase cativante. Lucas sentiu um frio intenso na barriga. O que estava acontecendo ali? Como essa força entrara na vida deles de forma tão brusca?

“Deixe-a ir”!! Lucas gritou, embora a presença dentro de Wilma sorrisse com um ar de desprezo. “Você não pode

controlá-la, não pode, não pode”!! Ele tentou se levantar, num impulso de proteger tudo o que avaliava como essencial. Nesse momento, o amor por Wilma eclipsou o medo. Mas essa luta interna exauria sua energia vital, seu sopro de vida. Tudo parecia tão insustentável! O que mais poderia fazer? A impotência lá estava, como um peso em seu coração.

A cena era tão vívida que Lucas deixou escapar flashes de momentos passados. Veio à sua lembrança ela dançando em uma noite de verão, as risadas ecoando na distância, o jeito que suas mãos se entrelaçavam enquanto caminhavam pela praia sob a luz da lua. Essas memórias estavam tão vivas, mas, distantes, como espectros de felicidade, que flutuavam além do alcance. Aquela era a mulher que ele amava, e agora parecia que a realidade estava se reescrevendo bem ali, diante de seus olhos forças invisíveis aos olhos biológicos tomavam-na de Lucas!

“Recue, Lucas”, a entidade falou com voz rouca e grave masculina, ordenando-o, quase como se tivesse lido seus pensamentos. “Você não entende o que está em jogo. O amor é uma fraqueza, e aqui, você vai perder tudo o que tem”. As palavras soaram como ficção, mas, a intensidade delas deixava tudo mais real. E, enquanto enfrentava essa voz, que saía da boca e emanando energia do campo eletromagnético de sua amada, contudo, não pertencia a Wilma; nesse instante, ele sentiu a raiva e o amor conflitando. Ele não podia perder o que construíram juntos!!

“Você pode me ameaçar, mas não vai levar ela de mim”!! Ele clamou com uma intensidade que ecoou pelas paredes do ambiente, que agora parecia aumentar a tensão, como se o próprio espaço estivesse competindo energeticamente contra ele. E então, enquanto lutava para manter o controle, a verdade ressoava em sua mente: quanto mais forte se tornava sua determinação, mais forte também parecia a entidade.

Entre as sombras, algo começou a mudar. Lucas não conseguia mais perceber a diferença entre seus próprios pensamentos e as provocações da entidade. Ele se viu perdido, como num labirinto sem saída. Era como se cada batida de seu coração levasse eco de solidão, uma lembrança amarga de tudo o que estava perdendo. Ele questionou se a luta era em vão, se o amor era suficiente, quando confrontado com algo tão avassalador e macabro.

E no meio desse turbilhão multidimensional, a presença da entidade continuava a apertar suas garras energéticas em torno de Wilma. A luta era incessante, uma batalha silenciosa, de outra dimensão da existência humana, que deixava Lucas à mercê do desespero. Ele queria alcançar aquela mulher que ele conhecia, discutir, lutar, mas, a realidade mostrava-se cada vez mais cruel. Não era apenas um confronto entre ele e a Força Impiedosa da Quarta Dimensão, mas, também, um espelho de suas próprias fragilidades diante do inesperado.

Por um momento, as sombras pareceram se agitar, como se olhos de outra dimensão superior estivesse assistindo a tudo, a

torcida silenciosa de algo que poderia estar além de qualquer entendimento! Lucas fechou os olhos, fazendo uma pausa para enfrentar suas próprias dúvidas. O que ele realmente estava disposto a sacrificar para salvar Wilma? A pergunta instantânea pairava no ar, intensa e dolorosa, rodeada por ruídos que se tornavam cada vez mais distantes, como se a vida estivesse se esvaindo.

Surgia uma luz dentro dele, uma força que não era apenas amor, mas, a necessidade de ver Wilma brilhar de novo. E assim, enquanto lutava contra a entidade, ele sabia que a resposta não estava apenas na batalha em que estava inserido, entretanto, também, na coragem de acreditar que o amor poderia não ser apenas uma fraqueza, mas a sua maior arma.

A tensão nos ares atmosférico e multidimensional era palpável, e Lucas sentia sua respiração acelerada, enquanto permanecia ali, encarando àquele ser invisível. A presença da entidade, que agora havia se apossado de Wilma, distorcia o ambiente de maneiras inexplicáveis. As paredes pareciam vibrar sob um peso desconhecido, e uma sombra escura fazia o ar pulsar, como se a própria essência da realidade estivesse tomando uma forma desconhecida por Lucas.

"Você, realmente, acredita que pode salvá-la"? A voz da entidade soou como um trovão, profunda e ressoante, atravessando os ecos de suas palavras com um tom, que mais parecia um lamento do que uma ameaça. Lucas a olhou, olhos arregalados emanando a energia da entidade, sentiu um misto

de desespero e indignação. Era como se a entidade estivesse fazendo um jogo com sua mente, mexendo com suas inseguranças mais profundas. Ele tinha esse amor avassalador por Wilma, a mulher que conhecia cada parte de seu ser, e, agora, ela parecia um espectro diante dele!

"Wilma, você está aí"? Perguntou, mas, sua voz falhou, se perdendo na incerteza do momento. Era como se a entidade estivesse sugando sua coragem, sua esperança. Nesse instante, ele percebeu que estava enfrentando algo muito mais complexo do que temia...

"Ela é apenas um recipiente, uma concha vazia", continuou a entidade, rindo de uma maneira sinistra, que cortou o coração de Lucas. "Você entende que, nesse jogo, eu estou no controle! Que a fragilidade de seu amor não pode superá-la"!!

"O que você quer de mim"? Ele questionou urgentemente, mesmo sabendo que, na verdade, já estava ciente do que estava em jogo. A entidade não buscava apenas o corpo de Wilma; estava tentando romper a conexão, destruir tudo que existia entre eles. Era uma batalha, que se desenrolava diante de seus olhos, mas, em um nível da existência humana, que ele nunca poderia imaginar!

Havia dor na voz da entidade, uma essência de sofrimento entremeada com sua frieza. "Eu não sou apenas um inimigo. Sou uma parte do que ela não quer enfrentar. Uma sombra que todos devem lidar", disse. O diálogo tornava-se cada vez mais

denso, como se cada palavra acrescentasse peso ao ar magnetizado, ainda mais carregado.

Lucas, respirando com dificuldade, lembrou-se de momentos em que Wilma era luz em sua vida. Sorriso cativante, risadas que ecoavam entre os dois. "Wilma, volte a mim", implorou, sentindo a fragilidade de sua própria voz. O calor do amor que sentia por ela quase transbordava, rodopiando em meio ao caos e à insegurança.

A entidade parecia se divertir, a satisfação ressoando como um eco distante. "São memórias adoráveis, não é? Mas o que é o amor quando está em conflito com a própria realidade? Você já se perguntou se ele é suficiente"? As palavras dela começaram a corroê-lo, sem que ele pudesse evitar. As angústias, os medos. Cada questão parecia um golpe, cada lembrança uma ferida exposta.

"Você não vai vencer isso. Eu não deixarei"!! gritou Lucas, com mais paixão do que convicção. Havia uma intensidade em seu desespero, que se traduzia em força, contudo, até onde essa força o levaria? Ele ainda se sentia pequeno e impotente diante daquela entidade, que pulsava e irradiava poder ao seu redor.

"Você não tem ideia do que está lidando", a voz expressou, quase um suspiro. "Eu sou a fragilidade que aceita seu lugar, a escuridão que abraça sua forma verdadeira. Você pode lutar, mas no fim, você sabe que não tem chance alguma".

E assim, enquanto a conversa fluía, Lucas viu-se profundamente imerso em um turbilhão de emoções, tentando decifrar a natureza daquela entidade, que não era apenas um empecilho, mas também, uma parte do processo de transformação de Wilma. Ele balançava entre o desejo de entender a dor dela e a frustração de estar em uma posição tão vulnerável. O diálogo tornava-se mais um labirinto de pensamentos confusos, enquanto cada palavra da entidade parecia lhe mostrar um espelho distorcido da realidade.

Por fim, ficou claro que essa luta não seria apenas pela alma de Wilma, mas pela própria essência de seu amor - um amor que se via desafiado de uma forma, que nunca pensou ser possível. Isso não era só um embate físico, mas um jogo psicológico repleto de nuances, onde cada sensação e cada emoção contava. Lucas percebeu que, para ter uma chance real de salvar Wilma, ele precisaria não apenas enfrentá-la, mas também, entender a dor que a envolvia. E nessa busca por compreensão, talvez encontrasse um milagre que superasse a escuridão da criatura que a possuía.

Era como se tudo pelo que ele lutou nessa vida humana estivesse prestes a desabar aos pés de Lucas. Ele observava a figura de Wilma, uma presença tão amada, desfazendo diante de seus olhos. A sutileza do ambiente, geralmente reconfortante, tornara-se um campo de batalha de energias eletromagnéticas, que desafiava seu entendimento humano. A luz bruxuleante da sala parecia perder a cor, como se estivesse

sendo engolida por uma névoa negra. Os sons do mundo exterior, outrora suaves, tornaram-se ecos distantes, quase tridimensionalmente irreais, como se Lucas estivesse sob água, lutando para alcançar a superfície.

Todo o seu ser pulsava entre a esperança e o desespero. Ele se lembrava do toque gentil de Wilma, dos risos trocados nas tardes ensolaradas. Agora, a visão dela, contorcida sob o domínio daquela entidade, rasgava seu coração. Seus olhos brilhavam não com a luz da vida, mas com uma escuridão palpável, que fazia o ar rarefeito ao redor dele parecer pesado. Lucas queria gritar, porém, as palavras pareciam se perder antes de saírem dos seus lábios. O que era que esta presença de outra dimensão, esta sombra insondável, realmente queria?

Ele se lembrou de um dia em que estavam juntos em um parque, os pombos caminhando à sua volta, e Wilma fazendo gracejos, que tinham deixado sua alma leve. A memória envolveu-o como um manto enquanto sua realidade atual esvaía-se, uma lembrança tão vívida que fez seu coração doer, como se ele estivesse sendo aprisionado entre a alegria e a dor. Como seria possível esquecer aquele sorriso? Era reconfortante, mas, ao mesmo tempo, uma agulha cravada em sua vulnerabilidade.

“Ajude-me”, Lucas murmurou, um apelo, que se perdia no vácuo, onde os ecos do passado misturavam-se com a nova perspectiva do presente. Ele sentia a ténue linha entre o amor e o desespero desintegrando-se. Alguns momentos depois, a

presença da entidade se fez mais concreta, como uma solene cortina de fumaça envolvendo Wilma. O brilho de um vermelho intenso nos olhos dela, agora, parecia uma ameaça, uma promessa de algo profundamente perturbador.

“Você não pode ter controle sobre ela”! Lucas desafiou a entidade em um momento de coragem fogosamente misturada com medo. A resposta veio em sussurros, um misto de risadas e lamentos, que pareciam ressoar no fundo de sua mente. “Ela é minha agora. Você sempre soube que não poderia protegê-la”. Era um golpe atroz, uma verdade cruel, que ressoava em cada poro de sua pele.

O desespero tornava-se um organismo estrangulador. Ele se via diante de um abismo, onde cada passo mais perto de Wilma parecia afastá-lo da verdade. As paredes ao seu redor pareciam se fechar, engolindo-o em uma escuridão profunda. Ao mesmo tempo em que a angústia se intensificava, uma centelha de determinação percorria seu corpo. Era preciso lutar, mesmo diante das infinitas sombras que o cercavam.

O amor que sentia por Wilma se transformava em energia, uma força vital que pulsava em seu interior, sua âncora diante daquela realidade surreal. “Você pode levá-la, mas não sem uma luta”!! Sua voz era um eco nas paredes úmidas, uma declaração carregada de incerteza e esperança. Ele sabia que estava sendo observado, a presença do sobrenatural monitorando cada movimento seu, cada batida do seu coração.

Lágrimas escorriam sem que ele pudesse controlar. A fragilidade da vida, a vulnerabilidade humana, chocavam-se em sua mente. Ele pensava nos sacrifícios que tínhamos feito, nas promessas não cumpridas, na fragilidade de cada momento. O que realmente significava amar alguém? Não era apenas estar ali em momentos bons, mas também estar presente nas sombras, enfrentando o que não podíamos controlar.

A entidade, percebendo a fraqueza em sua expressão, riu com um som gélido que alcançou o fundo da alma de Lucas. “Você realmente acredita que pode salvar o que já está perdido”? Essa pergunta ecoava na mente dele, uma interrogação sombria. Mas havia resiliência em seu coração. Ele não poderia permitir que a escuridão vencesse. Cada fragmento de amor, cada segundo que vivera com Wilma, se tornava uma luz que competia contra as sombras.

E assim, ali estava ele, no limiar entre o amor e a perda, lutando não apenas pela vida de Wilma, mas também, pela essência do que significa ser humano diante do sobrenatural. Naquela batalha multidimensional, ele encontrou algo inesperado — um vislumbre de esperança, mesmo enquanto a batalha se tornava cada vez mais intensa. Era uma fragilidade amplificada por uma força essencial e, talvez, isso fosse tudo o que precisavam, mesmo diante do caos que se avizinhava.

CAPÍTULO 8

A Amnésia

A luz do sol entrou pela janela em suaves feixes, iluminando o quarto onde Wilma estava deitada. A atmosfera parecia vibrar com um misto de alívio e confusão, como se o próprio ar estivesse carregado de esperanças e temores. Lucas, assistindo a tudo, sentia um coração acelerado, quase em descompasso. Ele havia testemunhado um milagre: Wilma estava de volta. O que antes parecia um pesadelo interminável agora se transformava em realidade, mas a alegria em seu peito era sombreada por uma preocupação profunda. Wilma olhava em volta com um semblante perplexo, como se cada objeto e cada canto do quarto fosse um estranho.

"Oi, Wilma", disse ele, tentando soar natural. Mas a voz estava embargada, quase um sussurro. Era um momento mágico e inquietante ao mesmo tempo. Ah, quanta intensidade emocional havia ali! Ela virou-se lentamente, e seus olhos buscaram os dele, algo refletindo no fundo desses olhos que ele conhecia tão bem. Mas havia também uma ausência — um espaço em branco que o assustava. O sorriso que se formou em seus lábios era hesitante, e Lucas notou que ela parecia ainda se lembrar apenas do tempo perdido. O que teria experimentado, ou mais precisamente, o que não teria lembrado?

A confusão pairava no ar; Wilma parecia dilacerada entre o que deveria saber e a ausência de memórias que a cercava. Essa sensação de fragmentação fez Lucas sentir um frio na barriga. Ele se lembrou de momentos alegres, como quando riam juntos em um café, enquanto saboreavam aquele bolinho fresco — um toque de vida que agora parecia tão distante. Mas e se ela não se lembrasse? E se aquela risada tivesse pertencido a outra vida, a outra Wilma, uma que agora parecia um eco?

“Eu... Eu me sinto estranha”, ela confessou, a voz trêmula. Era como se as palavras saíssem de sua boca com dificuldade, como se estivesse tentando montar um quebra-cabeça com peças que não se encaixavam. Lucas odiava ver sua expressão genuinamente confusa — a incerteza ao redor do olhar estava machucando de um jeito que ele não conseguia descrever. “Onde eu estive?” A pergunta a pairar no espaço entre eles pesava como uma rocha. Ele podia sentir a tensão crescendo como um fio prestes a se romper.

As lembranças da possessão passavam pela mente de Lucas como uma correnteza tumultuada. Ele se sentia um sobrevivente de um evento trágico, onde cada detalhe lhe fazia ecoar uma pergunta angustiadora: “E se eu não contar a verdade? E se eu a proteger, estou apenas aprofundando um abismo entre nós”? Ele queria esquecer o que aconteceu, desejava que o que vivera fosse apenas um pesadelo. Mas a realidade era crua e inegável.

Wilma começou a contrair a testa, como se estivesse lutando para se lembrar de alguma coisa — qualquer coisa. Lucas, em um momento súbito, queria correr até ela e abraçá-la com todo o amor que sentia, mas uma incerteza o mantinha paralisado. Era surpreendente como o amor poderia se misturar à dúvida. Ele queria envolvê-la em uma verdade reconfortante, mas sabia que nem todas as verdades são suaves. E se a dor da verdade se tornasse um peso impassível, fazendo com que ela se afastasse dele?

“Eu não sei o que aconteceu, mas sinto que estou... faltando de algum jeito”, Wilma murmurou. Uma admitida fragilidade em sua voz fez o coração de Lucas encolher-se num aperto de dor. Ele desejava ardentemente que ela pudesse ver que, independentemente das sombras que a cercavam, ele sempre estaria ali, disposto a enfrentar o que quer que fosse necessário para trazer paz àquela alma que tanto amava.

Assim, naquele instante, coube a Lucas ponderar sobre a responsabilidade que tinha em suas mãos. Seria ele o guardião da verdade ou o protetor do seu amor? A ambiguidade pairava no ar, como um convite para um dilema ainda mais profundo. Naquele momento, tudo parecia em suspenso, a vida pendia entre o fato e o sentimento, e o amor se tornava um campo de batalha, onde as emoções misturavam-se à dúvida, e a esperança renascia ao mesmo tempo que as ansiedades se multiplicavam.

A tensão entre Lucas e Wilma começa a criar fissuras visíveis na atmosfera ao seu redor. Estranhamente, mesmo na companhia um do outro, um abismo se estabelece, como se uma nuvem invisível os separasse. Lucas observa as mudanças sutis nas expressões de Wilma, o jeito como ela sorri, como se existisse uma camada de hesitação em suas palavras, como se tentasse acessar memórias empoeiradas, mas se sentisse incapaz. Aquela leve conexão que sempre existiu, um entendimento silencioso entre eles, agora parece vacilar e ele se pergunta se a ausência de lembranças também vem acompanhada de um distanciamento emocional.

Certa manhã, durante o café da manhã, aquele momento que sempre foi prazeroso, Lucas tenta iniciar uma conversa leve. Ele comenta sobre a previsão do tempo, algo banal. Mas a resposta de Wilma é um breve aceno, seus olhos ainda perdidos em pensamentos que ele não é capaz de acessar. A brisa fria que entra pela janela parece indiferença, e ele sente um frio na barriga. Por que tudo parece tão diferente? Ele se esforça para trazer à tona memórias compartilhadas, piadas internas, algo que os conectasse, mas cada tentativa é como se fosse engolida por um vácuo. “Você se lembrou daquela vez que fomos à praia? Aquelas ondas loucas que nos derrubaram”? A pergunta espelhou sua insegurança, contida em cada sílaba. No olhar vazio de Wilma, a resposta não se manifesta, mas ele nota uma fração de hesitação. Ela não se lembra, mas será que a lembrança dela estava mesmo lá?

Esses pequenos momentos de interação se tornam cada vez mais carregados. Lucas se vê jogado em um mar de preocupações; ele não quer ser o responsável por bagunçar o delicado estado emocional de Wilma. Guardar o que aconteceu durante a possessão toma conta de seus pensamentos. E se a verdade machucar? Uma discussão, dependente do que ele decidir contar, pode desmoronar tudo o que construíram juntos, um castelo de cartas que corre risco com a menor rajada de vento. No entanto, a dúvida de não contar lhe dá uma sensação de traição, quase como se estivesse subestimando Wilma. Amor não é apenas proteção, não é mesmo?

O olhar dele desliza, involuntariamente, para o canto da sala, um lembrete do quadro que eles pintaram juntos em uma tarde ensolarada. Ele rememora a forma como os dedos de Wilma se sujaram com a tinta, como o riso dela enchia o ar. Agora, aquele quadro que deveria ser o símbolo da pluralidade da vida deles se transforma em uma metáfora dolorosa. O que antes era um símbolo de união agora é testemunha silenciosa de um relacionamento que flutua entre a fragilidade e a esperança.

Durante uma noite particularmente silenciosa, enquanto o mundo ao redor parece dormir em paz, Lucas se encontra imerso em seus próprios devaneios. Ele pergunta a si mesmo se seria melhor manter as coisas como estão, mesmo que isso significasse viver uma mentira. “Devo ser honesto ou proteger o que nos resta”? Uma intimidade esmagadora o consome. A

chave para o que um dia foram parece estar ao alcance, mas a incerteza do que Wilma realmente sentiria a respeito o paralisava. Ele não é o mesmo Lucas que apenas se preocupava com o que fazer para alegrá-la; agora, essa preocupação se expandiu, envolvendo o que define quem eles são um para o outro.

Entre conversas sem palavras e momentos que se arrastam como sombras, Lucas percebe que cada dia mais Wilma se perde, e ele se vê a cada passo mais preso em uma redoma verbal. As buscas nos olhos dela em busca de algo que não se concretiza o fazem sentir uma dor crônica, uma opressão que não se dissipa. Ele tenta ser seu porto seguro, mas a verdade é que esse porto se transforma em um labirinto onde ambos perambulam sem um destino preciso. E é nesse espaço confuso que surgem questionamentos cada vez mais intensos. O amor resiste, mas será que ele pode suportar a estrutura quebradiça de um segredo que, se não revelado, pode fazer com que sejam estranhos um ao outro em meio a um farfalhar de lembranças perdidas?

Wilma se torna uma interrogação constante, uma presença que ele se esforça para entender, mas que parece cada dia mais distante. Estando ao seu lado, Lucas nota que algo a cerca, como um espírito invisível que os observa sob a luz esfumaçada da sala. Ela é uma companheira que se sente fragmentada, e enquanto Lucas descobre a profundidade de seu amor, questiona o valor da verdade. Guardar ou compartilhar? A

escolha se transforma em um peso, um fardo ardente que o acompanha. Dialogar com ela não se torna mais um ato de amor, mas uma dança delicada entre a clareza e a obscuridade, um movimento que pode fazer o coração balançar entre a esperança e a dor. E assim, essa tensão se intensifica em cada interação, como se uma tempestade estivesse prestes a se formar, enquanto o tempo avança, silencioso em sua implacabilidade.

A atmosfera estava tensa, quase palpável, como um fio esticado prestes a quebrar. Os olhares de Wilma e Lucas trocavam mensagens que pareciam estar fora de sintonia. Ela, embora fisicamente presente, parecia distante, como se uma névoa tivesse se instalado entre eles. Os momentos que antes eram preenchidos por risadas agora se tornavam silêncios constrangedores. Cada conversa fluía de maneira estranha, e pequenas observações que antes eram naturais se transformavam em gestos hesitantes.

Durante o café da manhã, Lucas notou a forma como Wilma mexia na xícara, os dedos nervosos brincando com o pé da caneca. Ele se lembrou de um domingo, anos atrás, em que eles tinham rido juntos enquanto o café escorria lentamente, impregnando o ar com aquele aroma reconfortante. Agora, enquanto observava-a, sentia que uma parte dela havia se perdido no tempo. Era como se a essência de quem ela era tivesse sido sutilmente desviada. Lucas, em seu íntimo, começou a temer que essa diferença fosse um reflexo da

possessão, um eco de algo que ele ainda não compreendia completamente.

Sentou-se à mesa, a colher parada, refletindo sobre a complexidade da situação. Ele se perguntava continuamente se deveria simplesmente explicar tudo, mas o peso da verdade o prendia como correntes. O que ele realmente sabia sobre o que Wilma havia passado? Ela própria estava, talvez, se sentindo fragmentada, e isso não o deixava em paz. Era um dilema emocional profundo. O amor que compartilhavam parecia estar se transformando em um campo minado, onde cada passo poderia causar uma explosão de sentimentos.

Num ato inconsciente, Lucas seguiu um caminho de lembranças. Lembrou-se de uma noite fria, na qual eles tinham cantado músicas tolas até altas horas. Havia algo de mágico naquela conexão. Porém, neste momento, ao olhar para Wilma, Lucas não tinha certeza se ela ainda poderia encontrar conforto nas pequenas coisas. O frio na barriga lhe dizia que a própria essência do relacionamento agora estava em questão.

O contraste entre os momentos passados e a situação atual era sufocante. Os dias seguintes se desenrolavam em uma sequência de conversas superficiais. Eles falavam sobre banalidades, mas as palavras soavam vazias, sem a profundidade que antes possuíam. O riso de Wilma parecia um som perdido à distância, e Lucas se perguntava se ainda eram capazes de se conectar como antes. Por que estavam tão

distantes quando, em tempos mais simples, até um olhar podia dizer tudo?

Os pensamentos de Lucas dançavam entre a preocupação e a esperança. Com cada dia que passava, ele se via mais e mais enredado em um labirinto emocional. E se estivesse sendo injusto com ela ao não contar a verdade? E se sua decisão de proteger Wilma, ao invés de ajudá-la, estivesse justamente a afastando? Ele queria ser a ancora dela, mas todos aqueles dilemas o faziam sentir-se mais como um peso.

Os silêncios se tornaram gritos ensurdecedores, e cada pausa era um relato de inseguranças que pairava no ar. Ele queria perguntar o que se passava na mente dela, mas as palavras pareciam se esvair. A vontade de saber se o que ainda existia entre eles era real tornou-se um desejo quase desesperado. Wilma, por sua vez, sentia a necessidade de perguntar algo que nunca conseguia articular. O conflito, embora invisível, estava tornando-se cada vez mais evidente.

E naqueles momentos de lividez, quando Wilma olhava pela janela, Lucas notou que seus olhos buscavam algo além. Ele percebeu que talvez ela sentisse a inquietude que ambos estavam experienciando. Mas, ao mesmo tempo, havia um desejo profundo de entender. Ela queria saber o que tinha acontecido, mas a insegurança de Lucas mantinha as respostas sufocadas.

No fundo, algo esmagador começou a se formar entre eles. Era uma tensão que não se dissipava, um mistério que parecia se alimentar da ausência de comunicação. Ambos estavam presos em um ciclo de não ditos, e o amor, que deveria ser um espaço seguro, estava se transformando em um campo de batalha emocional. Assim, sem perceber, a distância entre eles se tornava cada vez mais um abismo.

Lucas sentou-se na beira da cama, os dedos apertando contra as fibras do lençol, como se essa ação pudesse ancorá-lo em alguma realidade. O peso de sua decisão pairava sobre ele como uma névoa espessa. O que significava realmente ser honesto em um relacionamento, especialmente, quando a verdade se tornou um fio delicado, prestes a se romper? Para ele, as palavras que permaneciam retidas dentro de si se transformavam em um turbilhão, um retorno a memórias que se entrelaçavam e se confundiam.

Ele se lembrou do sorriso de Wilma na primeira vez em que se encontraram. Era um café simples, a luz suave filtrando-se pela janela, e ela falava sobre seus sonhos com um brilho intenso nos olhos, como se cada ideia fosse um milagre à espera de acontecer. Aquela mesma luz parecia agora opaca, e a memória gloriosa do passado se tornava um eco distante. Ao pensar no que aconteceu, Lucas percebeu que era impossível decifrar qual parte da realidade era mais dolorosa: a verdade que ele guardava ou a incerteza que ameaçava destruir a base do que eles construíram.

"Eu só quero protegê-la", pensou, mas a resposta não parecia convincente o suficiente. Ele estava se cercando de um labirinto emocional, uma instabilidade crescente que fazia seu coração acelerar. A sensação de estar prestes a perder Wilma, não apenas fisicamente, mas em espírito, o deixava angustiado. Se a vida deles se resumia a memórias inacabadas, o que restaria quando a poeira finalmente assentasse?

Um dia chuvoso poderia muito bem descrever o estado de espírito de Lucas, a água escorrendo na janela como uma metáfora da própria vida, imprevisível e fluida. Ele se pegou pensando sobre a fragilidade da verdade ao observar as gotas caírem, cada uma possibilidade, uma escolha não feita. O que significava, afinal, guardar o que poderia ser um golpe avassalador? A experiência o levou a um desafio interno: decidi ser transparente ou manter tudo em sigilo. Nessa batalha, ganha um amor que se sente partido em mil pedaços.

Wilma começou a perceber os silêncios que cresceram entre eles, mudanças sutis na maneira como ele a olhava. Havia uma distância estranha, um vazio que não existia antes. Os pequenos gestos — um toque nos braços, um olhar cúmplice — agora eram envoltos em uma neblina de desconfiança. Lucas notou cada uma dessas mudanças e sentiu um frio na barriga, questionando cada decisão que tomava.

"Sinto que estou perdendo você", ele quase murmura para si mesmo, a voz quase sufocada pelas inseguranças que o cercavam. As palavras não ditas pesavam em seu peito, como

uma pedra atirada em águas profundas, criando ondas que ressoavam em direções que ele não podia prever.

Naqueles dias em que a conexão parecia tão bela e intensa, Wilma estava ao seu lado, mas, de algum modo, havia um abismo indizível. Como se ele tivesse entrado num túnel sem luz, onde a única saída era um risco de verdade que o aterrorizava. O amor deveria ser um porto seguro, e ali estava Lucas, afundando em suas próprias questões, enquanto lutava para encontrar um caminho em direção à honestidade.

"Quero que você saiba...", ele tentava se preparar mentalmente para a revelação, mas, em vez disso, encontrava palavras, que se perdiam no ar, confusas e desordenadas. A verdade parecia um caracol, lenta e meticulosa, escondendo-se em sua concha, indefesa. Ele concluiu que a verdade não era apenas um ato de coragem; era também um ato de amor e respeito — respeito pela história de Wilma, por suas memórias que não podiam ser apagadas.

E naquele momento de introspecção, um novo entendimento emergiu. Guardar uma verdade tornava-se uma forma de privação, não só para Wilma, mas para ele mesmo. Ele não queria que ela eventualmente descobrisse de forma brusca; ele queria que sua revelação fosse genuína, como um sol que estourava na escuridão, iluminando tudo ao redor, mesmo que, temporariamente. Por mais dolorosa que fosse, a verdade poderia ser a ponte que os uniria novamente.

Lucas perdoou-se por suas inseguranças, compreendendo que todos, em alguma medida, vivenciam esses dilemas existenciais. Percebeu que, ao enfrentar os medos, não estava apenas caminhando para a verdade, mas também, para um novo capítulo na vida deles. Havia esperança ali, uma pequena luz que poderia guiá-lo, mesmo diante da tempestade de incertezas que ameaçava separá-los.

E assim, no âmago de sua reflexão, Lucas fez uma promessa a si mesmo e a Wilma: amá-la o suficiente para ser honesto, por mais difícil que fosse. O amor não era simples ou fácil, mas, seria sempre uma escolha, um compromisso! Ele respirou fundo, sentindo a complexidade da ligação entre eles, e, pela primeira vez, em muito tempo, sentiu que o amor poderia, de fato, superar qualquer sombra insidiosa.

CAPÍTULO 9

A Transformação de Lucas

Lucas entrou em seu quarto, alheio ao mundo lá fora. A luz branda da noite desenhava sombras dançantes nas paredes, e o cheiro do café que não havia terminado de preparar, ainda, pairava no ar, misturando-se à ansiedade que começava a tomar conta de seu ser. Ele tentava se preparar para o descanso, contudo, a tranquilidade parecia uma ilusão distante. As lembranças das últimas semanas — momentos de pânico e desespero — vinham à tona como ondas turbulentas, puxando-o para o fundo de um mar desconhecido.

Aquele dia tinha sido particularmente, energeticamente, pesado. Ele olhou para o espelho e viu, não o homem forte que desejava ser, mas, um reflexo cansado, marcado pelo desgaste emocional. O rosto que se via ali parecia um estranho, alguém que lutava batalhas invisíveis, enquanto o mundo seguia seu curso sem se importar. Sentou-se na borda da cama, os músculos do corpo tensos, como se um peso invisível o oprimisse, enquanto sua mente girava em um ciclo de preocupação incessante.

Foi então que, sem aviso, um novo ataque psíquico se abateu sobre ele. Era como se uma tempestade de pensamentos escuros e ameaçadores tivesse vindo com força total, puxando-

o para uma realidade distorcida e aterrorizante. A angústia envolveu seu coração, fazendo-o acelerar, quase como se quisesse escapar do próprio corpo. A luz do quarto começou a parecer distante, e as sombras se tornaram cúmplices da sua mente inquieta. Ele estava só, no entanto, essa solidão parecia feroz e opressora, uma presença tirânica, que ameaçava engolir tudo!

Lucas sentiu a realidade ao seu redor começar a se dissolver. As paredes se tornaram indecifráveis e os objetos ao seu redor pareciam se mover, distorcer, como se vivessem uma vida própria. Ele estava preso em um labirinto de inseguranças, confrontando tudo o que temia: o medo do fracasso, das relações rompidas, da vida que não seguiria o curso que sempre esperou. Nesse estado, Vincent, seu amigo de longa data, apareceu em sua mente, lembrando-o de um conselho que um dia dissera: “Às vezes, o confronto mais difícil não é com os outros, mas consigo mesmo”!

Meramente, um sopro de esperança naquele mar de escuridão. entretanto, ao mesmo tempo, a frase soou como um eco frustrante, uma lembrança distante de que a luta que travava era mais profunda do que ele poderia visualizar. O desespero crescia, e, em meio a esse turbilhão mental, Lucas enfrentou uma escolha. Conformer-se com a dor avassaladora, ou, ignorar as críticas internas e encontrar, dentro de si, uma lanterna em meio a tanta escuridão.

Nesse turbilhão de emoções, ele mergulhou em suas inseguranças mais profundas. Esperanças não realizadas, promessas quebradas, aquele frio na barriga, que surgia sempre que sentia que a vida não ia para onde desejava. Uma sensação estranha começou a nascer — não era apenas medo, mas um impulso latente, algo que parecia assoprar vida em sua alma cansada. Como um fósforo riscado em um dia chuvoso, a ideia de resistir à dor começou a brilhar, ainda que, tenuemente, como se sussurrasse que ele era mais do que suas fraquezas.

E foi, nesse momento, que algo se acendeu dentro dele. O que começava como um grito de desespero transformou-se em um lampejo de consciência. Era hora de confrontar não apenas as forças externas, mas também, as internas que o aprisionavam. Lucas compreendeu, de forma súbita e clara, que a batalha que travava não era apenas contra entidades obscuras ou forças desconhecidas; era uma luta real por sua própria alma, pelo reconhecimento de sua vulnerabilidade e, paradoxalmente, pela busca de uma renovação.

Os primeiros passos eram sempre os mais difíceis. Contudo, mesmo com o coração acelerado e a mente em frangalhos, ele começou a se levantar, determinado a lutar com a intensidade do próprio sol, iluminado, vibrando fagulhas como um ser solar!

Enquanto Lucas lutava contra a escuridão que ameaçava consumir sua mente, uma mudança começou a se manifestar em seu interior. Ele sentiu uma onda de calor subir por todo o

corpo, como se uma chama interna estivesse sendo acesa. Era a energia do Fogo Solar, uma manifestação de sua essência mais profunda, aquela que sempre esteve presente, mas, que ele nunca teve coragem de abraçar totalmente. Os raios dessa luz irradiavam não apenas de sua pele, mas também, de sua Essência Eterna, e, naquele momento, ele percebeu que não estava apenas enfrentando uma batalha externa. Ele estava se transformando em alguém que sempre esteve adormecido, aguardando o momento certo para acessar.

A luz ardente trazia consigo não só calor, mas, a certeza de que tudo era possível. Lucas virou-se em direção à escuridão, que, agora, parecia menos ameaçadora. Era como se um Sol tivesse nascido em seu interior, trazendo uma nova perspectiva sobre a luta, que enfrentava. A fumaça e as sombras ao seu redor começaram a se dissipar, não porque elas estavam sendo derrotadas, mas, porque Lucas decidiu que não daria mais poder a elas. O calor do Fogo Solar não era apenas uma segunda pele; ele se tornava uma armadura, robusta e inquebrantável, que protegia sua superada vulnerabilidade, enquanto o impulsionava a ir além das barreiras que sempre haviam limitado sua visão de si mesmo.

Ele percebeu que, com cada batida de seu coração, a transformação se tornava mais intensa. A luz que emanava dele era uma declaração de amor-próprio, uma entrega incondicional a um Ser Solar, que, realmente, habitava dentro do seu corpo físico tridimensional. E naquela revelação, Lucas

sentiu-se não só como um guerreiro feito de Luz, mas como um criador de seu próprio destino. Cada respiração era um lembrete de que ele tinha o poder de reinventar sua história. O garoto perdido que havia sido uma sombra de si mesmo, agora, tornava-se uma figura de luz, dotado de um ardor, que queimava as inseguranças e medos, que o acompanharam há tanto tempo.

Essa nova identidade solar trazia uma Lucidez, que antes parecia distante e etérea. E quando Lucas viu-se diante da escuridão mais uma vez, algo mudou. O contato visual com suas sombras se tornava carregado de significado; ele não estava mais à mercê delas. Havia uma intersecção entre a Luz que representava sua força e a escuridão, que simbolizava suas fraquezas. O que antes era um campo de batalha, agora, transformava-se em um espaço de diálogo. Lucas compreendeu que cada força oposta, que enfrentava não era apenas um adversário, mas também, um reflexo do que havia dentro dele, esperando para ser reconhecido e iluminado!

E assim, ele avançou com renovada determinação. Sua marcha era guiada pela própria Luz, um brilho, que lhe permitia ver além das ilusões e das limitações. Ele estava pronto para abraçar o desafio, que se apresentava, para não apenas lutar, mas, para dissipar as forças da Quarta Dimensão, que o cercavam. O caminho à frente poderia ser repleto de incertezas, contudo, uma coisa era óbvia: Lucas havia transcendido e, agora, a jornada era dele, e apenas dele! O Fogo Solar não era

somente uma transformação; era a manifestação de um Ser Multidimensional, que pulsava em sintonia com variadas dimensões da existência. Esse novo estado de Consciência o tornava praticamente imbatível!

O confronto começou com uma intensidade inigualável, uma explosão de Luz Solar Interior, que irradiava do ser transformado de Lucas. Envolvido em chamas douradas, ele se preparou para enfrentar a escuridão, que cercava sua nova forma iluminada e iluminadora! As sombras do ser da Quarta Dimensão moviam-se ao seu redor como serpentes, espreitando, esperando o momento certo para atacar. O ar estava carregado de uma eletricidade, magneticamente, palpável, e Lucas podia sentir cada batida do seu coração ressoar como repercussões de um tambor de guerra!

As chamas em sua pele não eram meramente uma aparência; elas representavam sua determinação, sua coragem renovada diante de um adversário, que parecia insinuar uma desolação interminável. O contraste entre a Luz Solar e a escuridão era impressionante, quase surreal. Lucas, agora, com a Essência Vibrante do Fogo Solar, sentia-se empoderado, como se cada respiração fosse um hino à vida. O calor emanava de sua pele, não apenas como uma defesa, mas também, como uma armadura de Luz, que o preparava para a luta mais importante de sua vida.

Os primeiros ataques vieram rápidos e simultâneos, como se as sombras fossem um turbilhão, buscando desestabilizá-lo.

Contudo, a Força Solar, que pulsava em Lucas era poderosamente intensa. Suas chamas devoraram as sombras, lisas como seda, que se desvaneciam ao toque resplandecente de sua Luz. Ele percebeu, então, que não era apenas uma luta física; era uma batalha que refletia suas incertezas internas. Cada golpe que desferia contra a escuridão, era também um passo em direção ao autoconhecimento. Um murro que quebrava as amarras do medo e da dúvida que o seguraram.

Em um golpe poderoso, ele sentiu a Luz vibrar através de sua Essência, e a escuridão pareceu hesitar. Aqueles instantes foram cruciais. Lucas não apenas lutava contra um ser externo, mas, desnudava-se para desvanecer sua própria vulnerabilidade, suas inseguranças mais profundas. "Por que cheguei a deixar que essas sombras se apoderassem de mim por tanto tempo"? Ele se perguntou, quase incrédulo. O ato de lutar tornou-se um ato de redescobrimento!

As chamas em sua pele dançavam com a energia galvanizante da autoconfiança. Lucas lembrava de momentos em que se sentia pequeno e incapaz, quando a vida parecia um labirinto sem saída. Agora, cada golpe desferido contra as forças adversas era uma maneira de superar todas aquelas dúvidas. A transformação não era apenas exterior — era uma Fusão de Luz e sombra, de coragem e medo, de esperança e desespero. De um modo surpreendente e quase mágica, ele começou a perceber que a escuridão só era tão poderosa quanto a sua própria determinação de não sucumbir.

A batalha seguia, cada movimento um testemunho de sua jornada. As sombras recuavam, quando a luz de Lucas avançava, e em momentos de clímax, ele parava para observar a cena, que se desenhava diante de seus olhos. "Sim, isso é luta", pensou, com um sorriso interior. Entre os choques, percebeu que as cicatrizes do passado não precisavam ser marcas de fraqueza, mas, de aprendizado. Essa luta ressoava em seu coração como um mantra: "Não se trata de vencer sempre, porém, de não desistir"!

O ser da Quarta Dimensão lançou um ataque final, com um grito aterrorizante, que ecoou nas profundezas da noite. Mas Lucas, agora, imerso em sua nova identidade, não se deixou intimidar. Ele avançou, não apenas como um combatente, mas também, como alguém que finalmente estava se revelando. A luz do Fogo Solar envolveu o ambiente com um brilho tão intenso, que a escuridão pareceu hesitar. O impacto foi massivo! Algo dentro de Lucas se iluminou, e naquele momento ele entendeu — a vitória não reside apenas no resultado, mas, na luta em si e no poder de se expressar genuinamente!

E então, como numa epifania fulminante, Lucas não viu apenas a batalha; viu-se lutando pela vida, que sempre quis, pela liberdade de ser quem realmente era, um Ser Solar Irradiante! O campo de batalha tornara-se um espelho, que refletia não apenas a sua luta física, mas também, uma transformação interior que mudaria seu ser para sempre. A batalha terminara, mas, a aura de conexão e autodescoberta

ficaria! E ele sabia que, independentemente do desfecho, a sua jornada apenas começava.

Lucas expulsou, num golpe de Luz Cortante o ser das sombras, vencera essa batalha contra a tempestade interna, que se formava dentro dele. Sentado numa posição meditativa, com a mente, ainda, fervilhando de emoções e lembranças recentes, ele se permitiu um instante para refletir sobre o que acabara de viver. A batalha contra o ser da Quarta Dimensão, tão intensa e desgastante, agora, fundia-se com uma nova compreensão. Era como se, pela primeira vez, ele estivesse ouvindo o sopro Eterno de vida, que superou suas antigas inseguranças, aquelas que frequentemente se escondiam sob sete chaves no seu inconsciente pessoal.

Nesse instante, ele se lembrou de um dia de verão, quando foi ao parque com um amigo. O sol brilhava, as flores estavam em plena floração, e tudo ao redor parecia vibrar com vida. Porém, no fundo, ele sentia uma sombra pairando. No meio do riso e da brincadeira, havia aquela voz sussurrando que ele não era suficiente. O contraste era imenso; a luz do dia não conseguia apagar as trevas que ele carregava dentro de si. Agora, enquanto refletia sobre sua transformação em Fogo Solar, começou a enxergar como essas inseguranças eram apenas reflexos de uma batalha interna, e não a essência do que ele realmente era.

Acho que, de alguma forma, ele sempre acreditou que deveria ser perfeito. A pressão era imensa; a expectativa de ser

um pilar de força para os outros, muitas vezes, o sufocava. Até que, durante a luta, ao se deparar com a escuridão, Lucas percebeu que essa busca pela perfeição era, na verdade, uma armadilha—a ideia de que ele precisava ser algo que não era. Aceitar suas fraquezas, os furos na armadura, se tornou um rito de passagem. Ao invés de encará-las como fraquezas, ele decidiu que elas seriam as chaves para abrir novas portas em sua vida!

Ele se lembrou de um momento particularmente intenso da batalha, quando a luz do Fogo Solar parecia quase insuportável e, de repente, tudo ficou em silêncio. Nesse silêncio, ele escutou a verdadeira essência de sua voz interna—honesta e incrivelmente poderosa! “É isso que sou”, sentiu, “um ser feito de luz que enfrenta as sombras multidimensionais”. E aí, a luta não se tratava apenas de vencer o ser da Quarta Dimensão, mas, sim, de apreender todas as partes invisíveis pelos olhos carnaís, que formavam e formam Lucas.

Essa nova perspectiva começou a se traduzir em um entendimento profundo de sua força. O que o derrotava não eram as situações externas, mas a crença de que não era capaz de enfrentá-las. Agora, apesar de ainda sentir uma ponta de medo, havia uma nova certeza pulsando em seu interior. O poder do Fogo Solar não era meramente uma transformação física, mas, um realinhamento de sua própria essência. Ele compreendeu que a verdadeira batalha era com os fantasmas, que alimentava em sua mente e, naquele momento, celebrou a

vitória de olhar em seus próprios olhos e enxergar alguém digno.

Conforme os ecos da batalha se distanciavam, Lucas sorriu, pois, sabia que ainda havia um caminho à frente. Não seria perfeito, mas isso estava bem. Afinal, a vida não é feita apenas de grandes vitórias; os pequenos momentos de descoberta fazem do caminho algo mais valioso. Ele olhou para o céu, agora sereno, e sentiu-se conectado a uma Força de Luz, como se tudo ali estivesse interligado. As estrelas pareciam brilhar de uma forma diferente, como se quisessem testemunhar essa nova fase de sua jornada.

E assim, com o coração leve, Lucas decidiu entrar em um novo capítulo, não apenas de sua vida, mas, de sua própria história. Ele, agora, sabia que, ao invés de temer a sombra, poderia dançar com ela. Afinal, a transformação não era um ponto final, mas também, um processo contínuo — um milagre, que se revela a cada dia, à medida que, ele se permite ser quem realmente é, sem máscaras ou barreiras. O Fogo Solar tinha se tornado parte de sua experiência de vida, e ele não poderia estar mais empolgado por tudo o que estava por vir.

CAPÍTULO 10

Revelações de Wilma

A atmosfera no pequeno quarto de Lucas parecia carregada, como se até o ar hesitasse em se mover. Era um destes momentos em que, mesmo a respiração se tornava um ato audacioso, e cada batida do coração ecoava como um lembrete pungente da vulnerabilidade, que estava prestes a ser exposta. Wilma, com os olhos marejados, sabia que não havia mais espaço para disfarces. “Lucas”, começou ela, as palavras tremendo como folhas secas na brisa de outono, “eu preciso te contar algo”. A tensão era palpável; seu estômago se revirava de ansiedade.

“Estou tendo pesadelos... e não são apenas pesadelos. É algo mais”. A confissão fluiu como um rio revoltado, cativante e aterrorizante ao mesmo tempo. “É como se um ser da Quarta Dimensão estivesse me atacando em meus sonhos”. A intensidade em sua voz pegou Lucas de surpresa, como um raio em dia claro. Era a primeira vez, que ele ouvia algo assim, e ao mesmo tempo, um instinto protetor começou a se formar dentro dele. Ele sentiu um calor crescente no peito, uma mistura de choque e empatia que o fez querer agir, salvar, proteger!

“Um... um ser? O que você quer dizer com isso”? Lucas perguntou, a voz quase um sussurro, enquanto sua mente

tentava conectar os pontos dessa revelação surreal. Ele a observava, buscando cada indicação em seu rosto, cada nuance que pudesse explicar o que estava acontecendo. Wilma respirou fundo, como se estivesse prestes a mergulhar em águas profundas, e as palavras começaram a fluir, pesadas e dolorosas.

“Nos meus sonhos, eu sinto a presença dele, é como uma sombra, que me observa, e então, ele... ele vem, e tudo que sinto é pânico. Uma sensação de impotência, como se eu não conseguisse lutar”. Os olhos dela brilhavam com a sinceridade de quem está tão exposta, que não há mais o que esconder. Lucas aproximou-se, os braços abertos, quase um impulso involuntário de querer envolvê-la naquele momento de fragilidade. “Wilma, você... não está sozinha nessa”, ele disse, gesticulando com as mãos, tentando abraçar a situação, a emoção. Ele queria que ela sentisse que a vida real era mais forte do que qualquer ser escuro, que pudesse assombrá-la.

Um silêncio pesado pairou entre eles, onde as palavras não ditas dançavam ao redor como pássaros negros em um céu nublado. Lucas sentiu a necessidade de quebrar essa barreira; queria que ela soubesse que não era apenas um mero espectador naquele drama íntimo, mas também, parte fundamental do que estava acontecendo. “Eu quero entender”, ele insistiu, “o que mais você sente durante esses sonhos? Como você se sente quando acorda”? A pergunta flutuou no ar, carregada de ternura e preocupação.

Wilma hesitou, seus sentimentos estavam entrelaçados em uma teia complexa de medo e tristeza. “Depois, eu acordo, e a sensação persiste. É como se ele tivesse deixado um pedaço de si em mim. Isso vai além do sonho”. A voz dela quebrou um pouco, e Lucas pôde ver a fragilidade daquela jovem forte, que muitas vezes ele admirava. Ele queria armazenar cada palavra, cada emoção, como se esse momento fosse uma cápsula do tempo, que deveria ser respeitada.

Enquanto ela falava, Lucas lembrava de suas próprias inseguranças, de como a infância, que ambos viveram magnificava os pesadelos presentes. O momento era crível e intenso: em meio ao terror que Wilma vivia, ele experimentava uma nova forma de amor, um desejo incontrolável de conectar, de proteger. “Isso é importante, você não precisa enfrentar isso sozinha. Nós vamos dar um jeito”, disse ele, a força nas palavras alimentando uma nova esperança, que começava a brilhar no peito dela.

O encerramento dessa conversa não era apenas mais uma troca de desabafos, mas também, um novo marco na relação deles. O amor que antes era assombrado pela incerteza agora se tornava mais profundo, nutrido por essa vulnerabilidade compartilhada. Wilma olhou para Lucas, e mesmo na dor, havia uma luz humilde, um convite à conexão. Juntos, eles estavam prestes a embarcar em um caminho de descobertas, entrelaçando suas vidas de uma forma que nem mesmo a sombra da Quarta Dimensão poderia desfazer.

A conversa que se seguia entre Wilma e Lucas era a pura essência da vulnerabilidade. Lucas respirou fundo, um sentimento de urgência invadindo seu ser, e a lançou um olhar que buscava entender mais do que as palavras que ela acabara de compartilhar. Ele não sabia ao certo como formular suas perguntas, mas a necessidade de protegê-la o impulsionava. “Wilma, o que você sente quando isso acontece? O que vem depois desses sonhos?” A voz dele estava tingida de preocupação, e a solicitação por detalhes não era apenas curiosidade, mas um impulso desesperado de conexão.

Ela hesitou, o silêncio que se instalou entre eles era quase palpável. Os olhos dela brilhavam com uma mistura de medo e alívio por finalmente compartilhar o que a consumia. “É como se uma sombra me seguisse...”, começou a explicar, suas mãos tremendo levemente, “sinto um frio na barriga que não tem explicação. E, às vezes, surge uma sensação de impotência, como se eu estivesse preso em algo maior do que eu.” Lucas a escutava, mergulhando em cada palavra que ela proferia, como se fosse um mantra que precisava ser debitado para que a luz pudesse entrar na escuridão daquele pesadelo.

Ele não pôde deixar de se lembrar do que vivenciara na infância. Era como se os fantasmas do passado dançassem com os demônios de Wilma. “Talvez eu não entenda completamente, mas eu também passei por experiências que me deixaram inseguro. É difícil admitir, mas...”, ele parou por um instante, “é uma luta constante, não é?”. Esse reconhecimento trouxe um

calor inesperado entre eles, um aceno silencioso para a solidariedade em meio ao caos.

Enquanto Wilma se permitia ir mais fundo nessa conversa, ela começou a expor não apenas os horrores dos seus sonhos, mas também sua fragilidade em relação a outros aspectos da vida. “Meus medos, Lucas, eles são extensos e tragadores. Às vezes, sinto que não sou suficiente...”, a voz dela embargou, e Lucas se abeirou mais, buscando segurar a mão dela, fazendo com que houvesse um elo físico entre eles. Ele nunca havia pensado que as vulnerabilidades poderiam se conectar de uma forma tão profunda - o desejo de proteger e a necessidade de ser protegido.

Mas havia algo ainda mais crucial a emergir. “Esses sonhos... será que estão conectados com coisas que eu vivi na infância?” A pergunta ecoou pela sala, e Lucas sentiu a urgência de dar mais respaldo ao que estava sendo desvendado. E assim, Wilma começou a revelar segredos que se prendiam como correntes em sua alma. As memórias insidiosas de momentos de desamparo em que se sentiu desprezada por aqueles que deveriam cuidar dela. Isso era um labirinto que ela ficava perdida, e Lucas pode sentir o peso dessas confissões enquanto se desenrolavam.

“Eu me lembro de um dia em específico...”, ela falava com um olhar distante, quase como se estivesse revisitando um lugar que preferia esquecer. “Era meu aniversário e deveria ser um dia de festa, mas em vez disso, eu estava sozinha,

observando as crianças brincarem enquanto eu me sentia invisível.” Wilma estava exposta, e com isso, Lucas a via sob uma nova luz. Ele sentiu um calor percorrer seu coração ao perceber a bagagem emocional que ela carregava. Isso não era apenas sobre os pesadelos, mas sobre a vida intricada que se desenrolava à sua frente, cheia de nuances.

Essa revelação ecológica entre eles fortaleceu um laço que Lucas não tinha certeza que existisse antes. Ele a encorajou a continuar, como se fosse uma brisa suave que a levasse a contar mais. “Continue, eu estou aqui para ouvir.” E, à medida que as palavras dela se desdobravam, a união entre eles se tornava inegável. Wilma sentia que estava se libertando, soltando o peso que a mantinha reprimida.

A conversa se desdobrou e a lógica do mundo exterior parecia ficar distante, quase como se tudo ao redor se tornasse irrelevante. Os sombrios relatos de outras mulheres que haviam passado por experiências semelhantes surgiram na mente de Lucas. Ele sabia que não eram casos isolados, e essa ideia o fez ferver de uma nova determinação. Depois de ouvir Wilma, o desejo de formar uma rede de apoio se tornou ainda mais forte. O que poderiam fazer juntos? O que significaria conectar-se com essa parte de um todo maior?

Ele recordou as vozes de outras mulheres que enfrentaram batalhas semelhantes em suas vidas. Wilma não estava sozinha; seus pesadelos ecoavam em outras histórias que estavam por aí. Com essa revelação, Lucas se aventurou em uma nova

determinação: criar um espaço onde as mulheres pudessem expressar suas angústias. Uma rede de empoderamento, um pacto silencioso onde a dor compartilhada gera transformação.

“Eu não sei exatamente como, mas podemos buscar respostas juntos”, ele murmurou, a intensidade de suas palavras reforçando o vínculo que se formava entre eles. Essa nova missão deu a Lucas uma nova perspectiva sobre seu papel não só como parceiro, mas como aliado. E, em meio a essa nova dinâmica, a fragilidade de Wilma se misturou com uma doce força. Ela não era mais apenas uma mulher atormentada; ela era um símbolo de resiliência, um testemunho daquele amor profundo e impressionante que poderia superar muitos obstáculos.

No fundo, eles sabiam que o amor, quando genuíno, não era apenas uma reação às circunstâncias, mas uma escolha ativa de estar lá um pelo outro, de enfrentar a escuridão. E isso, por si só, constituía um milagre diariamente renovado. A conversa continuava, mas o que ambos sabiam agora era que, mesmo cercados por sombras, sempre haveria luz em suas conexões humanas. Essa luz os levaria a um campo de resistência contra todas as adversidades. O amor, nem sempre perfeito, era fortemente definitivo.

Lucas estava determinado a entender mais sobre o que afligia Wilma. Após aquela conversa reveladora, ele não poderia permitir que a fragilidade dela se transformasse em um fardo sombrio. Com o coração inquieto, começou a pesquisar

sobre experiências semelhantes, mergulhando na internet em busca de relatos de outras mulheres que também enfrentavam ataques à sua saúde mental. Essas investigações o levaram a um novo mundo, um ambiente onde outras vozes ecoavam suas inseguranças e medos, revelando uma rede invisível de solidariedade entre pessoas que, como Wilma, lutavam contra as sombras que a assombravam.

Durante essa jornada, Lucas se deu conta de que o que ocorria não era um fator isolado. Ele se lembrou de uma amiga da infância, Ana, que havia compartilhado histórias de seus pesadelos, que a perseguiram por anos. Conversando com Ana, ele ouviu relatos de como a pressão de ser perfeita a fazia querer se esconder, não apenas nos sonhos, mas também, na vida real. Era impressionante perceber quantas mulheres (e homens) enfrentavam batalhas internas silenciosas, buscando um espaço seguro para desabafar. “Você nunca imagina que outras pessoas sintam o que você sente, né”? disse Ana, com um sorriso triste no rosto. A expressão dela fez Lucas pensar na profundidade da luta emocional, quase como se cada uma dessas histórias fosse uma peça de um quebra-cabeça maior.

Animado pela nova conexão com essas mulheres, Lucas começou a criar um círculo de apoio. Ele organizou encontros em sua casa, onde essas histórias de superação foram compartilhadas como se cada relato fosse um canto de um coral. A atmosfera era acolhedora, entre risos nervosos e lágrimas silenciosas. Uma das participantes, Juliana, revelou que sempre

sonhou em ser livre de seus próprios demônios, mas nunca encontrou as palavras para expressar o que sentia. “Acho que sempre estive presa a um rótulo”, ela compartilhou, enquanto os outros escutavam apreendendo o que estava sendo contado. Cada experiência narrada ali era um convite à reflexão. Lucas percebeu que vinculá-las a Wilma não era apenas oportuno, era essencial.

Nesse novo cenário, ficou óbvio para Lucas, que sua luta não era somente sobre a proteção de Wilma, mas também, sobre compreender as dinâmicas do amor e da empatia em um sistema sociodemográfico, que, muitas vezes, silencia essas vozes. Era como se uma luz fosse acesa em meio à penumbra, iluminando a solidariedade entre eles. Isso trouxe conforto a Wilma, que começou a se abrir. Ela percebeu que outras mulheres, também, sentiam o peso dos ataques à sua saúde mental, e isso gerou um vínculo ainda mais forte entre ela e Lucas.

A busca por informações e apoio aumentava sua determinação. Em um dos encontros, enquanto conversava sobre um relato impactante, Lucas disse a Wilma: “Sabe, não estamos sozinhos nessa. Essas histórias me fazem perceber que a nossa luta é parte de algo maior, que vai além de nós”. Ele percebeu que, a cada fala partilhada, o entendimento sobre a violência psíquica multidimensional ampliava-se. Wilma olhou nos olhos dele e sentiu que ali havia uma verdadeira força, um elo forjado na vulnerabilidade compartilhada.

Esse círculo se tornou um abrigo, onde ninguém se sentia julgado, mas, acolhido. As risadas se misturavam às lágrimas, e por trás de cada testemunho havia uma resiliência encantadora. Lucas sentiu que esse movimento não somente beneficiava Wilma, mas também, a ele, que começava a compreender melhor o que significava estar ao lado de alguém que lidava com a fragilidade da mente humana. Descobrir que eram parte de uma comunidade de resistência trouxe a Lucas uma nova perspectiva sobre sua masculinidade e papel como aliado das mulheres.

Nas semanas seguintes, a conexão entre eles se intensificou. Lucas não estava apenas ouvindo, estava se envolvendo profundamente. As conversas com as participantes do círculo começaram a moldar, não apenas a maneira como Wilma lidava com seus pesadelos, mas também, a forma como Lucas via sua função. Ele compreendia que a vulnerabilidade não era um sinal de fraqueza, mas também, um espaço vital, onde o amor poderia florescer. Essa troca ressoava na essência de quem eram, desafiando estigmas e redirecionando suas vidas.

Conforme os fatos novos iam surgindo, ambos se deram conta de que a jornada estava apenas começando. O que antes parecia um caminho solitário, agora, transformara-se em uma estrada compartilhada com aliados. Eles encontraram um propósito juntos, um chamado à ação, que transcendeu suas próprias experiências. O amor, com sua profundidade inacreditável, mostrava-se essencial para enfrentar não apenas

os demônios pessoais, mas também, as forças externas que ameaçavam a sanidade de muitos.

Lucas refletiu sobre a verdadeira essência do amor: não se trata apenas de proteger, mas também, de lutar ao lado, de ser a voz daquelas que, caladas, sentem o peso do mundo nos ombros. Olhando para Wilma, ele viu não apenas a mulher, que amava, mas também, uma parceira, uma guerreira. E assim, naquele espaço de entendimento e apoio mútuo, eles estavam prontos para enfrentar quaisquer tempestades que surgissem, unidos em uma jornada de amor e resistência.

Lucas e Wilma se encontraram sentados em um pequeno banco de madeira, cercados pela luz suave que entrava pela janela. O que antes era um espaço de alegria, agora parecia carregado de um peso emocional. Uma calma tensa pairava entre eles, como se o ar estivesse saturado de sentimentos não ditos. Ele olhou nos olhos dela, que traçavam um caminho de dor e vulnerabilidade, e nesse instante, a realidade da violência psíquica revelou-se com clareza cristalina. Era como se finalmente estivessem diante de um espelho, refletindo não só as suas lutas pessoais, mas também os conflitos de um mundo mais amplo.

Foi então que Wilma, com a voz um pouco trêmula, começou a compartilhar suas inseguranças. "Sabe, Lucas, é difícil admitir isso, mas muitas vezes sinto que não sou suficiente..." As palavras dela eram como um eco de outras vozes que Lucas havia ouvido, histórias de mulheres que se sentiram

impotentes, sufocadas por expectativas que não podiam cumprir. Uma onda de empatia envolveu Lucas, incentivando-o a ser um pilar de apoio para a mulher que amava.

Ele a encorajou a continuar, e conforme Wilma se abria, seus olhos brilhavam intensamente. Ela falou sobre as horas intermináveis acordada à noite, imersa em pensamentos que a dominavam. Uma mistura de medo e desespero a havia perseguido em sonhos, um inimigo invisível que a atacava em sua vulnerabilidade mais crua. Lucas, agora profundamente conectado à dor dela, sentiu-se impulsionado a não apenas ouvir, mas buscar uma solução.

A conversa se desenrolou de maneira natural, levando os dois a uma reflexão sobre o impacto que as experiências de infância tiveram nas suas personalidades. Lucas lembrou de momentos de sua própria vida, quando se sentia preso em um mundo que não compreendia. "Talvez seja isso que nos conecta, você sabe? Nossos medos e inseguranças. Te faz querer proteger quem você ama." O olhar de Wilma, que antes estava cheio de sombras, agora começava a brilhar com esperança e solidariedade. Era como se novas possibilidades se abrissem diante deles, desenhando um caminho onde o amor e a compreensão se entrelaçavam.

Além disso, a conversa os encorajou a pensar sobre as outras mulheres que lutam em silêncio com suas próprias batalhas. Lucas sabia que não podia fazer isso apenas por Wilma. Ele queria ser parte de algo maior. A decisão de buscar

apoio fora das paredes de sua relação se tornou evidente. Foi com esse pensamento que Lucas começou a se conectar com outras mulheres, buscando compreendê-las e oferecer solidariedade. O que começou como um desejo sincero de ajudar a amada agora se transformava em um compromisso com uma causa maior.

As reuniões com essas mulheres revelaram histórias impressionantes de superação. Cada relato era único e carregado de resiliência. Lucas escutou experiências de dor profundas e como cada uma delas, ao seu modo, se reergueu diante da adversidade. Uma delas, por exemplo, falava com uma força surpreendente sobre sua jornada de autodescoberta. Enquanto escutava, Lucas era tomado por uma onda de admiração. Cada mulher que compartilhava sua história trazia uma nova percepção sobre a magnitude da luta que enfrentavam, mostrando que a violência psíquica não era uma batalha isolada.

Esse aprendizado ampliou a visão de Lucas sobre a masculinidade e sobre seu papel como aliado. Ele começou a questionar como poderia ajudar de forma mais eficaz, não só sendo um suporte para Wilma, mas também um defensor das vozes silenciosas. Ele percebeu que a luta delas não era só delas. Era uma luta coletiva pela dignidade, pelo respeito e pela liberdade. Isso carregava um peso significativo. Cada história que conhecia o tornava mais consciente da importância de ser

um ouvido atento, um amigo leal e, principalmente, um representante na luta contra as injustiças.

Então, quando Lucas retornou para casa, sentiu um novo propósito. Conversou com Wilma novamente, compartilhando suas descobertas e a sensação de comunidade que havia experimentado. "Amor, há tantas mulheres por aí, lutando como você... E eu quero fazer parte dessa mudança, ser uma voz para as que não conseguem falar". Wilma o olhou com gratidão. O que era um fardo compartilhado estava se transformando em uma luz de esperança. Eles se tornaram um time, unidos não apenas pelo amor, mas também, pela solidariedade.

A conversa passou a refletir sobre a necessidade de estarem juntos, e mais do que isso, a importância de lutarem juntos. Lucas olhou para Wilma e, em um momento de honestidade profunda, refletiu sobre os significados que puderam agregar às suas vidas. "Acho que, mais do que nunca, precisamos uns dos outros. O amor não é só um sentimento; é também um ato de resistência".

Conforme eles encerraram a noite, o diálogo se cristalizou em um entendimento essencial: a proteção mútua e a solidariedade não eram apenas necessárias, eram fundamentais. As forças externas que ameaçavam a conexão deles não eram invencíveis. Com amor, com compreensão e com um compromisso verdadeiro, poderiam enfrentar qualquer coisa. O capítulo da vida deles se abria para um novo

horizonte, onde cada um apoiava o outro na jornada, um espaço onde a luz das conexões humanas resistiria mesmo diante das trevas. E assim, a busca por um futuro melhor se tornava não apenas pessoal, mas uma missão coletiva, um chamado à ação por todos aqueles que habitam o silêncio da dor.

CAPÍTULO 11

145

A Busca por Respostas

*A*determinação de Lucas começou a crescer como uma chama irrefreável, que consumia seus pensamentos. Desde que as revelações sobre as experiências de Wilma surgiram, uma inquietação apoderou-se dele; não era apenas a preocupação com a segurança dela, mas também um desejo profundo de compreender toda a complexidade da Quarta Dimensão e os efeitos que tinha nas vidas das pessoas ao seu redor. Ele estava decidido a agir. Aquelas horas intermináveis, mergulhado em pesquisas online, clicando freneticamente em fóruns repletos de relatos curiosos sobre fenômenos inexplicáveis, tornaram-se um ritual. Cada nova informação parecia um tijolo a mais na construção de uma resposta.

Mas, mesmo com a determinação pulsando em seu interior, havia um medo quase paralisante. O que ele, realmente, estava enfrentando? Enquanto analisava pilhas de anotações, seus olhos cansados percorriam os textos desconexos, que ele havia compilado. Era um emaranhado de ideias e relatos, refletindo seu desespero. Ah, como ele gostaria de encontrar uma solução, um caminho claro que o levasse até a verdade escondida sob a superfície!

Naquelas noites em claro, cercado por livros e folhas desgastadas, os cheiros familiares da casa pareciam intensificar a carga emocional. O aroma do café fresco, em contraste com a brisa fria que entrava pela janela, trazia consigo uma memória reconfortante de tempos mais simples. Ele se lembrou de um tempo em que brincava no quintal, despreocupado, rindo e correndo, sem o peso da angústia que agora o envolvia. Por que era tão difícil proteger quem se ama? A sensação de impotência era como uma pedra em seu peito.

E foi então que, em meio a suas reflexões, um pensamento o atingiu com força: talvez ele não fosse o único a passar por tudo aquilo. Depois de descobrir relatos de experiências semelhantes, tomou coragem e decidiu que precisava não só entender, mas também, agir em relação a isso. Ele não estava lutando apenas por Wilma, mas por todas as pessoas que, como ele, poderiam estar enfrentando essa entidade estranha e obscura da Quarta Dimensão.

Com esse impulso, Lucas começou a entrar em contato com amigos, que poderiam ajudar nessa busca. Vez por outra, ele compartilhou suas inquietações. Ele buscava conselhos, relatos, qualquer peça do quebra-cabeças, que pudesse fazer sentido. O coração acelerava na expectativa do que poderiam descobrir juntos. Cada conversa era um passo em direção ao desconhecido, ao mesmo tempo excitante e aterrador.

E essa determinação fervilhante o levou a decidir participar de um grupo de apoio, que lidava com essas experiências. Ele

sabia que precisava de companhia, de vozes, que poderiam ecoar suas próprias dúvidas e medos. E, assim, entre as anotações que pareciam se multiplicar e os sentimentos que o invadiam, Lucas sentiu que a busca por respostas começava a tomar forma. A ponte que o levaria a novas conexões estava prestes a ser atravessada. O caminho não seria fácil nem linear, mas, uma certeza estava brotando em seu interior: ele não desistiria. A busca por respostas começava a dar os primeiros passos, lançando-o em uma jornada que mudaria tudo.

Lucas entrou na sala de reuniões, sentindo um misto de ansiedade e esperança. O espaço era simples, mas, havia algo reconfortante na decoração: algumas poltronas gastas, dispostas em círculo e um violão encostado em um canto, como se esperasse pela chance de aquecer o ambiente com música. Mesmo assim, a tensão pairava no ar. A presença de outras pessoas falava mais alto, que as palavras não ditas. Todos ali traziam suas experiências inusitadas, suas questões profundas, iguais ou, ainda, mais intrigantes, que a sua. Em cima de uma mesa improvisada, algumas xícaras de café estavam alinhadas, liberando um aroma nostálgico, que parecia abraçar a todos.

Ele se sentou e deu uma rápida olhada para os rostos à sua volta. Uns pareciam cativados pela própria dor, outros, curiosos, mas, todos carregavam uma expressão, que Lucas reconhecia bem: a busca por compreensão. Olhando para um dos membros do grupo, uma mulher de cabelos grisalhos e olhos cheios de histórias, sentiu um acolhimento inesperado.

Ao abrir a boca, ela começou a contar sobre sua experiência, como se cada palavra fosse uma peça de um quebra-cabeças, que ela precisava montar.

Ao ouvir relatos diversos, algo dentro de Lucas começou a se movimentar. Uma sensação estranha, mas, ao mesmo tempo libertadora. Cada história, que ecoava na sala, era um eco das suas próprias inseguranças, mas também, uma ponte para a resiliência. O que parecia um fardo transformou-se em um espaço de crescimento mútuo. Um homem com voz rouca fez um comentário hilário, quebrando a tensão, e risadas se espalharam. Era curioso como um único momento leve podia fazer o peso da angústia parecer mais leve.

Ele percebeu que não estava só. As confissões, cheias de fragilidade, trouxeram à tona uma força coletiva. Com um sorriso amarelo, Lucas lembrou-se de quando, na infância, havia se juntado a um grupo de amigos para montar um acampamento na sala de estar. A camaradagem e o apoio mútuo, que vivera naquela época pareciam ressurgir ali, em meio a estranhos, que se tornaram cúmplices de experiências sufocantes. Durante a conversa, sentiu os olhos encherem-se d'água. Não era só dor, que unia aquelas pessoas, mas também, uma busca incansável por soluções.

Quando chegou a sua vez de falar, respirou fundo. Havia um turbilhão de pensamentos chocando-se em sua mente, contudo, no seu mundo interior, algo pedia para se manifestar. Não foi fácil expor suas vivências, mas, ao fazê-lo, sentiu como

se estivesse dividindo um enorme peso, em vez de carregar tudo sozinho. Um profundo sentimento de alívio permeou o ambiente. Algumas cabeças assentiram, sinalizando que se identificavam com suas palavras. Ele percebeu que, afinal, a vulnerabilidade tinha um sabor diferente, mais próximo da resistência do que da fraqueza.

O diálogo desenrolou-se naturalmente, entre risos e lágrimas. Conversas sobre como lidar com as circunstâncias, os medos, que se apresentavam nas caladas da noite, e o anseio por controle surgiram como temas centrais. Eram discussões, que não só desnudavam os desafios individuais, mas também, ofereciam carinho e suporte. Essa energia, que fluía entre eles fez Lucas sentir-se mais seguro, quase como se estivesse criando raízes em um novo solo fértil.

Ao final da reunião, marcada pela partilha genuína de sentimentos e experiências, Lucas saiu com a mente repleta de novas ideias. A conexão com aquelas pessoas o deixou cativado. Havia mais fatores em jogo do que seu próprio sofrimento. Agora, a busca era compartilhada, e Lucas podia sentir que tinha um papel em meio àquela trama complexa, onde a dor tornava-se uma ferramenta para construir laços de solidariedade.

Naquela noite, ao deitar-se em sua cama, não conseguiu deixar de pensar sobre como as redes que se formam em momentos de vulnerabilidade são, na verdade, um ato de resistência profundo. A esperança e a coragem, que começaram

a brotar naquela sala imbuída de sentimentos honestos, estimulavam uma nova perspectiva em Lucas sobre o que estavam enfrentando. A jornada estava apenas começando, mas, sem dúvida, ele não estava mais sozinho nessa busca.

As conversas no grupo trouxeram à tona um aspecto fundamental da experiência humana: a vulnerabilidade. Ao se abrir sobre suas fraquezas e medos, Lucas começou a perceber que essa fragilidade, em vez de enfraquecê-lo, na verdade, criava uma ponte para a empatia e a solidariedade.

Enquanto os membros compartilhavam suas histórias, a sala parecia se encher de uma energia renovadora, quase palpável. Era como se cada confissão servisse de combustível para o crescimento de todos ali presentes. Ela não é um fardo, pensou Lucas, mas sim, uma oportunidade de se conectar de maneira mais profunda. Logo, ele ouviu um homem mais velho, com as mãos trêmulas e a voz embargada, narrar um evento impactante: havia perdido sua filha para algo que ele só conseguia descrever como uma sombra, que a consumia lentamente. As lágrimas escorriam pelo rosto dele e, ao ouvir essa história, Lucas sentiu um nó na garganta. Não apenas pela dor do homem, mas também, pela sua própria luta interna, reconhecendo, que o medo de perder Wilma o acompanhava como uma sombra invisível.

A atmosfera leve que, em muitos momentos, é percebida em ambientes de apoio começou a se misturar à seriedade das trocas. Havia risadas intercaladas com sussurros de dor, um

contraste que cada um na sala parecia aceitar com naturalidade. Quando uma mulher deu uma descrição hilária de sua primeira experiência com o inexplicável, todos riram, daquele tipo de riso que une. Lucas viu ali uma representação inequívoca da condição humana: podemos encontrar leveza mesmo nas situações mais difíceis. Foi nessa conexão que ele percebeu que não estava sozinho em sua busca; cada membro carregava um peso semelhante. Ah, e lembrou-se de um amigo que sempre dizia que “juntos somos mais fortes”, e aquilo nunca pareceu tão verdadeiro.

Em um momento de reflexão profunda, Lucas começou a compartilhar sua própria experiência. Fez isso hesitante, mas logo suas palavras ganharam força. Revelou como a presença daquela entidade fazia seu coração acelerar e como se sentia impotente diante dela. Quando terminou, viu olhares solidários se voltando para ele, de modo que sentiu a necessidade de continuar falando, de abrir mais sua alma. “Eu não quero apenas entender isso. Quero protegê-la, quero saber o que podemos fazer!” Sua voz tinha um tom intenso, um misto de desespero e esperança.

Com o passar do tempo, Lucas percebeu que algumas vulnerabilidades se transformavam em força, não apenas para ele, mas para o grupo. As discussões começaram a tomar um rumo mais profundo, enquanto cada um fazia perguntas difíceis e instigantes, refletindo sobre suas jornadas pessoais. Como podemos lidar com o medo? Como podemos nos apoiar

de verdade? Esses questionamentos geraram uma atmosfera de crescimento coletivo, onde a luta de cada um se tornava um aprendizado para o outro. Ponderou, pensando nas lições que estavam sendo aprendidas ali, sobre o poder do grupo: “É incrível como o apoio mútuo traz alívio, não é”?

Essa troca não era apenas uma forma de buscar respostas externas, mas, uma busca interior intensa. Ele se deu conta de que ao se abrir, estava não apenas revelando seu eu mais íntimo, mas também, estimulando os outros a fazerem o mesmo. Conversas profundas surgiam espontaneamente, sobre emoções, medos, mas também, sobre superações e momentos de alegria inesperada. Certas memórias trazidas à tona pareciam tocar em feridas, mas, ao mesmo tempo, eram um caminho para a cura.

Ao fim, daquela reunião, Lucas sentiu-se mais confiante. O sentimento de solidariedade era reconfortante e uma ideia firmou-se em sua mente: ele poderia se tornar um pilar de apoio para aqueles, que compartilhavam com ele esse fardo. Ao se olhar no espelho, não via mais apenas um homem angustiado, mas, alguém capaz de ser forte, um amigo, que poderia ajudar outros em suas batalhas.

Ele sorriu ao concluir que, naquele espaço, a vulnerabilidade não era um sinal de fraqueza, mas, de coragem. Para ele, as conversas, que tiveram se transformaram em ferramentas chocantes, quase como armas para a luta, que se aproximava. Sabia que não seria fácil, contudo, estava

determinado. Reforçou internamente que, juntos, eles poderiam enfrentar qualquer desafio, que a entidade, que habita a Quarta Dimensão lhe apresentasse. Sentiu, pela primeira vez que, apesar da dor, havia um futuro almejado, construído por meio das relações e do amor que se entrelaçavam ali.

Lucas observou os rostos de seus companheiros de grupo, cada um carregando suas próprias dores e esperanças. Era uma sala modesta, mas, a energia psíquica, que permeava o ambiente pulsava de maneira intensa, envolvente. Ele sentia que, naquela configuração quase familiar, começava a despontar algo, que não havia percebido antes: a ideia de que poderia ser mais do que um mero participante. Poderia ser um guia, alguém que, através de suas experiências, poderia trazer à tona a força escondida em todos eles.

As conversas passavam de uma pessoa a outra como um jogo de palavras, e Lucas decidiu compartilhar uma de suas histórias. "Sabe, quando era criança, tive um cão, que adorava correr pela praça. Mas, em um dia específico, eu não o encontrei. Fiquei desesperado. Antes mesmo dos meus pais chegarem, eu já tinha feito uma busca minuciosa. Interiormente, o que eu realmente queria era aprender a lidar com o medo de perdê-lo". Ele sorriu, lembrando daquele momento, e as risadas não tardaram a surgir. Ali, entre histórias de perda e reencontro, a vulnerabilidade, que antes parecia uma fraqueza, agora, convertia-se em força coletiva!

O riso se misturava às lágrimas e, de repente, Lucas percebeu como a solidariedade iluminava o espaço. Cada um dos membros estava disposto a compartilhar suas memórias, contando sobre suas vivências com uma realidade invisível, sobre a incerteza, que a envolvia e a forma como essa incerteza os havia moldado. Ouvindo o relato de uma mulher, que descreveu uma experiência quase surreal em uma casa abandonada, ele sentiu um frio na barriga. Era impressionante perceber que cada história trazia consigo uma lição, uma semente de esperança para quem estava disposto a ouvir.

Enquanto as conversas se entrelaçavam, Lucas começou a entender que o verdadeiro propósito de sua nova posição era criar um ambiente, onde a empatia pudesse florescer. "Olha, talvez não tenhamos todas as respostas", ele refletiu; "mas, se nos unirmos, quem sabe não conseguimos descobrir um caminho mais claro? A vulnerabilidade, que enfrentamos não nos encolhe; pelo contrário, nos une de uma forma que, sinceramente, é surpreendente"!

Nesse momento, de clareza, Lucas percebeu que seu papel como um futuro líder dependia da habilidade de ouvir e acolher as histórias dos outros. Ele queria ser aquele, que não apenas guiava, mas, que também, inspirava. Era um espaço, onde todos eram livres para expor seus medos e inseguranças, em que cada relato contribuía para um quadro maior, para uma muralha contra a solidão e a dúvida.

A sabedoria acumulada nas experiências compartilhadas começou a criar um forte laço entre eles. A conversa não era apenas sobre a luta contra uma entidade invisível na terceira dimensão do espaço-tempo, mas também, sobre como cada um poderia apoiar o outro nessa jornada. Lembrou-se do que um dos participantes disse, com um sorriso condescendente: "Fazemos o que podemos, mas, juntos, chegamos mais longe"! A verdade, naquelas palavras ressoava em Lucas, como se este fosse o mantra, que ele poderia levar para frente.

Outro membro, em meio a um turbilhão de emoções, compartilhou um sonho, onde via uma luz dançante. "A luz era reconfortante, como um abraço, que me disse que tudo ficaria bem". Aquela descrição tocou Lucas profundamente. Ah, como ele já havia desejado por um milagre desse tipo, porém, a verdade era que, naquelas paredes, uma luz diferente estava sendo criada: a luz da esperança, da conexão e do entendimento!

E assim, ao final da reunião, Lucas se sentia mais forte, não apenas por obter novos conhecimentos, mas também, por sentir que, com a colaboração do grupo, poderia, de fato, enfrentar as forças obscuras, que ameaçavam a todos eles. A camaradagem florescia e, gradualmente, ele assumia uma nova identidade, não apenas como um buscador de respostas, mas, como um ser humano disposto a liderar – e isso, em sua essência, era um milagre!

Nos olhos de seus companheiros, ele viu também o reflexo de sua própria transformação. Com determinação renovada e uma nova perspectiva, erguia-se como um líder entre iguais, e nesta jornada de vulnerabilidade e resistência, a conexão, que, agora, estabelecia tornava-se tão profunda, quanto essencial. Ele sorriu, percebendo que a liderança não se tratava de almejar controle, mas sim, de servir e elevar os outros, um aprendizado, não só para ele, mas, para todos, que passaram a se notarem mais, uns aos outros. E assim, ao encerrar a noite, a chama da esperança começou a brilhar mais intensamente, pronta para brilhar, ainda mais, nas páginas do que estava por vir.

CAPÍTULO 12

O Enfrentamento Final

A atmosfera naquele espaço estava eletromagneticamente carregada, como se a própria energia do universo estivesse tomando forma, prestes a explodir em sua face. Lucas e Wilma se encontraram em um canto acolhedor de sua casa, onde o aroma do incenso queimando flutuava suavemente no ar, criando um ambiente quase sagrado. A luz suave do fim de tarde entrava pela janela, dançando nos rostos deles, refletindo um momento de introspecção e, ao mesmo tempo, de profunda conexão. O coração de Lucas batia acelerado, enquanto uma sensação de angustiante expectativa tomava conta dele, misturando-se à determinação, que pulsava em suas veias.

Estavam ambos os cientes da gravidade do que estava por vir. Ponderaram sobre as estratégias, que usariam para confrontar a entidade da Quarta Dimensão, uma presença, que não era apenas um desafio físico, mas também, uma materialização de tudo que temiam e, por que não dizer, de tudo que desejavam superar. Lucas expressou sua ansiedade, e Wilma, com o olhar firme e a voz doce, prometeu protegê-lo, assim como, ele a protegeria. Era um pacto silencioso, mas, poderoso, recheado de promessas de amor e suporte mútuo.

Era impressionante como a vulnerabilidade deles, ao mesmo tempo que expunha medos, fortalecia a sanção de que enfrentariam juntos o que quer que estivesse por vir.

A memória de Lucas buscava por flashbacks das histórias, que ouvira sobre outras vítimas. Ele se lembrou de cada relato angustiante, cada lágrima derramada, cada encarnação perdida, e o peso dessas memórias acumulava-se em seu coração como uma carga pesada. Uma fragilidade crua estava à espreita, mas, havia também a força, que surgia da certeza de que ele não estava sozinho. Enquanto vestiam os amuletos e preparavam suas roupas, cada peça de vestuário parecia carregar consigo não apenas calor, mas também, uma esperança avassaladora. Eram símbolos não apenas de proteção, bem como de compromisso e do desejo de lutar pela Essência Eterna do que realmente todos os humanos são feitos. Ele se lembrou, quase como um relance no passado, de um momento em que haviam se olhado nos olhos e se prometido serem sempre um para o outro, não importa o que acontecesse. Era como se a intensidade daquela promessa ecoasse, agora, em cada gesto.

Os dedos de Wilma tremiam levemente, enquanto ela ajustava o amuleto em seu pescoço. Aquela pequena ação simples, embora comum, parecia quase cerimonial. Lucas pode sentir uma onda de calor, quando ela se virou para ele, um brilho peculiar em seus olhos. "Estamos prontos para isso, certo"? Perguntou ela, com uma mistura de coragem e vulnerabilidade, que fez o coração dele quase parar. Agora, o

que estava em jogo não era apenas a segurança física deles, mas também, a própria Essência Eterna de Wilma. A gravidade desse fato atingiu Lucas como um soco no estômago, contudo, ao mesmo tempo forneceu um combustível ardente para sua determinação.

E assim, naquele espaço, ritualisticamente, Seguro e Sagrado, os dois se prepararam, não apenas para um confronto com a força opressora, mas, para uma batalha com suas próprias vulnerabilidades. Envolveram-se na Energia da Chama Eterna daquele momento, pois, não havia dúvida de que eram mais fortes juntos. O enfrentamento, que estava por vir, reverberava em seus corações, um chamado que invocava não apenas luta, mas também, amor em sua forma mais pura!

E quem diria que aquela tarde, marcada por um incenso queimando lentamente, tornar-se-ia o prelúdio para uma das batalhas mais impactantes de suas vidas! Assim, naquele instante de preparação, Lucas e Wilma não apenas se preparavam para um desafio externo, como também, tornaram-se a personificação de tudo o que o amor e a coragem poderiam significar: uma força inquebrantável diante do desconhecido, um elo que transcende a dor e o medo!

O espaço em que Lucas encontra-se está envolto por uma escuridão densa, como se as sombras dançassem em um balé macabro, aumentando a sensação de urgência. Ele sente sua energia eletromagnética pulsar em seus corpos multidimensionais, um calor vibrante que se intensifica a cada

passo; acionando sua força interior do Fogo Solar. As cores ao seu redor são vibrantes nos recessos daquelas sombras, uma tapeçaria de luz e escuridão, que reflete a batalha multidimensional, que ele vive. Wilma está ao seu lado, sua presença é um farol em meio à penumbra. Ele percebe o que transparece em seu olhar: determinação misturada com um leve tremor de medo, uma frágil linha entre coragem e vulnerabilidade.

Assim que, a entidade da Quarta Dimensão aparece, é como se o ar ao redor deles se tornasse mais pesado. A figura, envolta em uma aura de sombria magnificência, sorri com um semblante que mescla desdém e intrigante curiosidade. "Vocês acham que o amor é capaz de realmente superar a escuridão"? Inquire a criatura! Sua voz ressoando em um tom profundo e ameaçador. Lucas sente um frio energético no plexo solar; um lembrete daquele momento em que quase duvidou de sua própria Força Eterna. Ele se dá conta de que naquela fraqueza reside não apenas sua luta, mas, o reflexo de todas as inseguranças, que lutaram por espaço em sua personalidade nessa vida.

A batalha começa. Lucas avança, canalizando sua Energia Eterna, a luz do Fogo Solar para enfrentar a entidade. Cada golpe é uma expressão de suas convicções, cada movimento um eco das promessas que fez a Wilma. Sabe que esta luta não é apenas por ela fisicamente, mas, e principalmente pela Essência Eterna, que pulsa no seu Centro de Unidade e de todos os seres

humanos; libertá-la significava tornar livre todas as mulheres energeticamente escravizadas no planeta terra. Wilma, por sua vez, junta-se a ele. Com uma determinação inesperada, ela projeta seu Corpo de Eternidade Solar, não se transformando apenas na companheira necessitada, mas, numa Chama Flamejante e Imortal. É surpreendente, até mesmo para Lucas, vê-la assumir um papel ativo na defesa de seus sentimentos, um testamento da força que o amor pode gerar.

Enquanto a batalha se desenrola, cada impacto parece misturar dor e revelações. "Vocês realmente acreditam que suas fraquezas podem vencer a escuridão"? Provoca a entidade, insinuando que o amor é fútil diante de Poderes que testemunharam e manipularam a dor humana por eras. Essas palavras atingem Lucas com a intensidade de um soco no estômago. Ele hesita por um breve instante, questionando se está lutando realmente por Wilma ou se essa é uma batalha contra suas dúvidas pessoais. Wilma, percebendo a mudança na expressão de Lucas, grita: "Acreditar é a única arma que temos"! A força em sua voz parece aguçar o foco de Lucas, como uma corda puxada assiduamente até seu limite, pronta para disparar.

A luta intensifica-se, os flashes de suas Energias Eternas entrelaçando-se num espetáculo de Luzes multidimensionais inexoráveis. Eles trocam olhares rápidos, comunicando-se apenas por meio da conexão visceral que estabeleceram ao longo da jornada. Lucas e Wilma parecem quase se lembrar de

cada risada e lágrima que acumularam, cada desafio que enfrentaram juntos. As memórias fluem como um rio, lembrando-os dos motivos, que os trouxeram até esse momento crucial.

Por fim, um clarão de Luz Solar manifesta-se, quando Lucas, finalmente, canaliza e Acessa toda a Energia do seu Corpo de Eternidade Solar no auge da batalha, um movimento que poderia mudar tudo. Com um grito que é parte clamor e parte súplica, ele dispara uma Onda de Calor Flamejante, que atravessa a escuridão e atinge frontalmente a entidade das trevas, que solta uma espécie de grunhido bestial. E naquele instante, Lucas percebe que não está apenas lutando por Wilma, mas também por um futuro, que desejam construir juntos, onde a simplicidade de um amor genuíno torna-se o antídoto contra a opressão.

Um momento de pause. A entidade não consegue reagir, absorvendo a intensidade do que representam. No fundo, uma voz interna de Lucas ecoa, lembrando-o de que amar é assumir riscos, é ir além da superfície dos medos. O conflito torna-se um elo poderoso, onde a luta não é apenas contra forças externas, mas também, uma superação da vulnerabilidade, que transforma a fraqueza na Força do seu Ser Eterno. E entre cada giro e golpe, o amor deles resplandece, um mar de luz e cor em meio à escuridão, refletindo um futuro, que, ainda, está por vir, mas que já se sente inevitável.

Entre a confusão da batalha e a turbulência emocional, Lucas e Wilma encontraram um momento de pausa. Enquanto, a poeira trevosa, ainda, pairava no ar magnetizado e a Luz, que emanava de Lucas fazia o ambiente resplandecer, eles se voltaram um para o outro. O coração de Lucas estava intensamente pulsante; a adrenalina corria por suas veias, contudo, ao olhar nos olhos de Wilma, encontrou algo mais do que uma mera parceira de luta. Era uma conexão multidimensional, uma unidade invencível entre Corpos de Eternidade

"Você se lembra daquela noite em que, simplesmente, sentamos na varanda, sem saber o que o futuro nos reservava"? Perguntou Lucas, ainda, ofegante. A lembrança daquele momento pacífico contrastava com a intensidade do que estavam vivenciando agora. Wilma assentiu, com um pequeno sorriso, que iluminava seu rosto, mesmo em meio ao caos do campo de batalha.

Naquele instante, ambos perceberam que a luta deles não era apenas contra uma força externa, mas sim, contra as inseguranças que habitavam em seus corações. O ser da Quarta Dimensão havia trazido à tona, não apenas um desafio físico, mas também, um teste humano intradimensional. As palavras da entidade ecoavam, insinuando que o amor poderia ser uma fraqueza.

"Amar significa existir em unidade", respondeu Wilma, com uma sinceridade, que cortou o ar. "E isso não é fraqueza,

mas coragem”. A intensidade em sua voz fez ecoar a verdade, que ambos estavam começando a apreender, sim, apreender! Eles eram mais fortes juntos e essa Força Solar advinha de regiões invisíveis aos olhos carnaís, tridimensional. O diálogo entre eles se tornou um reflexo das lutas internas, que viam enfrentando, criando um espaço seguro, onde podiam se despir de suas armaduras e se expor sem medo.

Enquanto conversavam, o cenário ao redor deles parecia desaparecer, e o mundo exterior tornava-se secundário. Era como se o tempo tivesse parado, e as suas vozes se tornassem o único som dentro daquela dimensão nebulosa. Lucas percebeu que cada palavra trocada era um ato de resistência. Um milagre silencioso, que os unia. Ouvindo Wilma, ele sentiu uma onda de esperança crescendo dentro de si. “Então, precisamos lutar, não só por nós, mas, por tudo o que acreditamos”, disse ele, percebendo que o amor deles era um farol na escuridão.

Com isso, sua confiança começou a se manifestar. Essa luta não era só deles; era uma representação do que realmente significa amar em um mundo que muitas vezes tenta dismantelar essa conexão. Eles eram um reflexo um do outro, um testemunho do poder do amor em tempos de crise. Lucas sentiu a energia dentro de si pulsando mais forte. Era como se cada palavra de Wilma o fortalecesse, e a luz que emanava dele agora também abrisse um espaço no coração dela. Ao compartilharem suas dúvidas e temores, eles se tornaram mais do que lutadores; tornaram-se um símbolo de esperança.

No meio desse torvelinho emocional, o ambiente ao redor começou a se transformar novamente. As sombras, antes opressoras, pareciam encolher diante da força, que emanava de sua conexão. O que antes parecia um fim, agora, movia-se lentamente em direção a um novo começo. O amor deles não era apenas uma luta contra um inimigo; era um grito de liberdade, que clamava pela vida, pelo direito de existir plenamente. Eles perceberam que o futuro poderia ser repleto de incertezas, contudo, juntos, estariam prontos para enfrentá-las.

E assim, respirando fundo, Lucas e Wilma prepararam-se para o que viria a seguir, sabendo que os outros desafios, ainda, estavam por vir. Porém, naquele momento, eles estavam prontos, não apenas para lutar um pelo outro, mas para transformar sua vulnerabilidade em força. A vivência desse amor e coragem era a chave para enfrentar, não apenas a entidade, que os ameaçava, mas também, tudo o que pudesse surgir em seus caminhos.

Com o silêncio da batalha, ainda, ecoando ao redor deles, Lucas e Wilma encontraram-se em um espaço incerto, onde a realidade parecia se desvanecer. A luz que emanava do Corpo de Eternidade de Lucas, um brilho extasiante, quase palpável, projetava sombras dançantes nas paredes fluidas da quarta dimensão, que haviam adentrado. Com cada respiração, eles sentiam a Energia Solar pulsando, como se todo o universo estivesse direcionado a aqueles momentos finais.

O calor do que haviam enfrentado, ainda, envolvia seus corpos tridimensionais, físicos, porém, agora, em vez de arrasamento, havia uma leveza. Era como se a fumaça da tensão estivesse, aos poucos, dissipando-se. Lucas segurou a mão de Wilma, um gesto simples, que falava mais do que palavras. Seus olhares cruzaram-se, e ele viu, não somente, uma parceira, mas, seu Corpo de Eternidade, que havia endurecido nas chamas da batalha e que, agora, brilhava intensamente. "Estamos juntos nessa agora", pensou, sentindo uma onda de determinação preencher seu ser.

O que antes parecia um fardo insuportável, tinha se transformado em um elo inquebrantável. Eles não eram mais apenas dois indivíduos lutando contra uma entidade, mas sim, uma dupla dançando em harmonia, que havia descoberto a profundidade do amor e a força da vulnerabilidade. Cada um trazia suas cargas, seus medos, mas também, suas esperanças, e ali, na crueza do instante, eles compreendiam que a luta não garantia apenas a sobrevivência naquele momento, mas, uma preparação autêntica para outras batalhas futuras.

Conversavam entre ofegos, palavras brotando em meio ao caos. "O que realmente desejamos"? Wilma questionou, quebrando o silêncio. O diálogo flui livremente, entrecortado por risos nervosos e expressões de incerteza. "Amar não é só enfrentar monstros, é... escolher ser visto, mesmo quando a luz do externo é quase nada", respondeu Lucas, suas palavras

envolvidas de sinceridade. Era uma descoberta que, até aquele momento, parecia distante.

Naquelas revelações, havia uma energia vibrante, recheada de promessas. O ambiente ao seu redor iluminava-se, não apenas pela luz que emanava de Lucas, mas, pela conexão genuína que desenvolviam. Era quase uma dança, onde cada movimento refletia seus medos, suas vitórias, até mesmo suas fragilidades. A força de Wilma não era apenas uma adição ao poder de Lucas; era uma sinfonia de emoções que construía a base daquela luta.

Eles se tornaram cientes de que a adversidade, que enfrentavam era reflexo de suas inquietações internas. O que tinha sido apenas uma luta pela vida transformou-se em uma busca por significado, pelo entendimento honesto do amor e suas complexidades. A cada passo que davam, eles reconheciam a importância de estar vulneráveis, de se permitir sentir a intensidade do medo, mas também, da esperança!

A Luz do Corpo de Eternidade, que se irradiava de do Centro de Unidade de Lucas revelava mais do que Força; ela simbolizava o renascimento, ao mesmo tempo um reflexo do que eram e do que ainda poderiam se tornar. Eles falavam sobre planos, sobre um futuro, que se desdobrava diante deles, como um manto de estrelas. Wilma visualizava um amanhã, onde poderiam ser companheiros em um sentido mais profundo: protagonistas em histórias, que ainda estavam por vir.

Enquanto as cicatrizes da batalha eram visíveis, o que realmente ressoava era a nova perspectiva, que tinham adquirido. O que antes era um fim, agora, era um novo começo, cheio de promessas e possibilidades. Em meio ao renascimento, havia um entendimento de que, apesar dos desafios a serem enfrentados, estava nas escolhas do amor que eles moldariam suas vidas futuras. Assim, mesmo sem saber o que o amanhã reservava, estavam prontos para caminhar juntos, de mãos dadas, prontos para encarar o desconhecido com coragem incomensurável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A*jornada, que vocês acabaram de percorrer nas páginas de "Janela para o Infinito II - Lucas encontra Wilma", é uma representação da complexidade do amor, da luta e da busca por autoconhecimento em um mundo, que, muitas vezes, apresenta-se hostil. Cada capítulo trouxe desafios, que foram não apenas enfrentados por Lucas e Wilma, bem como, refletiram as próprias batalhas, que todos nós enfrentamos em nossas vidas diárias. A possessão, a amnésia, os ataques psíquicos, cada um desses elementos é uma metáfora para os medos e inseguranças, que permeiam o ser humano, e a luta contra forças, que desejam nos prender em nossas próprias sombras.

Ao longo dessa obra, procurei criar um espaço, onde vulnerabilidade e força se entrelaçam, onde o amor é mostrado como um ato de coragem, em vez de uma simples entrega. Assim, as interações entre Lucas e Wilma tornam-se um campo de batalha não só contra forças externas, mas também, uma reafirmação de quem eles são e do que representam um para o outro. Nessa construção, convido você, leitor(a), a refletir sobre sua própria história. Como você lida com suas inseguranças? Quais são as suas próprias batalhas internas? Cada um de nós é chamado a encontrar força em meio ao caos, e a determinação para buscar a verdade, mesmo, quando ela parece difícil de aceitar!

Além disso, ao conversar sobre o amor e a necessidade de conexão, busquei ressoar a importância de se abrir para aqueles, que nos cercam, de compartilhar nossas experiências de dor e superação. O apoio mútuo e a compreensão são ingredientes essenciais em qualquer relação verdadeira. Que possam reconhecer a força que vem do Interior de cada um e da coletividade, da partilha de histórias. A luta, que Lucas e Wilma travaram é emblemática de uma luta coletiva, onde, o amor torna-se um poderoso aliado na batalha contra o medo e a opressão.

Por fim, agradeço a cada um de vocês por embarcarem nesta viagem. Espero que as lições, os dilemas e as emoções vividas por Lucas e Wilma ecoem em seus Centros de Unidade, inspirando não apenas reflexões, mas também, ações em suas próprias vidas. Que cada um possa encontrar e valorizar a Luz Eterna, que pulsa silenciosamente dentro de cada ser humano, e que nunca deixem de lutar, pois no fundo, todos nós temos a capacidade de nos tornarmos a melhor versão de nós mesmos.

Carlindo de Lira Pereira

SOBRE O AUTOR

171



Mestre em Ciências da Educação.

Mestrado em Comunicação.

Associado fundador da Academia Arapiraquense de Letras e Artes.

Associado Fundador da Sociedade Pestalozzi de Arapiraca. Acadêmico

Correspondente da Academia Santanense de Letras e Artes e

Palmeirense de Letras. Pró-Reitor de Extensão e Professor efetivo da Universidade Estadual de Alagoas.



EDITORA EDIFIKA

WWW.EDITORAEDIFIKA.COM.BR

82 9 9376 2377

*Praça Menino Jesus, 85. Santa Esmeralda
Arapiraca-Alagoas
57312-080*